

COLEÇÃO APLAUSO PERFIL

MARLENEFRANÇA

DO SERTÃO DA BAHIA
AO CLAMOR ARAZZO

MARIA ROSÁRIO CAETANO

mprensa oficial

Marlene França

**Do Sertão da Bahia
ao Clã Matarazzo**

Marlene França

**Do Sertão da Bahia
ao Clã Matarazzo**

Maria do Rosário Caetano

| imprensaoficial

São Paulo, 2010

GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO

Governador Alberto Goldman

imprensa**oficial** Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Diretor-presidente Hubert Alquéres

Coleção Aplauso

Coordenador Geral Rubens Ewald Filho

No Passado Está a História do Futuro

A Imprensa Oficial muito tem contribuído com a sociedade no papel que lhe cabe: a democratização de conhecimento por meio da leitura.

A Coleção Aplauso, lançada em 2004, é um exemplo bem-sucedido desse intento. Os temas nela abordados, como biografias de atores, diretores e dramaturgos, são garantia de que um fragmento da memória cultural do país será preservado. Por meio de conversas informais com jornalistas, a história dos artistas é transcrita em primeira pessoa, o que confere grande fluidez ao texto, conquistando mais e mais leitores.

Assim, muitas dessas figuras que tiveram importância fundamental para as artes cênicas brasileiras têm sido resgatadas do esquecimento. Mesmo o nome daqueles que já partiram são frequentemente evocados pela voz de seus companheiros de palco ou de seus biógrafos. Ou seja, nessas histórias que se cruzam, verdadeiros mitos são redescobertos e imortalizados.

E não só o público tem reconhecido a importância e a qualidade da Aplauso. Em 2008, a Coleção foi laureada com o mais importante prêmio da área editorial do Brasil: o Jabuti. Concedido pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), a edição especial sobre Raul Cortez ganhou na categoria biografia.

Mas o que começou modestamente tomou vulto e novos temas passaram a integrar a Coleção ao longo desses anos. Hoje, a Aplauso inclui inúmeros outros temas correlatos como a história das pioneiras TVs brasileiras, companhias de dança, roteiros de filmes, peças de teatro e uma parte dedicada à música, com biografias de compositores, cantores, maestros, etc.

Para o final deste ano de 2010, está previsto o lançamento de 80 títulos, que se juntarão aos 220 já lançados até aqui. Destes, a maioria foi disponibilizada em acervo digital que pode ser acessado pela internet gratuitamente. Sem dúvida, essa ação constitui grande passo para difusão da nossa cultura entre estudantes, pesquisadores e leitores simplesmente interessados nas histórias.

Com tudo isso, a Coleção Aplauso passa a fazer parte ela própria de uma história na qual personagens ficcionais se misturam à daqueles que os criaram, e que por sua vez compõe algumas páginas de outra muito maior: a história do Brasil.

Boa leitura.

Alberto Goldman

Governador do Estado de São Paulo

Coleção Aplauso

O que lembro, tenho.
Guimarães Rosa

A *Coleção Aplauso*, concebida pela Imprensa Oficial, visa resgatar a memória da cultura nacional, biografando atores, atrizes e diretores que compõem a cena brasileira nas áreas de cinema, teatro e televisão. Foram selecionados escritores com largo currículo em jornalismo cultural para esse trabalho em que a história cênica e audiovisual brasileiras vem sendo reconstituída de maneira singular. Em entrevistas e encontros sucessivos estreita-se o contato entre biógrafos e biografados. Arquivos de documentos e imagens são pesquisados, e o universo que se reconstitui a partir do cotidiano e do fazer dessas personalidades permite reconstruir sua trajetória.

A decisão sobre o depoimento de cada um na primeira pessoa mantém o aspecto de tradição oral dos relatos, tornando o texto coloquial, como se o biografado falasse diretamente ao leitor.

Um aspecto importante da *Coleção* é que os resultados obtidos ultrapassam simples registros biográficos, revelando ao leitor facetas que também caracterizam o artista e seu ofício. Biógrafo e biografado se colocaram em reflexões que se estenderam sobre a formação intelectual e ideológica do artista, contextualizada na história brasileira.

São inúmeros os artistas a apontar o importante papel que tiveram os livros e a leitura em sua vida, deixando transparecer a firmeza do pensamento crítico ou denunciando preconceitos seculares que atrasaram e continuam atrasando nosso país. Muitos mostraram a importância para a sua formação terem atuado tanto no teatro quanto no cinema e na televisão, adquirindo, linguagens diferenciadas – analisando-as com suas particularidades.

Muitos títulos exploram o universo íntimo e psicológico do artista, revelando as circunstâncias que o conduziram à arte, como se abrigasse em si mesmo desde sempre, a complexidade dos personagens.

São livros que, além de atrair o grande público, interessarão igualmente aos estudiosos das artes cênicas, pois na *Coleção Aplauso* foi discutido o processo de criação que concerne ao teatro, ao cinema e à televisão. Foram abordadas a construção dos personagens, a análise, a história, a importância e a atualidade de alguns deles. Também foram examinados o relacionamento dos artistas com seus pares e diretores, os processos e as possibilidades de correção de erros no exercício do teatro e do cinema, a diferença entre esses veículos e a expressão de suas linguagens.

Se algum fator específico conduziu ao sucesso da *Coleção Aplauso* – e merece ser destacado –,

é o interesse do leitor brasileiro em conhecer o percurso cultural de seu país.

À Imprensa Oficial e sua equipe coube reunir um bom time de jornalistas, organizar com eficácia a pesquisa documental e iconográfica e contar com a disposição e o empenho dos artistas, diretores, dramaturgos e roteiristas. Com a *Coleção* em curso, configurada e com identidade consolidada, constatamos que os sortilégios que envolvem palco, cenas, coxias, sets de filmagem, textos, imagens e palavras conjugados, e todos esses seres especiais – que neste universo transitam, transmutam e vivem – também nos tomaram e sensibilizaram.

É esse material cultural e de reflexão que pode ser agora compartilhado com os leitores de todo o Brasil.

Hubert Alquéres

Diretor-presidente

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

*Dedico este livro a meu filho, Andrezinho
(in memoriam), artista e poeta, que foi
para o céu pintar estrelas.*

Marlene França

*Dedico este livro ao incansável pesquisador Antônio Leão, autor de **Astros e Estrelas do Cinema Brasileiro**, **Dicionário de Filmes Brasileiros (Longa-metragem)**, **Dicionário de Filmes Brasileiros (Curta e Média-metragem)** e **Ary Fernandes – Sua Fascinante História** (este, editado pela **Coleção Aplauso**).
Leão ajudou a Marlene e a mim, com empenho e generosidade, no levantamento da filmografia da atriz e diretora.*

Dedico, também, aos meus filhos Jorge Artur e Frederico Augusto, o Guto, flamenguistas apaixonados. E à minha nora, Débora Pompeu, médica apaixonada por sua dura profissão.

Maria do Rosário Caetano

Apresentação

Conheci Marlene França, superficialmente, no Festival de Gramado, em agosto de 1985. Ela estreava na direção com o curta-metragem *Frei Tito*. Algum tempo depois, nasceria, entre nós, uma amizade sincera. Passamos deliciosos e muito produtivos dias no Festival do Novo Cinema Latino-Americano de Havana, Cuba, que também exibiu *Frei Tito*.

Na companhia de Silvio Tendler, nosso cicerone (premiado, no Fest Havana/1984, por *Jango*, junto com *Memórias do Cárcere* e *Cabra Marcado para Morrer*), falamos muito de cinema, assistimos a dezenas e dezenas de filmes, tomamos (abstêmia, eu só provava) mojitos e daiquiris, fomos recebidos por Fidel Castro no Palácio da Revolução, conhecemos Titón (Tomás Gutierrez Alea), cantamos *Guantanamera* e passeamos pelo Malecón, avenida costeira banhada pelas águas verdes do Caribe.

Tendler, apaixonado por *Terra*, de Dovchenko, e conhecendo as origens sertanejas de Marlene França, sugeria que mergulhasse no clássico soviético e iniciasse uma série de filmes sobre mulheres camponesas. O que ela viria a fazer com muita paixão e como tributo aos pais, Ma-

noel e Aparecida, que haviam trabalhado em plantações de café, algodão, banana e feijão.

De volta ao Brasil, visitei Marlene, André e filhos no belo sítio em que viviam, nas cercanias de Jundiaí. Lá conheci Miriam Mehler (amiga inseparável de Marlene e tema de um livro desta Coleção Aplauso), Geraldo Ribeiro (grande técnico de som) e reencontrei Silvio Tendler. O diretor de *Anos JK* e *Jango* escrevia, no sítio de Marlene e André, uma das versões do roteiro ficcional de *Olga*, o best-seller de Fernando Morais, que seria filmado, anos depois, por Jayme Monjardim Matarazzo, filho de Maysa, outra artista que, antes de Marlene, entrara para o clã.

16

Em janeiro de 2009, vendo, na Rede Globo, a minissérie que o próprio Jaime dirigiu sobre a mãe – e finalizando este livro – busquei aproximações e distâncias na história das duas *cantrizes* (Maysa, mais cantora que atriz, Marlene mais atriz que cantora!) que se tornaram esposas de dois Matarazzo.

Maysa era moça rica, formada nos melhores colégios. Marlene, moça pobre, nascida no sertão da Bahia, que andou por lavouras e feiras de cidades do interior (de São Paulo, Paraná e Bahia). Tinha 12 anos quando foi descoberta pelo cineasta Alex Viany (1918-1992), em um acampamento de

retirantes, em Feira de Santana. Estreou, então menina, no cinema, em *Ana*, episódio brasileiro do longa-metragem *A Rosa dos Ventos*, produção alemã, fruto de parceria com o Brasil, França, Itália, União Soviética e China.

Maysa tornou-se uma Matarazzo, em 1954. Tinha 18 ou 19 anos quando se casou, com pompa e circunstância. O relacionamento com André Matarazzo Filho durou pouco. Marlene ingressou no clã em condições adversas. Era separada (esperava o desquite de casamento civil e sem amor, realizado com o cineasta Milton Amaral), sertaneja, mestiça, filha de retirantes. Casou-se, no religioso, com Ângelo Andrea Matarazzo Ippolito, em 1968. Estão juntos até hoje.

17

Marlene teve mínima convivência com Maysa, já que – depois da separação – a cantora afastou-se do clã (e o ex-marido e pai de Jayminho morreu precocemente, em 1964). Marlene recorda-se do encontro com Maysa nos bastidores de um programa de TV, ainda em 1964. Cumprimentaram-se e trocaram breves palavras:

– *Olá, como vai?*, perguntou Maysa.

– *Bem*, respondeu Marlene. *E grávida de André* (Matarazzo Ippolito).

– *Meus pêsames, respondeu Maysa.*

Marlene, que conhecia a fama e a franqueza da cantora carioca-paulista, de origem capixaba, sorriu. E a vida seguiu em frente. Ela contava 20 anos (faria 21 em setembro), Maysa, 28. Ambas tinham uma vida pela frente. A de Maysa seria breve (ela morreria aos 40 anos, num acidente de carro na Ponte Rio-Niterói). A de Marlene seria – e continua sendo – longa. E começaria como um conto de fada. Ou – para combinar com o sertão de Uauá, onde nasceu – como uma história de cordel.

18

Um filme – *A Rosa dos Ventos* – projeto comunista da Alemanha Oriental, que tinha Joris Ivens como produtor e Helen Weigel, atriz e mulher de Bertolt Brecht, como narradora, introduziria a menina, filha de retirante, nas telas dos cinemas, no papel de uma menina retirante.

Na parte brasileira do filme multinacional (o episódio *Ana*), os créditos revelavam nomes estelares – Jorge Amado (argumentista), Alberto Cavalcanti (roteirista) e Chick Foyle (fotógrafo). O elenco – além da pré-adolescente de nome cinematográfico (Marlene França consta em seu registro civil) – uniu Vanja Orico (que correria mundo na pele da Maria Clódia, de *O Cangaceiro*), Miguel Torres, Aurélio Teixeira e Aracy Cardoso.

Quem imaginaria que aquela menina sertaneja, que acompanhava os pais por lavouras das cidades de Tucano, Milagres, Canudos e Feira de Santana (na Bahia) e Ourinhos e Martinópolis (São Paulo) se tornaria uma Matarazzo? Ninguém, não é?

Marlene, que vivera a pobreza do sertão e a vida dura das plantações de feijão, café e banana, passaria a conviver com a nata da elite paulista. Hoje, a atriz e diretora vive entre Itatiba, calma cidade paulista, e São Paulo. Teve breve carreira de cantora (na Boate Sambalelê) e estrelou quase 30 filmes. Além de *A Rosa dos Ventos*, fez quatro *nordestern* (aventuras que antagonizam cangaceiros e volantes), algumas comédias eróticas (*A Infidelidade ao Alcance de Todos*, *O Supermango*), um filme com o astro jovem-guarda, Ronnie Von (*Janaína, a Virgem Proibida*), uma das polêmicas produções de David Cardoso (*Caçada Sangrenta*, dirigida por Ozualdo Candeias), um western satírico de Sérgio Person (*Panca de Valente*) e os empenhados *A Conquista do Paraíso* (do argentino Eliseo Subiela) e *Nasce Uma Mulher* (de Roberto Santos, de quem foi amiga e colaboradora). Nas décadas de 1980 e 1990, desenvolveu significativa carreira como documentarista. Dirigiu *Frei Tito*, *Mulheres da Terra*, *Meninos de Rua* e *O Vale das Mulheres*.

Neste livro da Coleção Aplauso, que tive a alegria de escrever, lembraremos alguns dos principais momentos da movimentada trajetória de Marlene França como atriz, cantora, diretora e mulher.

Depois da estreia em *A Rosa dos Ventos*, Marlene deixou em definitivo a Bahia para viver em São Paulo. A luta na cidade grande foi árdua: a jovem (e bela) balconista de bar, em São Caetano, no ABC Paulista, reiniciou-se no cinema como continuísta. Sua beleza, porte esbelto e cabelos negros e cacheados chamam a atenção e ela fotografou para capas de discos (de bolero). Tornou-se musa de Lima Barreto (1906-1982), que a escalou para protagonizar *Inocência* (roteiro que só seria filmado, décadas depois, por Walter Lima Jr, com Fernanda Torres no papel-título).

20

O cinema paulista viveu dias muito difíceis, depois da debacle da Companhia Cinematográfica Vera Cruz. Marlene frequentou cursos de cinema e fez amigos nos bares onde batiam ponto os profissionais (empregados e desempregados), que teimavam em sobreviver numa cinematografia periférica, sujeita a crises permanentes. Fez seus primeiros filmes como continuísta, figurante ou atriz secundária. Trabalhou com Walter Hugo Khouri (*Fronteira do Inferno*) e Amácio Mazzaropi (*Jeca Tatu*). O primeiro casamento a uniria a Milton Amaral, cineasta paulista (1934/1995).

Viveria duas grandes paixões – por Ignácio de Loyola Brandão e Riva Faria – e namoros passageiros com Gianni Amico e Renzo Rossellini.

Sua beleza típica de morena sertaneja a qualificaria para os *nordestern movie*, gênero que viveu seu apogeu nos anos 1960. Começou em um típico western nordestino – *A Morte Comanda o Cangaço*, de Carlos Coimbra. Depois, sob a direção do marido, Milton Amaral, atuou em *O Cabeleira*, baseado no romance homônimo de Franklin Távora. No mesmo ano (1962), integrou o elenco de *Três Cabras de Lampião*, de Aurélio Teixeira. Carlos Coimbra a dirigiu, no ano seguinte, em *Lampião, o Rei do Cangaço*.

21

A *cantriz* da Boate Sambalelê, situada na Avenida Brigadeiro Luiz Antônio paulistana, conheceu André (Ângelo Andrea Matarazzo Ippolito) numa tarde de ensaios. Uma paixão fulminante os uniu. O clã Matarazzo não se entusiasmou com a atriz baiana, pois esperavam para o jovem empresário, de preferência, uma princesa europeia. Quatro anos depois, a família a receberia em festa de Natal, em mansão na Avenida Paulista (1968). De seu casamento com André, que dura até hoje, nasceriam seus três filhos: Andrezinho (que morreu em 2007), Marleninha e Paloma.

Os trabalhos como atriz (de cinema e TV, raramente de teatro) se multiplicaram, em especial na segunda metade dos anos 1960 e ao longo da década de 1970. Sérgio Person a dirigiu em *Panca de Valente*. Com o teledramaturgo Geraldo Vietri, atuou em *O Pequeno Mundo de Marcos*. Fernando Coni Campos a dirigiu em *Uma Nega Chamada Tereza*, produção de Aurora Duarte, protagonizada por Jorge Ben (hoje, Benjor).

22

A chamada Boca do Lixo paulistana fervia, no começo dos anos 1970, com suas comédias de costume ou eróticas. Marlene atuou em cinco longas com Fauzi Mansur (*Cio, uma Verdadeira História de Amor, Sinal Vermelho, as Fêmeas, Noite dos Desejos, A Noite das Fêmeas e O Mulherengo*). Do encontro com Ozualdo Candeias e David Cardoso nasceu *Caçada Sangrenta*, em que ela tem o papel de coadjuvante. Ganhou um Troféu Kikito, em Gramado, por seu trabalho em *Crueldade Mortal* (1976), drama social ambientado na periferia carioca e dirigido pelo baiano Luiz Paulino dos Santos.

Nos anos 1980, Marlene manteve intenso trabalho com Roberto Santos (1928-1987), autor de pelo menos dois grandes filmes (*O Grande Momento* e *A Hora e a Vez de Augusto Matraga*): coprotagonizou, com Dani Patarra, o longa *Nasce Uma Mulher*. Depois atuou em *Quincas*

Borba. Na TV, fizeram *Depois do Baile Verde*, adaptação de texto de Lygia Fagundes Telles. Desenvolveram o *Projeto Miguilim*, a partir de Guimarães Rosa, que gerou pesquisa das mais substantivas. Mas problemas com herdeiros do escritor abortaram o projeto. No curta-metragem *Chick Foyle – Faixa Preta de Cinema*, que Roberto Santos realizou para homenagear o amigo britânico, ela lembrou as filmagens do episódio *Ana*, de *A Rosa dos Ventos*, que ele fotografou.

Nos anos mais duros da ditadura militar, Marlene França conviveu intensamente com os amigos de esquerda, em especial com os frades dominicanos. Vem daí sua grande amizade com Frei Betto. Ele a motivou a realizar *Frei Tito*, documentário sobre o frei dominicano preso, torturado e exilado. O religioso cearense deu fim à sua breve existência recorrendo ao suicídio num convento, na França, país que o abrigou. Além deste primeiro curta, Marlene realizou mais três médias-metragens (todos com temática social). Vamos, pois, conhecer um pouco mais de sua vida, sonhos e filmes.

Maria do Rosário Caetano



Em La Conquista Del Paraiso, produção argentina

Capítulo I

Nasce uma Mulher

A vida da menina pobre de Uauá, sertão baiano, a família migrante, a vendedora de frutas e doces. Do nascimento até os 12 anos.

Eu sempre, desde que me entendo por gente, quis ser atriz. Recortava fotos de atores e lindas atrizes das revistas, sonhava acordada com as estrelas de Hollywood. Por causa delas, minhas irmãs foram batizadas com nomes que nada têm a ver com os nomes das crianças sertanejas da minha Uauá natal. Nem com os nomes das meninas que conheci nas andanças de minha família pelo interior de São Paulo.

Os nomes das minhas irmãs foram todos escolhidos por mim: Arlene, em homenagem à atriz Arlene Dahl; Marla, por causa de Marla Powers; e Viveca, em homenagem a Viveca Lindfors. Já os nomes dos meus irmãos homens não são tão glamourosos. Mauro, talvez tenha sido uma homenagem ao nosso grande Humberto Mauro. O nome do Ivan, creio que foi minha homenagem ao filme *Ivan, o Terrível*, do Serguei Eisenstein. Um filme que eu não conhecia. Mas bastava ver, numa revista, uma foto deste ou daquele filme, o nome do personagem e eu já ficava interessadíssima.

E era fácil convencer minha mãe a batizar minhas irmãs e irmãos com tais nomes, pois ela também tinha seus sonhos. E eu era a irmã mais velha.

Nasci em Uauá, no sertão agreste baiano, próximo a Canudos, em 5 de agosto de 1943. Sou filha de Manoel França, lavrador sertanejo. Migrante pobre, aos 17 anos, ele deixou o sertão da Bahia para buscar emprego no Rio de Janeiro. Lá, ele conheceu minha mãe, Maria Aparecida Ribeiro, moça pobre e órfã, criada como filha adotiva por uma família. Filha adotiva, naquele tempo, era um eufemismo para designar uma moça órfã que, na prática, era uma empregada doméstica. Uma doméstica com vínculos afetivos com a família que a adotara.

26

Meu pai conheceu minha mãe e eles se casaram. Juntos, tiveram dez filhos. E viveram uma vida de migrantes. Andaram, em busca de emprego, por cidades da Bahia e do interior de São Paulo. Uma vida cigana. Minha mãe está viva e tem hoje 91 anos. Meu pai já faleceu. A imagem que guardo dele é a de um homem muito trabalhador, um sertanejo que falava pouco, que nunca soube o dia do aniversário dele, que não abraçava nem beijava os filhos. Só pensava em trabalhar para garantir alimento aos muitos integrantes de sua família. A seca era uma ameaça constante para ele. Quando a situação apertava, ele pegava a mulher e os filhos e migrava para onde tivesse trabalho.

A vida de trabalhador migrante do meu pai nos levou a morar em diversos locais. Moramos, temporariamente, em Tucano, Milagres, Canudos e Feira de Santana, sem falar em Uauá, todas cidades do sertão baiano. Em São Paulo, meu pai e nós, os filhos maiores, trabalhamos em Ourinhos e Martinópolis. Digo que nós, os filhos mais velhos, trabalhamos nestas cidades, porque família pobre depende também da ajuda dos filhos pequenos. Por isso, nós vendíamos doces ou frutas nas feiras ou nas ruas, enquanto meu pai trabalhava na lavoura e minha mãe cuidava da casa e dos filhos menores. Alex Viary e sua equipe de produção do filme *A Rosa dos Ventos* me descobriram vendendo doces numa feira, em Feira de Santana, uma das maiores cidades da Bahia. Mas desta história, que mudou minha vida, falaremos depois, com mais detalhes.

27

A imagem que guardo da juventude de minha mãe, já que sou a filha mais velha e ela se casou cedo, é diferente da que guardo do meu pai. Ela era mais carinhosa com os filhos, mais paciente, mesmo que tivesse que enfrentar uma vida muito dura, sem moradia certa. Era só a seca chegar para meu pai juntar uns poucos pertences, amarrar numa trouxa e sair conosco em busca de trabalho.

Meus pais não sabiam ler. Minha mãe, que era carioca, foi criada para prestar serviços domésticos na casa dos pais adotivos. Ela me contava que escolhera para mim o nome de Maria das Dores. Um típico nome católico, sendo ela uma mulher devota. Mães católicas daquele tempo gostavam de batizar as filhas de Maria do Perpétuo Socorro, Maria do Amparo, Maria das Dores, Maria da Conceição, Maria do Rosário, Maria das Graças, Maria da Anunciação... Não sei quem me salvou do nome de Maria das Dores e do apelido de *Dasdô*. Será que minha mãe ou alguém que ela conhecia viu uma foto de Marlene Dietrich numa revista? Nada é impossível, não é? Alex Viany, quando me viu, menina pobre, de família de retirantes, em Feira de Santana, e soube que eu me chamava Marlene França, não acreditou. Achou que era nome artístico.

Manoel e Maria Aparecida, meus pais, tiveram – como eu já contei – dez filhos. Eu nasci em Uauá, em 1943, e, depois de mim, vieram cinco homens: Mauri, Murilo (que já faleceu), Maurício, Ivan e Mauro. Depois vieram Arlene, Marla, um filho que nasceu morto, e Viveka. Se analisarmos os nomes, perceberemos que o gosto de meus pais para registrar os filhos seguia a lógica da *letra M*. No interior, as famílias gostam de dar aos filhos nomes começados sempre com a mesma letra.

Se eu fosse Maria das Dores, meus pais estariam sendo coerentes com a letra que eles haviam escolhido. Veja que foi a minha influência que quebrou com a hegemonia da *letra M*. Decerto eu queria que meu irmão Mauro se chamasse Humberto Mauro. Mas aí, haveria interrupção. Já com as minhas irmãs, eu consegui quebrar a escrita, pelo menos com a Arlene e a Viveka. A Marla agradou a mim, que busquei o nome dela numa revista, e a eles, que gostavam tanto de nomes começados com *M*. Pensando bem, passados tantos anos, tenho que admitir que eu queria complicar a vida dos meus pais com meus sonhos de ser atriz. Uma menina chamar Viveca naquele tempo! O nome é raro até hoje, não é?

29

A seca era o pesadelo de nossa família. Da nossa e de todos os sertanejos. Era chegar, arrumar a trouxa e sair em busca de lugares onde houvesse fartura de chuvas e, graças a elas, lavouras. Meu pai nos colocava num caminhão pau de arara e dizia: vamos para São Paulo (ou Paraná), onde houver trabalho nas lavouras de café, milho, feijão ou algodão. Para Mauri e eu, os filhos mais velhos, os que mais trabalharam para ajudar a criar os mais novos, aquelas viagens eram até divertidas. Criança gosta de andar, de conhecer lugares diferentes. Mas, para meu pai, era muito sacrificado. Para minha mãe, mais ainda. Ela não

tinha uma casa fixa, um lar, para criar os filhos. Estava sempre migrando. E, muitas vezes, moramos em alojamentos. Ela, quando não conseguia um emprego como faxineira, fazia doces, muitas vezes cocadas, que nós vendíamos para ajudar no reduzido orçamento doméstico.

Em São Paulo, me lembro de duas cidades: Ourinhos e Martinópolis. Mais desta, pois nela minha mãe trabalhou como servente na Prefeitura e eu fiz o curso primário. Era ótima aluna, orgulho de minha professora, a Dona Abadia.

30

Meu pai aprendeu, num determinado momento da vida dele, o ofício de alfaiate, ele era um bom alfaiate. Já chegando à adolescência, eu sonhava em ser atriz e marinheira. Atriz, porque via as revistas e me colocava na pele das artistas. Marinheira não sei bem o porquê. Talvez porque os navios me fascinassem, creio que fascinam todas as crianças, ou me induzissem a acreditar que num deles eu rodaria mundos. O mar exerce imenso fascínio em crianças sertanejas.

Quando, nas noites de nossas casas humildes, eu falava dos meus sonhos, minha mãe ouvia, compreensiva. Meu pai, deitado na rede (como bom nordestino, ele gostava de uma rede e, além do mais, não tínhamos muitos móveis), estranhava meus sonhos. Muitas vezes eu o via

resmungando com minha mãe: *Aparecida, esta menina é esquisita, fala umas coisas estranhas.*

Guardo de Martinópolis lembranças gostosas. Mesmo que eu fosse uma menina pobre, lá estudei, era muito estimada por Dona Abadia. Eu tomava conta dos filhos dela, ela me dava revistas de cinema, livros, pequenos presentes. Claro que eu sabia que era diferente das outras meninas. Elas tinham roupas boas, dois ou três uniformes, anéis de ouro, material didático farto. Eu não tinha nem merenda. Minha saia de uniforme tinha que durar dois, três anos. Eu ia crescendo e minha mãe fazia nova barra ou bainha para que a saia não ficasse curta. Quando ficava desbotada demais, de tanto lavar, ela arrumava um tubo de tinta Guarany e tingia aquela saia azul desbotada.

O que eu e meus irmãos mais queríamos era ir ao cinema. Sonhávamos com as matinês. Seriados, chanchadas. Éramos loucos por Oscarito, Grande Otelo, Ankito. E por Eliana Macedo, Adelaide Chiozzo, Fada Santoro. Aliás, eu achava que podia ser uma atriz como Fada Santoro, morena, de cabelos cacheados, linda, lindíssima. Eu gostava destes brasileiros, mas gostava mais ainda dos estrangeiros. Heddy Lamar, Dorothy Lamour! Meu Deus, eu era louca por Dorothy Lamour. Guardava a imagem dela usando um sarongue.

Que vontade de ter um sarongue. Uma vez, vi um filme em que a mocinha ganhava um chocolate de Páscoa e, ao abri-lo, encontrava um anel. Eu fechava os olhos, de noite ou de dia, e sonhava: me via vestida com um sarongue, com os cabelos ao vento, recebendo um chocolate (que eu nem sabia que gosto tinha!) e dentro encontrando um anel, mandado por um príncipe encantado. Bastava abrir os olhos para ver a realidade da nossa família, em especial a da minha mãe, com seus muitos filhos, sua pobreza, seu trabalho duro, limpando a Prefeitura e cuidando das tarefas da casa, lavando roupa, cozinhando, rachando lenha.

32

O que me esperava, se eu fosse seguir uma vida igual à da minha mãe? Eu me casaria com um lavrador, ou com um vendedor de doces, ou com um mecânico de oficina? Teria dez filhos? Não. Eu jurava a mim mesma que, um dia, seria atriz, seria famosa, sairia nas capas das revistas. E fazia qualquer sacrifício para comprar as revistas de fãs de cinema, que mostravam as belas casas dos atores e atrizes de Hollywood. Aquelas cozinhas com armários repletos de todos os eletrodomésticos que apareciam nos filmes americanos me alucinavam.

Lembro-me destas cozinhas, que povoaram meus sonhos, porque elas foram tema de muitas das discussões que eu viria a manter, depois, com Alex

Viany, um homem apaixonado pelo neorealismo italiano, que conhecia Hollywood por dentro. Como jornalista especializado, ele entrevistou muitos artistas norte-americanos, conhecia as entranhas da poderosa indústria de cinema dos EUA e era muito crítico ao *american way of life*.

Voltemos, pois, a Martinópolis, interior de São Paulo. Depois de três anos lá, eu estava com uns 10 ou 11 anos, e nós voltamos ao sertão da Bahia. Mais uma seca e nossa vida nos colocava de novo na condição de retirantes. Estávamos em Feira de Santana. Sem dinheiro para aluguel, meu pai conseguiu lugar para nós num albergue. Ele fazia diversos serviços, o que aparecesse. Minha mãe cuidava dos filhos e também fazia pequenos serviços. Mauri e eu vendíamos cocada branca e preta (ou *queimada* como se dizia) na feira.

33

Até que um dia, em plena feira, apareceu um moço bonito, ele me olhou, perguntou quantos anos eu tinha e se eu queria trabalhar num filme.

Falei minha idade (12 anos) e perguntei se ele estava *mangando* de mim. Ele disse que não, que estava falando sério, que se chamava Ary Fernandes e me explicou que trabalhava na equipe de um cineasta brasileiro que ia fazer um filme ali na região. Deu as costas e pediu que eu o esperasse ali mesmo.



Filmagens de Ana (A Rosa dos Ventos), com Alex Vianny

Capítulo II

Nasce uma Atriz

A Rosa dos Ventos (Cinco Canções: Ana, de Alex Viany). Brasil e Alemanha Oriental unidos num projeto comunista, produzido por Joris Ivens, Alberto Cavalcanti e Jorge Amado.

Antes de entrar em cena – naquela grande feira de Feira de Santana – o cineasta Alex Viany, o homem que mudou o rumo da minha vida, gostaria de falar um pouco sobre Ary Fernandes, o moço bonito que me abordou. Ele era diretor de produção do episódio brasileiro de *A Rosa dos Ventos (Die Windrose)*. Por isso, coube a ele sair pelas ruas e feiras do sertão da Bahia, em busca de pessoas que fizessem pequenos papéis ou figuração naquele filme, uma produção da Alemanha Oriental (ou Alemanha Comunista), país que eu desconhecia totalmente. Eu nem podia imaginar que filme seria aquele. Para mim, cinema era sonho, era Dorothy Lamour e as atrizes de Hollywood dançando de sarongue nos braços de um lindo galã.

Ary Fernandes, que depois dirigiria a série *O Vigilante Rodoviário* (1960 a 1962), voltou alguns minutos depois, acompanhado de um homem barbudo. Eu estava lá, com meu tabuleirinho de

doces, esperando. O homem barbudo, que era Alex Viany, o diretor do filme, começou a tirar fotos minhas.

– *Qual é o seu nome?*, ele perguntou.

– *Marlene França*, respondi.

– *Marlene França?!*, *que nome diferente*, ele observou. *Quem lhe deu esse nome?*

– *Minha mãe*, respondi, *pois ela diz que tem uma artista muito bonita com este nome. Ela quer que eu seja artista* (na verdade, quem queria ser artista era eu!)

36

Alex Viany me fez outras perguntas. Perguntou onde eu morava, que hora ia para casa, se meus pais estavam lá, se minha família era grande, quantos irmãos eu tinha, etc. Eu expliquei que voltaria para casa quando vendesse todos os doces do tabuleiro.

Ele disse que eu não me preocupasse com o tabuleiro, que ia conversar com meu pai para que toda família aparecesse no filme. Lá, no albergue, ele conheceu minha família e conversou com meu pai. Explicou o que queria. Eu não assisti à conversa. O que sei é que, depois de conversarem, meu pai nos deu a boa notícia. O Sr. Alex ia nos

contratar a todos para aparecer no filme dele. E mais, ia colocar junto conosco o Velho Inácio, um amigo do meu pai, que nos ajudava muito.

Nossa família, acompanhada do Velho Inácio, foi então levada para uma fazenda, na zona rural de Feira de Santana. A mudança se fez sentir logo. Passamos a ter café da manhã, almoço e jantar todos os dias. Uma mudança muito significativa para uma família pobre, pois o leite era abundante, havia carne nas refeições. E para todos nós e também para o Velho Inácio.

Eu, que era uma mocinha expansiva, aproveitava para fazer perguntas ao Sr. Alex, sempre nas horas das refeições. Um dia perguntei a ele se ele conhecia Imogene Coca. Ele que estava comendo a marmita da produção (para Alex, jornalista que trabalhara em Hollywood, aquela comida era uma simples marmita, para nós, retirantes nordestinos, aquilo era um banquete!), me olhou assustado.

Chamou Chick Foyle (Inglaterra, 1915-1995), que era o diretor de fotografia do filme, e que falava uma língua enrolada para nós, e comentou: *Veja, que espanto, uma menina do sertão da Bahia falando de uma atriz de Hollywood*. Ele voltou sua atenção para mim e perguntou de onde eu conhecia Imogene Coca (1908-2001).

Conheço das revistas que eu leio, respondi. E falei das revistas mais famosas da época, que mostravam os artistas, seus filmes, famílias e casas. Ele quis saber como eu conseguia as revistas. Conteí que em Martinópolis eu cuidava dos filhos da professora, lavava roupa, vendia doces, enfim, fazia tudo para ajudar minha família, sempre dando um jeito de ir ao cinema e, principalmente, de comprar as revistas com os astros de Hollywood.

38

Ele, que naquele tempo era um grande crítico da indústria do entretenimento de Hollywood, que acreditava num cinema sem glamour e defendia com ardor os princípios do neorealismo, tentava já colocar algumas ideias na minha cabeça de adolescente deslumbrada. Me dizia que eu precisava ajudar meus pais, ser amiga dos vizinhos, abrir portas para todos e não fechá-las, ser uma boa companheira de meus pais e irmãos.

Eu dizia que era tudo aquilo, que ajudava Dona Rita, nossa vizinha, passando roupa para ela, quando ela estava de resguardo (período pós-parto), eu contava história da mula sem cabeça e da mulher que casou com padre para os meus irmãos menores e para os meninos da vizinhança. Contava que quando um vizinho nosso, o Sr. João, caiu da mula e quebrou uma perna, nós ajudamos quanto pudemos. Eu dizia que meus pais

nos ensinavam a ajudar-nos uns aos outros, pois um pobre tinha que atender ao outro, nas horas difíceis, para ser atendido quando precisasse. Alex gostava de escutar minhas histórias e dava força total à solidariedade entre os vizinhos e famílias.

Nossa participação no filme era pequena. Os protagonistas eram Vanja Orico, famosa como a Maria Clódia, de *O Cangaceiro* (Lima Barreto, 1953), Aracy Cardoso, Aurélio Teixeira (1926-1973), e Miguel Torres (1926-1962), lindo de morrer. Ele parecia um poeta. Quem imaginaria, naquele momento, que ele morreria sete anos depois, aos 36 anos, num acidente de carro, enquanto procurava locações para *Os Fuzis*, de Ruy Guerra! Pois aquele ator, então com 29 anos, nos deixava impressionados com sua beleza. Do grupo, a pessoa mais famosa era Vanja Orico. Ela não podia sair na rua, que era cercada por todos, pois *O Cangaceiro* era um sucesso estrondoso no Brasil e no exterior. Além de atriz, ela era cantora. Cantava sucessos como *Muié Rendera*, *Sodade* e *Meu Limão, Meu Limoeiro*.

Eu gostava de ficar em volta de Vanja. Me lembro que ela tinha um xale bordado, lindíssimo. Quando ela colocava aquele xale, com franjas longas, transparências e brilhos, eu ficava apreciando. A mãe dela, Dona Clara, que a acompanhava, cuidava de tudo para que a filha, que estudara



Filmagens de Ana (A Rosa dos Ventos), com Vanja Orico

no exterior e até trabalhara num filme de Fellini, não enfrentasse as agruras do sertão baiano. Ela era uma estrela brasileira. Mas, para mim, não era o que eu imaginava de uma atriz. Além de ter um tipo bem brasileiro, Vanja não tinha esmeraldas nos dedos nem usava sarongue

Na equipe técnica estavam nomes que ficariam na história do cinema brasileiro. Eu nunca tinha ouvido falar deles. Chick Foyle, que fotografara *O Cangaceiro*, era o mais festejado de todos. O operador de câmara era Jack Lowin. Me lembro bem de um rapaz lindo, Marcello Primavera, assistente de câmara. O sonografo, que hoje chamamos técnico de som, era Mário Lodeluca. Sem falar no Ary Fernandes, o primeiro integrante da equipe que eu conhecera. O espanhol Jose Cañizares ia assinar a montagem do filme e seria uma pessoa muito importante na minha vida futura.

41

Nas noites no sertão, depois do jantar, as pessoas da equipe conversavam. Reuniam-se em torno de Alex Viany, os atores, o fotógrafo, o dono (João Marinho Falcão, também prefeito de Feira de Santana) da Fazenda Calundu, que servia de locação ao filme. E a conversa corria solta. Um dia, perguntei ao Sr. Alex por que Vanja tinha roupas tão bonitas e nós, não. Contei que passáramos frio num determinado dia de filmagem. Ele me explicou que Vanja era uma atriz famosa, filha de

diplomata, que morava na Europa. Lembrou que minha família era pobre, mas contou que sonhava com um mundo melhor, no qual todos teriam direito a boa educação em colégios públicos, rede de saúde e previdência, trabalho digno, etc. Eu não entendia bem o que ele falava, não sabia o que era comunismo nem que ele era comunista. O que eu via era que os atores dele pareciam gente do povo, que ninguém usava maquiagem, que o cinema que ele fazia nada tinha a ver com os filmes que me fascinavam nas matinês.

42

Hoje, olhando em retrospectiva a minha vida, vejo que começou ali, naquele ambiente de filmagem e nas conversas com Alex Viany, a minha conscientização. Por que só dirigi documentários sociais? Por que dediquei dois documentários ao registro da vida das mulheres camponesas (*Mulheres da Terra* e *O Vale das Mulheres*)?

Das filmagens do episódio *Ana*, de *A Rosa dos Ventos* (o nome original era *Cinco Canções*, pois o filme unia histórias da China, Itália, França, URSS e Brasil) me lembro de algo que avalio como muito significativo e que só posso atribuir ao meu jeito, primitivo que fosse, de lutar por um sonho, o de ser atriz. Durante as filmagens, eu percebia que Vanja, Aracy, Miguel Torres e Aurélio Teixeira falavam, dialogavam. Mas que nós, os retirantes que os acompanhávamos no ca-

minhão pau de arara, não falávamos. Perguntei, um dia, a Alex, por que nós não tínhamos fala? *Pois eu vou arrumar uma fala para você*, me disse ele. E arrumou. Nosso caminhão era cercado de uma série de plataformas, muito rústicas, construídas por um carpinteiro lá da Bahia, de forma que a câmara de Chick Foyle ficasse colada nele. Eram plataformas que tinham que aguentar o peso da câmara e do operador.

Para me agradecer, Alex criou um breve diálogo entre um capataz e minha personagem, a menina retirante que seguia com a família, no caminhão pau de arara. O tal capataz vendia nossa família a preço de banana, como mão de obra aviltada. Minha breve fala foi aplaudida com entusiasmo, pela equipe e pela direção. Depois, Alex me disse que se eu estudasse muito, fosse aplicada, eu seria atriz, pois talento eu tinha.

Alex Viany levou, para o sertão, a esposa dele, Dona Elza, e as duas filhas pequenas, Betina e Bibi (Beatriz). Elas eram branquinhas, com cabelos cheios de cachinhos louros, dourados mesmo! Eu ficava fascinada com aquelas bonequinhas vindas da cidade grande. Betina Viany, hoje, é atriz respeitada e comanda o *Projeto Acervo Alex Viany* (1918-1992), patrocinado pela Petrobras e disponível na internet (www.alexviany.com.br). Dei meu depoimento para o projeto.



Filmagens de Ana (A Rosa dos Ventos)

Alex Viany escreveu um texto sobre as filmagens do episódio *Ana* (de *A Rosa dos Ventos*), que trouxe – entre muitas outras fotografias – três fotos em que apareço: numa estou caminhando na caatinga; noutra, apareço com Vanja Orico e José Bispo de Sousa; e na terceira, sorrio ao lado dele, com um pedaço de melancia na mão. Gosto muito deste texto publicado no *Jornal do Cinema*, de maio de 1955. Guardei-o, a vida inteira, em meus arquivos. Cito um trecho, no qual ele fala da família França:

“Ontem recebi uma cartinha do Secretário, Maury França, que me acompanhava sempre com seus dez anos e sua cara de maroto. A história da Família França merecia uma história à parte: pai baiano, mãe carioca, casamento no Paraná, dois filhos por lá, quatro mais em São Paulo, volta à Bahia (após vinte anos), parada forçada em Feira de Santana, onde fomos encontrá-los. Agora, com o dinheiro ganho no episódio brasileiro de Cinco Canções, a família voltou para São Paulo. E não se admirem se dela saírem dois artistas de cinema: Maury é um; Marlene, a mais velha (treze anos incompletos), uma promessa que tem entusiasmado todos os que vêem o copião.”

A Rosa dos Ventos somou esforços, além de Alex Viany, do cineasta italiano Gilo Pontecorvo (1919-2006), do chinês Wu Kuo Kin, do soviético Serguei

Gerassimov, e do francês Yannick Bellon. Jorge Amado escreveu um argumento bem sólido, que foi roteirizado por Trigueirinho Neto e Alberto Cavalcanti. Mauro Audrá Jr., da Maristela, foi o coprodutor brasileiro do filme. A grande atriz Helen Weigel, do Berliner Ensemble, mulher de Bertolt Brecht, fez a narração que ligava os episódios.

46

Apesar de envolver nomes de peso como Jorge Amado, Alberto Cavalcanti, Joris Ivens e a grande atriz alemã, o filme *A Rosa dos Ventos* não foi exibido no Brasil. Creio que por tratar-se de um projeto da Alemanha Comunista. Mas serviu para me mostrar, eu que era uma pré-adolescente sertaneja e pobre, que era possível ser atriz. Meu sonho ganhou, com o filme, o combustível que eu necessitava. Alex Viany me dissera para estudar muito. Me disse, também, que esquecesse as belíssimas cozinhas dos filmes de Hollywood, que aquilo era falso, pura ilusão, e que não pensasse em casamento tão cedo, pois o casamento era mortal para uma atriz iniciante. Aquela viagem, num pau de arara, da Fazenda Calundu, zona rural de Feira de Santana, até Canudos, me mostrou que havia um outro tipo de cinema que nós, brasileiros, podíamos fazer. Eu precisava me preparar para entrar, para valer, naquele mundo.

Capítulo III

A Luta na Cidade Grande

De balconista de bar, no ABC Paulista, a continuísta de cinema e capa de discos de bolero. A musa do cineasta Lima Barreto, que a escala para protagonizar *Inocência* (roteiro que só seria filmado, décadas depois, por Walter Lima Jr).

As filmagens do episódio brasileiro de *A Rosa dos Ventos*, a convivência com os atores profissionais (nós éramos conhecidos como atores naturais) e, em especial, com Alex Viany, me motivaram a lutar por meu sonho. O filme foi ao Festival de Berlim e Alex nos mandou notícias. Contou que todos tinham ficado impressionados com minha desenvoltura e que, se houvesse prêmio de atriz revelação, eu poderia até ganhá-lo. Tudo aquilo me deixava muito feliz e muito ansiosa, ao mesmo tempo.

Para me ajudar, Alex enviou cartas a amigos como Jorge Amado e João Bellini Burza, psiquiatra que militava no Partidão – Partido Comunista Brasileiro (assim como Alex e Jorge), pedindo que me arrumassem alguma ocupação, de forma que eu pudesse seguir meus estudos e me preparar para futuros trabalhos no cinema. Na minha cabeça, eu estudaria, seria professora e, paralelamente, iria me enturmando no cinema, até tornar-me atriz. Mudei-me, então, para a casa de parentes em São

Caetano, no ABC Paulista. Fui trabalhar em um bar. Trabalho duro. Vendia cachaça, coxinha, ovo cozido. Eu era alta, magra e chamava a atenção. Muita gente dizia, como Alex Viany, que eu era parecida com Lucia Bosé (1931), aquela bela atriz italiana.

48 Minha situação era muito difícil. São Caetano estava longe das equipes de cinema, da Cinemateca Brasileira, dos bares frequentados pelos atores e cineastas. Para piorar, houve um problema na minha vida doméstica. Minha prima, filha da tia que me abrigara em São Caetano, era noiva de um rapaz que trabalhava num açougue, chamado Henrique. Só que ele resolveu desmanchar o noivado dizendo que ia pedir a minha mão em casamento. Imagine se eu queria – com a cabeça feita pelo Alex Viany para me concentrar nos estudos e não pensar em casamento – me casar com o noivo da minha prima! Eu tinha uns 14 ou 15 anos! Para complicar minha situação, minha outra prima, que namorava um motorista, também tinha ciúme de mim. Mesmo assim, fiquei lá em São Caetano por uns dois anos.

Minha cabeça, porém, continuava focada no sonho de ser atriz. Eu estudava e continuava procurando um emprego, pois o bar era apenas um bico. Um dia, no centro de São Paulo, quando eu passava pela Rua Marconi, quem eu vejo? Alex Viany, que atravessava a rua, na companhia de outro homem, que depois soube que era o

fotógrafo Ruy Santos (1916-1989). Corri atrás dele, com todas as minhas forças. Alcancei-o na altura do Mappin. Ele se espantou ao me ver, me abraçou e perguntou o que eu estava fazendo ali. Conteí que estava procurando trabalho. Ele me apresentou a Ruy Santos e fomos juntos a uma lanchonete. Ele me pagou um sanduíche e um refrigerante. Me deu o telefone dele no Rio e o endereço do escritório do Ruy Santos (situado em frente à Biblioteca Municipal, no centro de São Paulo), já que – me avisou – dali a dois ou três dias, eu deveria procurá-lo. Ele, Ruy Santos, ia me encaixar num ambiente de cinema. Eu não tinha telefone. Então combinei com o Ruy que estaria ali naquele endereço, o mais rápido possível.

49

Ruy Santos, que era carioca, estava morando em São Paulo e trabalhando na Multifilmes. Ele, que havia fotografado *O Saci*, do Rodolfo Nanni, estava envolvido com três projetos da produtora paulista (*Uma Vida Para Dois*, de Armando de Miranda, *A Sogra*, de Armando Couto, e *O Craque*, de José Carlos Burle). Tanto que, com Burle, ele viria a criar a Guarujá Filmes e juntos fariam *O Cantor e o Milionário*.

Ruy, que era muito amigo de Alex Vianny, prometeu me ajudar. E me apresentou a José Cañizares, grande montador da época, que havia inclusive montado *Ana*, nosso episódio em *A Rosa dos Ven-*

tos. Com o coração estourando de alegria entrei, dois ou três dias depois, numa sala de montagem. Minha função era atender às ligações telefônicas, levar material (gilete, durex, etc.) para o Cañizares. De vez em quando, Alex ligava para saber como estava o aprendizado da menina Marlene.

Um dia, Ruy Santos recebe, em seu escritório paulistano, o cineasta Victor Lima Barreto (1906-1987). O Lima Barreto era o cineasta mais conhecido do País naquela época. Havia ganhado, com *O Cangaceiro*, dois prêmios no Festival de Cannes: melhor filme de aventura (a premiação, em 1953, fora atribuída por gêneros cinematográficos e vários filmes foram laureados) e melhor música. Aquilo dera um prestígio imenso a ele.

50

Mal colocou os olhos em mim, Lima Barreto falou, entusiasmado: *Encontrei minha Inocência*. Eu não entendi nada. E ele emendou: *venha almoçar conosco*. E eu sem entender nada. Ele era um homem magro, tinha uns 50 e poucos anos, era casado com a atriz Arassary de Oliveira (mãe do único filho dele) e tinha fama de ser muito genioso. O que será que ele queria comigo?

Ele me explicou que ia fazer uma adaptação do romance *Inocência*, do Visconde de Taunay, e que eu seria a protagonista. Avisou que viria me buscar no final do dia, quando eu saísse do trabalho. Ex-

pliquei que morava muito longe; ele disse que não tinha problema. Me levaria de táxi. Dali em diante, fiquei sabendo tudo de *Inocência*, pois escutava, embevecida, as conversas dele com Ruy Santos.

Para interpretar *Inocência*, me dizia Lima Barreto, eu tinha que estudar muito, me preparar, perder aquele sotaque de mocinha do sertão baiano. Me avisou que ia, junto com Alex Viany, procurar o Paulo Emílio (Salles Gomes) para que ele me aceitasse como aluna nos Seminários de Cinema, na Rua Sete de Abril. Lá funcionava a Cinemateca do MAM, hoje Cinemateca Brasileira. Eu deveria frequentar o curso de interpretação.

Os cursos da Sete de Abril eram maravilhosos. Os professores, além do Paulo Emílio, eram Roberto Santos, Maria José de Carvalho, Walter Hugo Khouri, Plínio Sanchez e outros mais. No barzinho do MAM a gente via o presidente Francisco de Almeida Salles, grande crítico e estudioso do cinema, os pintores Di Cavalcanti e Antônio Bandeira, a escultora Nieta Alex, o pintor e cenógrafo Bonadei, o cineasta Trigueirinho Neto, os irmãos Walter e Willian Khouri e, claro, aquela inteligência em pessoa, que era Paulo Emílio. Que homem elegante, culto, fascinante.

Eu vivia aquele ambiente, aquela efervescência com a curiosidade de uma adolescente sonha-

dora. As pessoas me achavam bonita. Eu era alta (adulta, mediria 1,72m), magra, tinha cintura de violão, cabelos bem pretos e ondulados. Até me sugeriam que tentasse carreira de manequim. Mas eu queria era ser atriz.

Não fiz desfiles de moda, mas acabei sendo modelo, ou seja, posando para fotos. Foi uma atividade passageira, para arrumar dinheiro, pois a grana era curtíssima, contada. Eu estava passando por uma rua do Brás, quando um rapaz se aproximou e perguntou se eu queria posar para ele, que era fotógrafo. Posei e minha foto virou capa de disco de bolero.

52

Eu continuava focada no papel de *Inocência*. A Nadir, mulher do Walter Hugo Khouri, dava aulas de expressão corporal. Então, eu pedi a ela que me ajudasse. E ela me ajudou o quanto pôde. O Rubem Biáfora, que era crítico e seria cineasta, também era meu professor. Biáfora significou muito para mim na época de minha juventude. Lembro-me com carinho das palestras sobre Bergman, do cinema japonês (que ele amava) e das verdadeiras aulas de cinema que ele me dava. Isso, numa época em podíamos ir a pé da Sete de Abril até a Liberdade. Ninguém tinha paranoia com violência urbana.

Nessa época eu já morava numa pequena casinha, na Vila Mariana, com minha família. Meu

roteiro dos pneus



53

ISO LELE:
um carro tocado a champagne

Como modelo fotográfico

pai trabalhava como alfaiate. Lima Barreto já havia conversado com meus pais, explicando que eu seria atriz do filme dele. Estávamos sempre conversando sobre o papel. E, embora ele fosse 37 anos mais velho que eu, tivemos um relacionamento. Ele até me pediu em casamento. Eu não aceitei, até porque, no ambiente da Sete de Abril, eu conhecera um jovem jornalista de Araraquara, Ignácio de Loyola Brandão, e me apaixonei perdidamente por ele. Como eu, *Lô* (era assim que eu o chamava, ele me chamava de *Ma*) era louco por cinema. Namoramos por um bom tempo, vimos muitos filmes juntos no Cine Bijou. Me lembro que assistimos ao filme *Le Balon Rouge* (1956, de Alberto Lamorisse) e ele me presenteou com um balão vermelho, na saída. Juntos vimos muitos filmes italianos: De Sica, Fellini, Monicelli, Lattuada. Eu ficava fascinada com aquele rapaz jovem, inteligente, que sabia tudo sobre o neorrealismo italiano, que me levava ao Restaurante Gigetto, ponto de encontro de artistas e intelectuais.

Há que se registrar que eu era meio *porra-louca*, adorava boteco e bebia muita cerveja. Um dia, fui encontrar o *Lô* (Loyola) e vi que ele estava diferente. Perguntei o que estava acontecendo. Ele me deu a notícia que eu menos esperava na minha vida: estava apaixonado pela irmã da Regina Braga e ia se casar com ela. Sofri muito. Além de perder um grande amor, perdi a convi-

vência com uma pessoa que me ensinara a admirar Anna Magnani, Rossellini, Cesare Zavattini, De Sica, Fellini. Eu era louca (sou ainda!) por De Sica e Anna Magnani. E por Roberto Rossellini. Tanto que – mais tarde – eu conheceria Renzo Rossellini, filho dele, e, além de um intenso relacionamento amoroso, planejamos muitos filmes, que, infelizmente, não saíram do papel.

Naquele final dos anos 1950, início de década de 1960, não havia trabalho. O mercado cinematográfico brasileiro era bem restrito. O Lima Barreto não conseguiu produzir *Inocência*. Eu não tinha conseguido nenhum trabalho como atriz. O pessoal de cinema se reunia no Bar Porta do Sol, na Sete de Abril, para ver se conseguia trabalho em algum filme. Lá encontrávamos atrizes conhecidas como Lola Brah, Cacilda Lanuza, Célia Helena e muitos técnicos. A situação dos técnicos era mais difícil ainda. Ator fazia teatro, mas e os técnicos? Eu já estava angustiada. Pensava em ir ao Rio, ver se arrumava trabalho numa produção carioca.

No começo dos anos 1960, tive um namoro rápido, mas ardente, com o italiano Gianni Amico (1933-1990), que era siderado pela turma do Cinema Novo. Tão siderado que, lá por 1967/1968, ele iria dirigir, aqui, o filme *Tropicci (Trópicos)* com Joel Barcellos e elenco cem por cento brasileiro. Elenco e história. O filme lembra uma produção

brasileira do Cinema Novo da primeira fase. Juntos, planejamos uma série de cinco filmes, que uniriam esforços do Brasil e Itália. Nas andanças dele pelo Brasil, ele conheceu uma moça carioca e – salvo engano – casou-se com ela

Milton Amaral entrou na minha vida sentimental e profissional ainda nos anos 1950. Eu tinha 17 anos. E, contrariando Alex Viány, que me dissera para não me dividir entre estudos e casamento, me casei pela primeira vez.



Capítulo IV

Os Primeiros Filmes

Trabalhando com Walter Hugo Khouri e Amácio Mazzaropi.

O primeiro casamento (com Milton Amaral).

Conheci Milton Amaral (1934-1995) nos tempos dos Seminários de Cinema, na Rua Sete de Abril. Ele vinha do interior de São Paulo, Santa Bárbara d' Oeste, e fora continuísta em *O Cara de Fogo* (1958), de Galileu Garcia. Era um batalhador, mas, como eu, um jovem pobre, em busca de trabalho no cinema. Ele vivia me convidando para tomar um cafezinho, pois nem sempre tinha dinheiro para me pagar uma rodada de cerveja. Nossa situação financeira era mesmo difícil.

57

Um dia, ele chegou com a boa nova. Walter Hugo Khouri (1929-2003) ia fazer um filme – *Na Garganta do Diabo* – nas Cataratas do Iguaçu, produção que se ambientaria no Parque Nacional de Iguaçu, região de fronteira entre Brasil e Argentina. A Odete Lara, a Edla Van Steen e o Luigi Picchi seriam os protagonistas. O José Mauro de Vasconcelos, que ficou famoso com o livro *Meu Pé de Laranja Lima*, também estava no elenco. Um elenco que trazia ainda Milton Ribeiro, Sér-

gio Hingst, Ely Azeredo e José Lino Grunewald. O Milton Amaral seria assistente de direção.

58

Milton era apaixonado por mim. Eu gostava dele como amigo, não havia paixão da minha parte. Como eu era menor de idade, tive que pedir a meu irmão, Mauri, que providenciasse e me enviasse todos os documentos necessários para eu me casar com Milton (um casamento às pressas, só no civil) para poder ir para as filmagens nas Cataratas do Iguaçu. Agi por cálculo, não nego. Ele era nove anos mais velho que eu, uma pessoa boníssima, que me ajudou muito, era muito compreensivo, faltava adivinhar o que eu queria. Juntos até escrevemos um roteiro, chamado *Maria Ninguém*, que Sérgio Ricardo, cantor e compositor já muito famoso naquela época, leu e achou interessante. Biáfora também leu e sugeriu que seguissemos aperfeiçoando o projeto, pois ele tinha qualidade.

Em *Na Garganta do Diabo* (1959), um dos primeiros filmes do jovem Khouri, eu fui *script girl* (continuista). Milton era, nas filmagens, pau para toda obra. Tudo que o Khouri pedia, ele e eu fazíamos. Ralamos muito. E aprendemos muito também.

Em outro filme de Khouri, feito quase na mesma época – *Fronteiras do Inferno* – trabalhei como

atriz. Feito em apenas 40 dias, com produção de baixo orçamento, o filme se passava numa região de garimpo. Milton Amaral também estava no elenco. Os principais papéis couberam a Hélio Souto, Luigi Picchi, Aurora Duarte e Bárbara Fazzio.

Naquele finalzinho da década de 1950, Amácio Mazzaropi (1912–1981) era o artista cômico mais festejado do País. Sucesso de bilheteria na certa. São Paulo nunca vira nada igual em termos de apelo popular. Coube ao Milton Amaral dirigir *Chofer de Praça* (1958), no qual fui continuísta, e *Jeca Tatu* (1959), um dos maiores sucessos do ator. Ganhei um papel significativo neste filme, inspirado no conto *Jeca Tatusinho*, criado por Monteiro Lobato e imortalizado no *Almanaque Biotônico Fontoura*.

As estreias de Mazzaropi aconteciam em grande estilo, com muita festa, banda de música, tapete vermelho. Ele fechava a Avenida Ipiranga, no centro da cidade. Uma verdadeira multidão comparecia, eufórica. Os fãs queriam vê-lo ao vivo, os atores o cercavam, era uma loucura. Diziam que era o próprio Mazzaropi quem decidia tudo no *set*, que os diretores de seus filmes eram, na verdade, *yes man* (profissionais que diziam *sim, senhor!*). Claro que sendo produtor e protagonista absoluto dos seus filmes, a palavra dele pesava muito. Mas sou testemunha do esforço

do Milton, que dirigiu alguns dos maiores sucessos do ídolo caipira. Fiz outros trabalhos, ainda que pequenos, naquele período, mas a situação continuava difícil.

Não havia, em São Paulo, perspectivas de novos trabalhos para mim. Milton e eu morávamos numa quitinete e vivíamos com o dinheiro contado. Ele era muito apaixonado e ciumento. Por isso, não recebeu com nenhum entusiasmo a minha ideia de ir ao Rio fazer teste para trabalhar em *Selva Trágica*, novo projeto anunciado por Roberto Farias. Como o filme se passava no Mato Grosso, nas plantações de erva-mate, e a protagonista feminina devia ser uma moça morena, de tipo bem brasileiro, achei que ali estava minha grande oportunidade.

60

Milton não gostou de minha decisão irredutível de ir para o Rio. Fui mesmo assim. Creio que o ano era 1963. Ao chegar ao escritório da Produtora Herbert Richers, a primeira pessoa que eu conheci foi Riva Faria, irmão do Roberto. Os dois irmãos estavam ocupadíssimos com os testes. Corriam de um lado para outro. Esperei uma tarde inteira, mas nem fui testada. A escolhida (o filme seria feito mais tarde) foi Rejane Medeiros.

Peguei o ônibus e voltei para São Paulo. Dias depois, numa noite pelos bares, quem eu en-

contro? Riva Faria. Eu tinha ficado fascinada por ele. Foi amor à primeira vista. Atração total. O Biáfora, que era meu professor, vivia dizendo que tínhamos que ir aos cinemas da Liberdade ver filmes japoneses, que os filmes vindos do Japão eram maravilhosos, tinham histórias e atores incríveis, etc. Mas quem disse que eu queria ver filme japonês naquela noite? Eu só queria estar ao lado do Riva. E foi o que fiz.

Riva Farias, irmão de Roberto Farias (*Assalto ao Trem Pagador*), trabalhava na produtora de Herbert Richers, e vivia entre o Rio e São Paulo. No auge de nossa paixão, ele cuidava, em nome de Herbert Richers, de uma coprodução internacional que unia EUA e Brasil. O filme chamava-se *Pão de Açúcar* e baseava-se na peça *Maria da Ponte*, de Guilherme de Figueiredo (irmão do futuro presidente João Figueiredo). À frente do elenco estavam Rossano Brazzi, Rhonda Fleming e os brasileiros Odete Lara e Carlos Alberto. Curioso notar que na trilha do filme há uma música, *Instante de Amor*, de Hugo Montenegro, Vinícius de Moraes e Neil Sedaka. Este cantor, que fazia enorme sucesso na época, estava no Brasil e participava do filme. Pois Riva era gerente de produção deste filme, que eu acompanhei pelos relatos dele.

Vivemos, Riva e eu, uma temporada de amor total. Me separei do Milton Amaral, pois só pen-

sava no Riva, não conseguia viver sem ele, não respirava sem ele. Ele era jovem, solteiro, uma pessoa muito centrada. Tivemos um relacionamento intenso, que durou dois anos. Quando nos separamos, sofri muito. Pensei que ia morrer.

Com a separação, eu me jogava ainda mais na fase em que era muito porra-louca. O Khouri, que era um *gentleman*, e a turma mais séria do cinema ficavam tontos com minhas loucuras, bebedeiras e farras. Tudo isto acontecia porque os bares eram os espaços onde nos encontrávamos com as equipes de técnicos e artistas, onde batalhávamos trabalho, que, por sinal, andava escasso numa indústria incipiente como o cinema brasileiro daquela época. Vivíamos a grande ressaca pós-Vera Cruz.

62

Para arrumar trabalho, íamos de jornal em jornal levar fotos nossas para ilustrar notas e, quem sabe, chamar a atenção de algum produtor. Íamos também às emissoras de TV. Éramos muito batalhadores. A grande vantagem da juventude é que, nesta fase, a gente é cara de pau. Se entrega com a cara e a coragem.

Capítulo V

Uma Beleza Típica nos *Nordestern Movies*

Atriz atua em quatro filmes de cangaço, no momento em que o gênero se transformava em verdadeira febre.

Em 1960, eu tinha 17 anos e fiz meu primeiro filme de cangaço. Ou *nordestern*, como dizia Salviانو Cavalcanti de Paiva, crítico muito influente na época. O filme *A Morte Comanda o Cangaço* foi dirigido por Carlos Coimbra (1928-2007) e teve locações em Quixadá, no Ceará. Filmamos na região do Açude de Orós. Só que a temporada de chuvas nos atrapalhou muito. O jeito foi terminar o filme no município de Itu, próximo à região onde Lima Barreto fizera *O Cangaceiro*, ou seja, a cerca de 100 km de São Paulo.

63

Milton Amaral foi assistente de direção do Carlos Coimbra e eu fiz um papel secundário. O trio principal era formado com Alberto Ruschel, Milton Ribeiro e Aurora Duarte (também produtora). Aurora é uma grande personagem do cinema brasileiro, mulher ousada, que atuou em vários filmes e produziu, além de *nordesterns*, títulos como *Uma Nega Chamada Tereza* e coproduziu *Noites Paraguayas*, de Aloysio Raulino.

O elenco de *A Morte Comanda o Cangaço*, dos mais significativos, contava com Ruth de Souza, Edson França e os cantores Luiz Gonzaga, Luiz Vieira (aquele do *Sou menino passarinho/com vontade de voar...*) e Volta Seca.

O gênero cangaço estourou nas bilheterias e virou uma febre. Entre 1960 e 1963, trabalhei em quatro *nordestern*. Dirigida por Milton Amaral, então meu marido, desempenhei o principal papel feminino de *O Cabeleira*, recriação cinematográfica do romance homônimo, que Franklin Távora publicara em 1870. Depois, com Aurélio Teixeira (1926-1973), que conheci nas filmagens de *A Rosa dos Ventos*, atuei em *Três Cabras de Lampião* (1962). O quarto e último *nordestern* na minha carreira foi *Lampião, o Rei do Cangaço*, de Carlos Coimbra.

O Cabeleira (1963) teve produção de Nelson Teixeira Mendes, com quem eu voltaria a trabalhar. Nos créditos deste último filme constam nomes muito importantes para a história do cinema paulista. Caso de Guglielmo e Ugo Lombardi (este, pai da atriz Bruna Lombardi) e do montador Máximo Barro (hoje professor no curso de Cinema da Faap). A direção, como já registrei, era de Milton Amaral. Mesmo separados, ele me deu o papel de protagonista feminina. Coube a Hélio Souto o papel principal de um dos



Na época das filmagens de O Cabeleira, de Milton Amaral

primeiros cangaceiros da história nordestina. A trama de *O Cabeleira* se passa no século 19. No elenco, Milton Ribeiro, presença constante na maioria dos filmes de cangaço, Ruth de Souza, a jovem Karin Rodrigues e até o John Doo, chinês que mais tarde se dedicaria à direção.

66

Foi uma alegria fazer *Três Cabras de Lampião*, pois neste filme reencontrei – além de Aurélio Teixeira – o baiano Miguel Torres (1926-1962). Eu conhecera Aurélio e Miguel na Fazenda da Família Falcão, na zona rural de Feira de Santana. Miguel era o autor do roteiro de *Três Cabras de Lampião*, que fora escrito para Alex Vianny. Como Alex estava totalmente ocupado com *Sol Sobre a Lama*, recomendou o nome de Aurélio Teixeira, que, além de dirigir, atuou como um dos três cabras do cangaceiro Lampião. Este filme foi definido pelo Salviano Cavalcanti de Paiva como "*uma aventura épica nos sertões do Nordeste realizada com veracidade. Obra de denúncia social do cangaço.*"

Em 1963, atuei em *Lampião, o Rei do Cangaço*, de Carlos Coimbra, mais uma produção de Oswaldo Massaini e sua Cinedistri (a produtora de *O Pagador de Promessas*, Palma de Ouro em Cannes/1962). O gênero fazia tanto sucesso, que Massaini resolveu mesclar os elencos de *A Morte Comanda o Cangaço* e *O Pagador de Pro-*

messas. Assim, coube a Leonardo Vilar, o *Zé do Burro*, protagonista do filme de Anselmo Duarte, interpretar Lampião. Com ele contracenam Vanja Orico, Milton Ribeiro, Glória Menezes, Sady Cabral, José Policena, David José, Antônio Pitanga, eu e Geraldo del Rey (que em seguida protagonizaria *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, do Glauber Rocha).

Lampião, o Rei do Cangaço foi fotografado por Toni Rabatoni, em cores, teve música e regência de Gabriel Migliori, canções de Catulo de Paula e Volta Seca, locações em Petrolina (PE), Juazeiro e Santana (BA). O roteiro, de Carlos Coimbra, que, além da direção, assinou a montagem, baseou-se em dois livros (*Lampião, o Rei do Cangaço*, de Eduardo Barbosa, e *Capitão Virgulino, Lampião*, de Nertan Macedo). O filme conta a história de Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião. Na infância, ele encontra um cangaceiro ferido e lhe dá água. Pede o chapéu de couro do ferido. É atendido e ouve do cangaceiro a seguinte recomendação: *Só use este chapéu quando tiver um motivo*. Anos mais tarde, o jovem vê sua casa arrasada e seus pais assassinados. Revoltado, coloca o chapéu estrelado na cabeça, forma seu bando e inicia sua trajetória no cangaço, tornando-se o mais famoso dos cangaceiros do Nordeste brasileiro. O filme fez um sucesso avassalador.

Participei, ainda nos anos 1960, de outros filmes de gêneros diversificados. Quase uma dúzia, no total. Com Ary Fernandes, que me descobrira vendendo doces em Feira de Santana, atuei em *O Rapto do Juca Chaves* (1961), episódio da série *Vigilante Rodoviário*, estrelada por Carlos Miranda, que se fazia acompanhar de seu cão ensinado, o Lobo. Consegui o principal papel feminino e trabalhei com Ety Fraser e Dirceu Conte (irmão do também ator Hélio Souto). Com Ary Fernandes participei de outros episódios da série, ora como assistente de direção, ora como continuísta.

- 68 Ainda em 1961, fiz um pequeno papel em *Mulheres e Milhões*, de Jorge Ilelli (1925-2003), cineasta carioca, de origem libanesa, que vinha da crítica cinematográfica e que realizara, em 1952, um filme muito festejado: o policial *Amei um Bicheiro*. Ele era primo dos irmãos Sérgio Ricardo e Dib Lutfi. Milton Amaral foi o assistente de direção de Ilelli em *Mulheres e Milhões*. O argumento do filme é do ator Jorge Dória e os diálogos do dramaturgo Nelson Rodrigues (1912-1980). O elenco, imenso, tinha Glauce Rocha, Odete Lara, Norma Bengell, Jece Valadão, Luigi Picchi, Aurélio Teixeira, José Mauro de Vasconcelos, Daniel Filho, Mário Benvenuto, Norma Blum, Monah Delacy, Beyla Genauer e eu.



*Em O Vigilante Rodoviário, com o Tenente Carlos
(Carlos Miranda)*

Minha primeira participação numa coprodução internacional se deu em *A Moça do Quarto 13* (1961), do havaiano Richard Cunha. A parte brasileira do filme, realizada nos Estúdios da Vera Cruz (então comandada por Willian e Walter Hugo Khouri), foi produzida (e fotografada) por Konstanin Tkaczenko. O filme tem montagem do Carlos Coimbra e trilha sonora de Gabriel Migliori. John Herbert, de origem alemã, além de interpretar um papel no filme, foi assistente de direção. O elenco somava atores norte-americanos e brasileiros. Fiz um papel pequeno e não me lembro muito do resultado. Sei que entre os dubladores estavam Dionísio Azevedo e Milton Amaral. Entre os brasileiros, além de John Herbert, estavam Pedro Paulo Hatheyer, Mário Benvenuto, Nelson Oliveira, Léo Avelar, Carmen Marinho e Flora Geny.

Em 1964, participei de outra coprodução, desta vez entre Alemanha (Munique) e Brasil, chamada *Mulher Satânica (Der Satan Mit Den Roten Haaren)*, direção de Alfonz Stumman. Mais uma produção de Konstanin Tkaczenko, realizada nos Estúdios Vera Cruz, em São Bernardo do Campo. No elenco, atores alemães e brasileiros. Mais uma vez, com John Herbert. Além dele, atuaram os brasileiros Luigi Picchi, Sérgio Hingst e Xandó Batista. Também não me lembro do resultado nem de detalhes de minha participação.

Ainda em 1964, atuei num filme quase desconhecido: *Carta para Anita (Young Man From Rio)*, coprodução EUA-Brasil, dirigida por Ken Anderson. Creio que fui a protagonista ao lado de Fausto Rocha, radialista e apresentador de TV. Hoje, aposentado, ele mora em Campinas. Vale registrar que ele é homônimo do ator, já falecido, Fausto Rocha, galã de muitas novelas das Redes Tupi e Globo. *Carta para Anita* é um filme evangélico feito sob encomenda para a Igreja Batista.

De 1965 a 1968, quando nasceram meus dois primeiros filhos, diminuí minhas atividades artísticas. Fiz pequenos papéis na TV. Não atuei no cinema. Fiz pouco teatro. Bem menos do que gostaria.

Entre meus poucos trabalhos no palco, gosto de destacar a montagem de *A Idade dos Homens* (1963), de Osman Lins, que falava do caso Aída Cury, muito rumoroso na crônica policial carioca. Atuei com Fúlvio Stefanini, Nydia Lícia e Jairo Arco e Flexa. Eu interpretava a jovem Aída Curi, brutalmente assassinada por um playboy. Fizemos temporada no Teatro Sérgio Cardoso.

Mais tarde, atuei em *A Infidelidade ao Alcance de Todos*, ao lado de Antônio Fagundes, Kate Hansen e Cleo Ventura. Atuei, também, no filme



Em cena de novela da TV Tupi



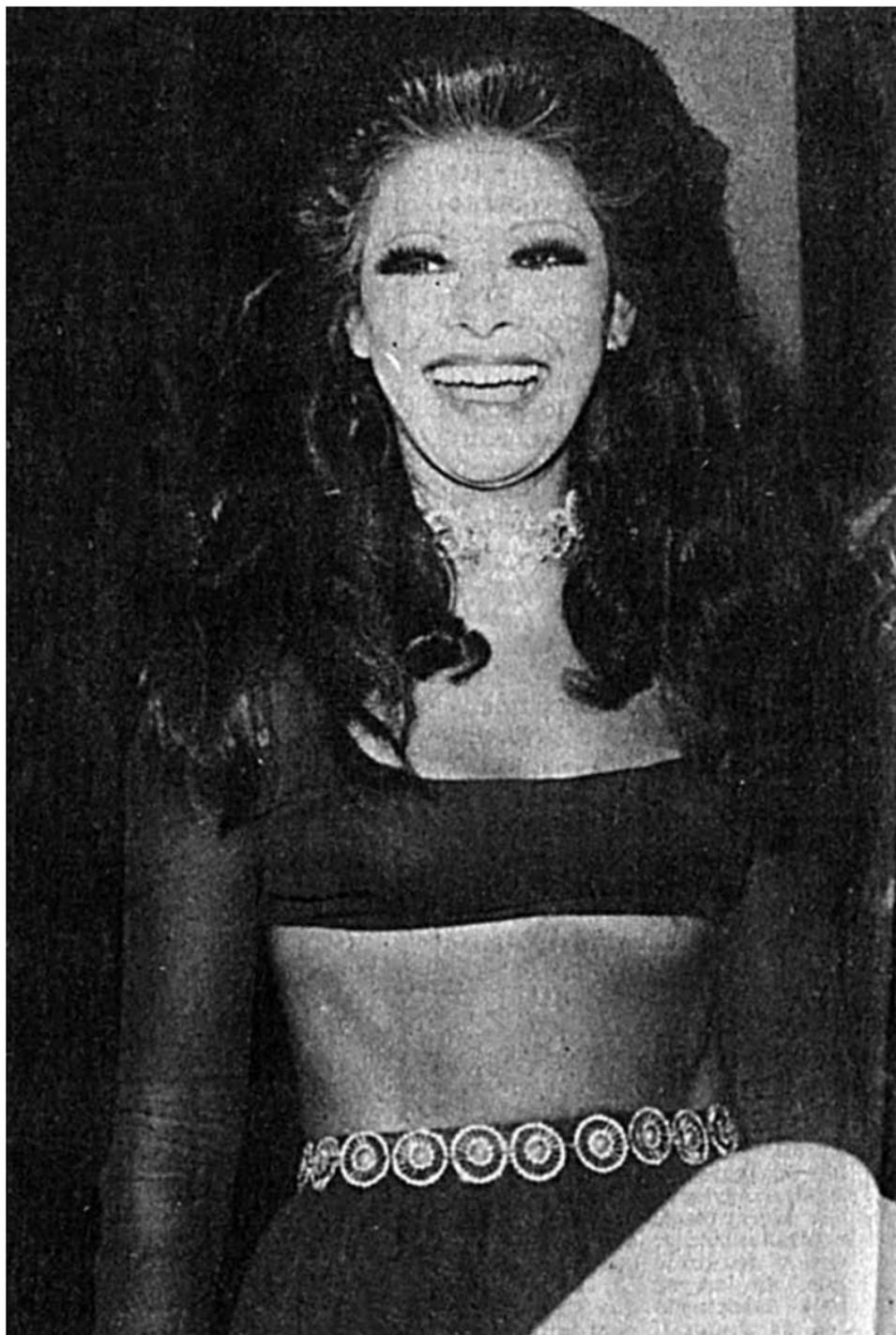
Em cena de novela da TV Tupi

baseado nesta peça, escrita por Lauro César Muniz, e composto de dois episódios, um dirigido pelo Olivier Perroy e outro pelo Anibal Massaini. A produção foi muito requintada. Ótimos cenários e figurinos.

Minha vida sofreria uma grande mudança em 1964, quando encontrei meu eixo ao me apaixonar, profundamente, por André, meu marido até hoje, com quem quero encerrar meus dias, e pai de meus filhos. Em 15 de setembro de 1964, nasceu Andrezinho, meu primeiro filho. Esta é uma longa história, que me liga às famílias Ippolito e Matarazzo.



Filmagens de A Infidelidade ao Alcance de Todos



Filmagens de A Infidelidade ao Alcance de Todos



Filmagens de A Infidelidade ao Alcance de Todos



Filmagens de A Infidelidade ao Alcance de Todos

Capítulo VI

A Entrada no Clã Matarazzo Ippolito

Cantriz da Boate Sambalelê conhece Angelo Andrea Matarazzo Ippolito. O clã Matarazzo rejeita a atriz baiana, filha de migrantes pobres, desquitada, de tipo sertanejo. Quatro anos depois, a família Matarazzo a recebe em festa de Natal, em mansão na Avenida Paulista (1968).

Angelo Andrea Matarazzo Ippolito era um jovem e belo empresário, filho de Maria Virgínia Matarazzo (irmã da condessa Matarazzo, esposa do conde Francisco Matarazzo) e do empresário Andrea Ippolito. Ele era o que podemos chamar de um jovem *playboy*, um *bon-vivant*. Como todo jovem da época, gostava de fazer o circuito das boates grã-finas. Uma delas era a Sambalelê, na Rua Brigadeiro Luiz Antônio. Eu cantava lá, de meias pretas finas, bem sensual, um repertório bossa nova.

Uma tarde (em 1963), lá pelas 3 horas, eu estava repassando o repertório do *show*, quando aquele jovem de beleza apolínea entrou, depois de estacionar um carro esporte na porta da Sambalelê. Foi em minha direção e me convidou para um drinque. Jogamos um pouco de conversa fora e começou um namorico. Eu não esperava nada

ARTISTA BAIANA VAI CASAR COM MILIONÁRIO PAULISTA

MARLE-
NE Fran-
ça parece en-
carnar a Cin-
dereia do Sé-
culo XX. A
estrela de TV
e Cinema era
uma humilde
vendedora de
doços, há al-
gum tempo,
na Bahia —
onde nasceu;
um diretor ci-
nematográfico
ficou impres-
sionado com a
sua beleza e a
contratou pa-
ra fazer um
filme. O su-
cesso começou
all. Hoje a ar-
tista é famosa
(atuando mais
em São Paulo)
e está em ves-
peras de des-
posar um mi-
lionário jovem
e simpático,
visto ao seu
lado, na foto
desta página.
Virando a pá-
gina o leitor
encontrará to-
da a história
da Cinderela
brasileira — e
de como An-
dré Matarazzo
Ippolito se en-
amorou. O
casamento se-
rá em dezem-
bro próximo!



·ELA É
MARLENE FRANÇA
·ELE É
ANDRÉ MATARAZZO

160

Noiva de Andre Matarazzo Ippolito



Noiva de Andre Matarazzo Ippolito

daquele relacionamento. Pensava muito em Riva Farias, grande paixão que ainda me causava dor e sofrimento.

Tanto que na pré-estreia de *Lampião, o Rei do Cangaço*, a família Massaini realizou um grande jantar para o elenco e convidados. E entre estes estava o Riva. Me vesti com esmero, usei uma blusa da grife Madame Boriska, muito chique na época, e fui acompanhada pelo lindo italiano, que se tornava meu companheiro constante. Imagina quem se senta ao nosso lado? Riva Farias!

82

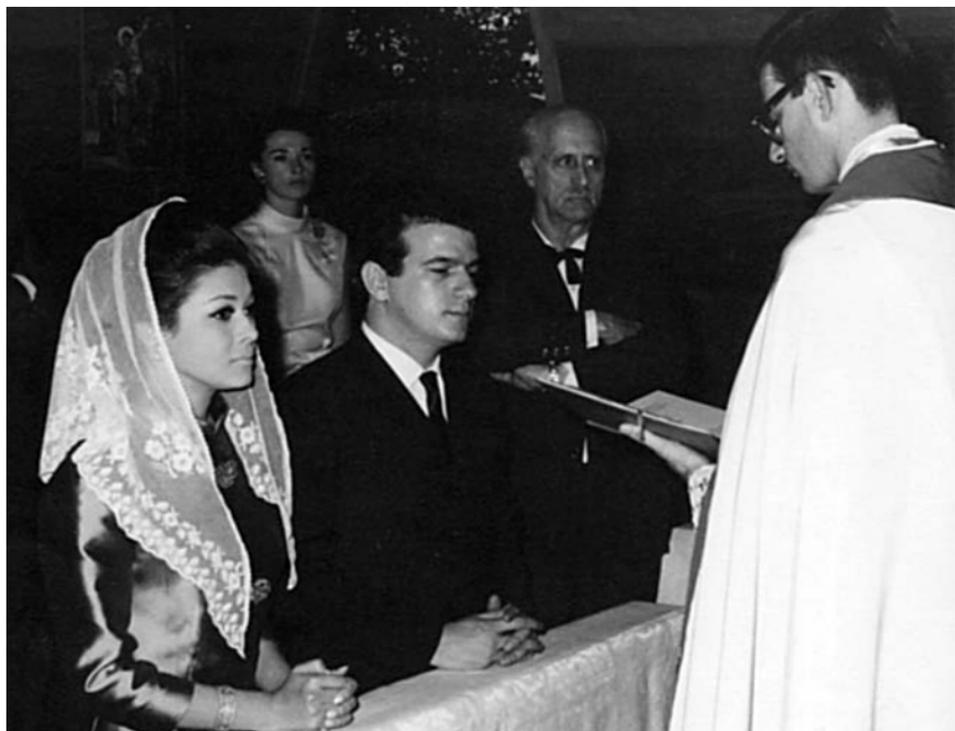
Em *Lampião, o Rei do Cangaço*, eu interpretava uma moça nordestina, sertaneja, que era currada pelo personagem de David José, grande ator e grande amigo. Mais tarde David faria um belo trabalho no episódio *Arroz com Feijão*, de Roberto Santos (*Contos Eróticos/1977*) e seria meu marido no filme *Nasce Uma Mulher*, também de Roberto Santos. Naquela noite da pré-estreia de *Lampião*, eu encerrava emocionalmente o ciclo Riva Farias e me preparava para ser mãe (estava já nos primeiros meses de gravidez do Andrezinho).

André e eu não planejávamos ter um filho naquele momento. Eu estava, legalmente, casada com Milton Amaral. Desquite era um processo complicado e lento naquele tempo. A Lei do Divórcio, vale ressaltar, só seria aprovada em

dezembro de 1977. A família Matarazzo Ippolito, em sua maioria, não aprovava o relacionamento do jovem André com uma mulher como eu, nordestina, de família sertaneja muito pobre, com fama de porra-louca, que adorava beber em botecos. Creio que o tumultuado relacionamento da cantora Maysa Monjardim com André Matarazzo Filho (na segunda metade dos anos 1950) os deixara ainda mais preocupados e incomodados. Decerto, temiam a repetição do que acontecera.

Só que meu relacionamento com André foi ganhando corpo, imensa paixão nasceu entre nós, tivemos nosso primeiro filho. Eu sabia que depois de muitos relacionamentos, alguns superficiais (caso de Lima Barreto), outros mais sérios (Loyola, Riva) e um casamento sem amor (com Milton Amaral), eu havia encontrado um homem a quem amava profundamente e que era correspondida.

Três anos se passaram até os Matarazzo Ippolito me aceitarem. Eu recebia, por vias indiretas, recados os mais diversos. Na maioria deles, me recomendavam que não ficasse com André, pois ele iria fazer novos estudos na Europa. Deixavam subentendido que ele merecia uma esposa melhor que eu e coisas similares. Do meu lado, em todos os momentos, ficou minha cunhada



Seu grande sonho: o casamento com Angelo Andrea Matarazzo Ippolito, na Igreja de São Pedro e São Paulo, tendo como padrinhos Francisco Matarazzo III e sua esposa (então, 1964) Stela Toledo Piza Matarazzo

mais jovem, a Maria Thereza Ippolito. Eu tinha, quando André e eu nos apaixonamos, uns 20 anos. André tinha 24. Éramos muito jovens. Mas era complicado para a família dele vê-lo apaixonado por uma mulher casada, em processo de desquite.

André era um *bon-vivant*, um homem viajado, ia sempre a Roma e passeava, tal qual os jovens bem-nascidos de sua época, pelas casas noturnas da Via Veneto, ia a Paris, Biarritz. Era culto, bem-informado. Eu era uma sertaneja, filha de lavradores migrantes, nunca tinha saído do Brasil. Mesmo assim, ele se apaixonou por mim, e eu por ele, e resolvemos seguir em frente, apesar de todos os empecilhos. Fui me ilustrando, viajando com André, aprendendo a viver em sociedade. Coisa que, obviamente, eu não sabia, primeiro pela infância e juventude pobres, segundo pela profissão que escolhera, atriz de cinema. Isso, num país em que nossa cinematografia é, se podemos dizer assim, *ocupada*. O cinema hegemônico monopoliza mais de 80% de nossas salas. Temos, ainda hoje, que lutar para dispor de uma fatia razoável de nosso próprio mercado.

Em 1968, nasceu nossa segunda filha, Marleninha, que é portadora de síndrome de Down. Andrezinho já estava com 3 anos. E, além de Maria Thereza, outros membros da família Matarazzo

Ippolito já me aceitavam. Tanto que no Natal de 1968, quase cinco anos depois do início do nosso relacionamento, fui recebida na casa de meus sogros, uma mansão na Avenida Paulista, para a ceia natalina, com um imenso buquê de flores. Naquela noite, simbolicamente, eles festejaram minha chegada ao seio da família.

Tenho imenso carinho e respeito pelos Matarazzo. Me lembro sempre de Tia Mariângela, que vestiu preto quando morreu o marido, o conde Francesco Matarazzo. Nunca mais a vi tirar o luto. Ela gostava de conversar com as sobrinhas-netas, Marleninha, minha filha, e Gigi, minha sobrinha, que também era *especial* (por problemas advindos do parto). Tia Mariângela se relacionava com elas, com ternura de avó, ensinando a ambas como tricotar. Tentava, também, ensinar algumas frases em italiano.

86

Gigi (Virgínia) foi e será sempre minha sobrinha preferida. Eu a amava profundamente. Brincávamos, comíamos doces e mais doces às escondidas em Roma, em Cravinhos, em minha casa, fosse onde fosse. Deus, um dia, a levou. Era filha da minha cunhada Maria Thereza. Esta sempre foi amiga e solidária comigo e com meu filho André. Nunca houve preconceito da parte dela por eu ser atriz, desquitada e mulher do povo, oriunda da classe camponesa.

Nos últimos anos de vida de meu filho Andrezinho, contei com a valiosa e incansável ajuda de Maria Thereza. Ela o recebia e o ajudava em tudo que fosse possível. Andrezinho recebeu de nós todos o maior carinho, estudou nos melhores colégios, estudou em Oxford, mas o uso de drogas, que o acompanhou por grande parte de sua existência, acabou por encurtar sua vida. Ele morreu em 2007, aos 43 anos, de forma trágica. Quem me ajudou no doloroso reconhecimento do corpo (ele foi atropelado) foi Maria Thereza. Eu estava arrasada, sem condições de tomar qualquer atitude. Ela me ajudou, viajando de madrugada para o Rio de Janeiro.

87

Um dos mais conhecidos integrantes da família Matarazzo, de quem guardo as melhores lembranças, foi Ciccillo Matarazzo Sobrinho, dono de imensa paixão pelas artes. Quando o conheci, ele era casado com Yolanda Penteado. Eles moravam num apartamento na Avenida Paulista. Estive com eles, pela primeira vez, durante um almoço. Foi nesta ocasião que encontrei (e conheci) Yolanda Penteado (1903/1983). Que deslumbramento, que elegância, uma verdadeira dama paulistana. Quanta cultura misturada a uma simplicidade sem par. Nos tornamos amigas e até comadres, pois ela batizou a Marleninha. Foi uma doce companheira e defensora feroz de



Com o marido André e o filho Andrezinho



Em sua casa no Morumbi, no Natal, com seu filho Andrezinho, que faleceu em 2007



Amigos reunidos: Vanja Orico, seu filho Andrezinho e José Sacreta

minha carreira de atriz e de militante política. Recebi dela, em todas as minhas estreias teatrais e de cinema, tudo que ela podia me oferecer de melhor. Imensos buquês de flores e jantares monumentais ofertados a mim e à classe artística de São Paulo. Ela era amiga íntima do grande Alberto Cavalcanti (1897-1982). O sonho dela era me ver no elenco de um filme dele. Várias vezes ela tentou nos aproximar. Mas não deu certo, pois Cavalcanti voltou para a Europa.

90 Era costume, nas quintas-feiras, convivermos com tio Ciccillo. Ele costumava oferecer almoço semanal aos sobrinhos, parentes, artistas e intelectuais de sua época. Generoso, elegante, um verdadeiro senhor, conhecedor profundo de artes plásticas e participante ativo de todas as bienais europeias. Aliás, ele foi um dos criadores da grande Bienal Brasileira, que a cada dois anos movimentava o Ibirapuera.

Não sei bem por que, mas tenho cá comigo que o tio Ciccillo (Francesco Matarazzo Sobrinho/1898-1977) foi o mais feliz dos Matarazzo. Ele realizou grandes sonhos para si mesmo e para a cidade de São Paulo. Foi um grande mecenas das artes, real fundador da Companhia Cinematográfica Vera Cruz, do TBC (Teatro Brasileiro de Comédia) e da Bienal das Artes de São Paulo. Orgulho para o Brasil e o mundo.



A filha Marleninha, no batizado com o avô Andrea Ippolito e Yolanda Penteadó Matarazzo



A filha Marleninha, no batizado, com Yolanda Penteadó Matarazzo

Marleninha, minha filha, portadora de síndrome de Down, adorava o Cicillo. Ela passava as mãos na careca dele. Ele, então, perguntava se ela queria um presente, uma fruta, um caqui. Lembro, com emoção, da pureza do amor entre os dois. Ela respondia: *Cicio, eu não quero comer caqui*. Ela não queria nada. Só receber o carinho dele. E foi o que ela recebeu de Cicillo e de todos nós, em especial da nonna (vovó) Virgínia. Minha sogra, que tinha saúde frágil, sempre em sua cama observava a todos, com suas muitas preocupações. Sinto muito, hoje, não ter filmado nossas reuniões familiares.

92

Outra Matarazzo, Fellucia, foi minha grande amiga. Ela morava no sul da Itália, em Castellabate, terra natal dos Matarazzo, e adorava receber a mim e André. Sempre que íamos à Europa a visitávamos.

Costabile Matarazzo, também irmão de Maria Virgínia, minha sogra, era casado com uma prima dele, a tia Maria. O nome dela era Maria *Matarazzo Matarazzo*. Duas vezes Matarazzo: por nascença e pelo casamento. Era a alegria em pessoa. Costabile e Maria formavam um casal maravilhoso. Ela era elegante, amiga muito querida de todos os sobrinhos. Eu, quando a via de saia azul- marinho, o colo enfeitado de pérolas, maquiada, penteada e sempre sorridente, dizia

a mim mesma: *quero ficar assim quando tiver a idade dela*. Ela, que tinha uns 78, 79 anos, era alegre, muito alegre. Aparentava sempre estar muito feliz. Recebia a todos os sobrinhos para os chás nos finais de semana. Eram chás agradabilíssimos.

Eu admirava profundamente minha sogra, Maria Virgínia. Foi uma mulher que sofreu muito, por causa da saúde frágil. Ela enfrentou sérios problemas de saúde, males que, na época, eram incuráveis. Lutou com a garra de uma leoa para unir a família ao seu redor. Aos sábados, havia o famoso almoço familiar em sua casa. No verão, ela o servia à beira da piscina. No inverno, na casa grande, com móveis e espelhos deixados por sua mãe (que não conheci). Também não cheguei a conhecer os dois velhos Matarazzo, origem do clã de industriais que tanto fez pelo desenvolvimento de São Paulo e do Brasil.

93

Quando conheci os Matarazzo, após 1964, ano de nascimento do meu filho André, fiquei surpresa. Tinha conhecimento da lendária história dos dois primeiros Matarazzo que aqui chegaram – Francesco e Andrea – e aqui fizeram fortuna. Aliás, os brasileiros até hoje contam essa história, como se tudo fora uma lenda. Mas foi tudo verdade! Construíram o maior império industrial familiar de toda a história do Brasil.



Os sogros Maria Virginia Matarazzo Ippolito e Andrea Ippolito com os netos Paloma, Marleninha e Andrezinho

Há uma constatação que me persegue sempre que penso na família Matarazzo: os verdadeiros chefes do clã eram as mulheres. Um matriarcado. Caso da condessa Mariângela Matarazzo. E da minha sogra Maria Virgínia Matarazzo Ippolito (esposa de Andrea Ippolito). Era ela quem, na verdade, dava as ordens a todos os irmãos. E era ouvida e atendida por todos, apesar de ser a caçula da família.



Em O Pequeno Mundo de Marcos, direção de Geraldo Vietri

Capítulo VII

Uma Nega Chamada Tereza

O trabalho com Person (*Panca de Valente*), com Geraldo Vietri (*O Pequeno Mundo de Marcos*) e com Fernando Coni Campos (*Uma Nega Chamada Tereza*, produção de Aurora Duarte).

De setembro de 1964, quando nasceu o Andrezinho, até 1968, quando nasceu Marleninha, fiz poucos trabalhos como atriz. Foi um período de dedicação à família, de viagens, de visitas a museus, de longas conversas com Yolanda e Ciccillo.

Aquela sertaneja de Uauá, que acabou substituindo a *princesa encantada europeia* esperada pelos Matarazzo Ippolito para esposa de André, tinha uma sede enorme de conhecimento, queria aprender, se ilustrar. Fiz isso da melhor forma que pude.

Fechei a década de 1960 com participação em dois filmes, *O Pequeno Mundo de Marcos*, do teledramatugo Geraldo Vietri, estrelado por Tony Ramos, e *Panca de Valente*, uma farsa ao western, dirigida por Luiz Sérgio Person (1936 – 1976), grande cineasta.

O Pequeno Mundo de Marcos é um melodrama que fez relativo sucesso e ajudou a alavancar a

carreira de Tony Ramos. Geraldo Vietri era um teledramaturgo muito famoso, o nome mais importante das novelas da TV Tupi. No começo dos anos 1970 ele fazia imenso sucesso com *Nino*, *o Italianinho* e *Antônio Maria*, telenovelas protagonizadas por Juca de Oliveira (a primeira) e Sérgio Cardoso (a segunda).

Seu quinto longa-metragem (depois, ele faria mais oito filmes) – *O Pequeno Mundo de Marcos* – tinha produção de Antonio Abujamra e foi concebido como um drama neorrealista. O elenco era composto com atores que frequentavam as novelas da Tupi: além do jovem Tony Ramos, ele escalou Ana Rosa, Marcos Plonka, Maria Luiza Castelli, Flaminio Fávero, Guy Loup, Norah Fontes e eu.

98

A história resultou mais melodramática e lacrimosa que neorrealista. Isabel, não suportando mais a vida de casada, abandona a família e dois filhos jovens. Marcos, o rapaz, e Silvinha, sua irmã, que aos 6 anos fora vítima de acidente e ficara parálitica.

O jovem Marcos (Tony Ramos) se desdobra em vários trabalhos, pois necessita juntar dinheiro para que a irmã parálitica se submeta a longo e caro tratamento. A incompreensão dos patrões e dos companheiros de trabalho não o desanima.

Para reconfortá-lo ele encontra o amor de Ana. Só que, no auge da felicidade, algo inesperado virá perturbar seu percurso.

As filmagens foram tranquilas e conviver com um elenco tão bom foi muito prazeroso. Éramos uma turma que fazia novelas na Tupi. Trabalhar com Vietri e Abujamra foi realmente muito agradável.

Guardo das filmagens de *Panca de Valente*, lembrança que nunca saiu de minha memória. No elenco estavam Átila Iório (famoso como o Fabiano de *Vidas Secas*), Tony Vieira, Francisco Martins, marido da Ety Fraser, Bibi Vogel, Cacilda Lanuza, Sílvio de Abreu (hoje, grande teledramaturgo), Enzo Barone e o grande Jofre Soares (1918 - 1996). Numa determinada sequência, eu devia saltar do cavalo e pular, chorando, nos braços do Jofre. Só que eu não conseguia.

Person foi ficando impaciente e começou a me provocar: *Se fosse o Juca de Oliveira ou algum astro de TV, você daria conta do recado!* Nova tentativa e nada! E Person provocando: *Você era uma ótima atriz, até que a TV te estragasse! Agora só pensa no sucesso televisivo!* E nada! Eu não conseguia chorar e saltar do cavalo, ao mesmo tempo. Respirei fundo e busquei, na minha memória afetiva, algo que me emocionasse. Jofre estava sentado num terreirão de café, um dos

cenários de *Panca de Valente*. Enquanto esperava que eu encontrasse o tom, ele se dedicava a algo que adorava fazer: dar nós em cordas, barbantes, o que tivesse em mãos. Ele fora marinheiro e era um craque neste ofício. Olhei para ele, lá, sozinho, naquele afazer. Em vez de vê-lo, vi meu pai, muito parecido com Jofre, que também gostava de ficar de cócoras, pelos cantos. As lágrimas vieram e a cena foi feita, agradando ao Person e acalmando o Enzo Barone, que era assistente de direção (e ator) e tentava me ajudar.

100

Tive uma maravilhosa convivência com Person e sua mulher, Regina Jehá. Nos reuníamos muito para jantares, animadas conversas, comentários cortantes. Bebíamos muito uísque e o passatempo predileto dele e de outros membros do nosso grupo era falar mal da TV. Nos anos 1960, a credibilidade da televisão brasileira era muito reduzida.

O filme, claro, não tem as qualidades de *São Paulo S.A* e *O Caso dos Irmãos Naves*, o que de melhor Person nos deixou. Mas trazia inteligência e picardia encantadoras. Sem falar na trilha sonora de Damiano Cozella e Rogério Duprat, na coreografia de Marika Gidali (do Balé Stagium) e nas animações de Ype Nagashima. Um timaço, convenhamos. Filmamos na Fazenda Boa Esperança, no município de Cabreúva, próximo a Itu.

A trama, em tom de comédia satírica, se passa numa cidadezinha imaginária chamada Espalha Brasa. O Bando de Costa Larga age impunemente. Para continuar a cometer suas arbitrariedades, Costa Larga decide colocar, no posto de delegado, Jerônimo, o indivíduo mais ingênuo e incapaz de Espalha Brasa. Ele não sabe fazer nada. Mas, mesmo assim, decide preparar-se para impor a lei naquela cidadezinha de faroeste. Aprende a montar e veste-se a caráter. A brusca transformação de Jerônimo surpreende a amigos e inimigos. Em especial ao coronel Costa Larga, que, aliás, planeja roubar o gado do pai de Teresinha (meu personagem), a moça que ocupa os sonhos românticos do delegado Jerônimo.

101

Em 1969, com meu amigo Ary Fernandes, fiz mais um episódio – *Agente da Lei* – da série *Vigilante Rodoviário*. Eram programas de média-metragem e fascinavam os espectadores. O Carlos Miranda era um ídolo da meninada. Falávamos mal da TV, mas sabíamos da importância do veículo!

Em 1970, participei de *Se Meu Dólar Falasse*, comédia dirigida por Carlos Coimbra, com quem eu trabalhara em *A Morte Comanda o Cangaço* e *Lampião, o Rei do Cangaço*. Guardo as melhores lembranças de Coimbra, que era respeitado como um artesão do cinema e não como um autor. Mas ele era um ótimo profissional e diri-

giu, para a família Massaini, títulos que fizeram grande sucesso de público (como os filmes de cangaço e *Independência ou Morte*).

Se Meu Dólar Falasse é uma comédia produzida pela Cinedistri de Oswaldo Massaini, que trazia, encabeçando o elenco, dois nomes de ponta no humor nacional: Dercy Gonçalves e Grande Otelo. A eles nos somamos eu, Dino e Dedé Santana, Milton Ribeiro, Zilda Cardoso, Sady Cabral, o Conjunto Blow-up e David Cardoso. O nome do filme, claro, era uma mistura de citações a *Se Meu Fusca Falasse* e *O Dólar Furado*. Meu papel foi o de uma agente da lei.

102 Guardo as melhores lembranças das filmagens de *Uma Nega Chamada Tereza*, dirigido pelo grande cineasta baiano, Fernando Coni Campos (1933-1988). Um ano antes, eu havia trabalhado com Ronnie Von em *Janaína, a Virgem Proibida*. No novo filme (*Uma Nega Chamada Tereza*), minha amiga, a produtora Aurora Duarte, tinha Jorge Ben (hoje Benjor) como elemento catalisador. Ela me convocou para trabalhar com mais um ídolo musical. A canção *País Tropical (Moro, num país tropical/ Abençoado por Deus/ E bonito por natureza/ Mas que beleza (...)) E tenho uma nega chamada Tereza...* tornara-se um sucesso de Norte a Sul, cantada por Wilson Simonal. Jorge Ben estava no auge.

Aurora, na época casada com Massao Ohno, que atuou como produtor executivo, convocou Arnaud Rodrigues para estruturar o enredo de uma comédia musical estrelada por um compositor e ídolo popular (Jorge Ben). A partir do argumento de Arnaud, Fernando Coni Campos escreveu o roteiro e dirigiu o filme. Reynaldo Paes de Barros (fotógrafo de *Menino de Engenho*) assinou a direção de fotografia. Me coube o papel de Babete, namorada de Jorge Ben. Era época em que o FIC (Festival Internacional da Canção) causava furor. Nada mais natural, portanto, que ambientar a história de uma comédia musical num ambiente festivaleiro. Foi o que Arnaud Rodrigues e Coni fizeram.

103

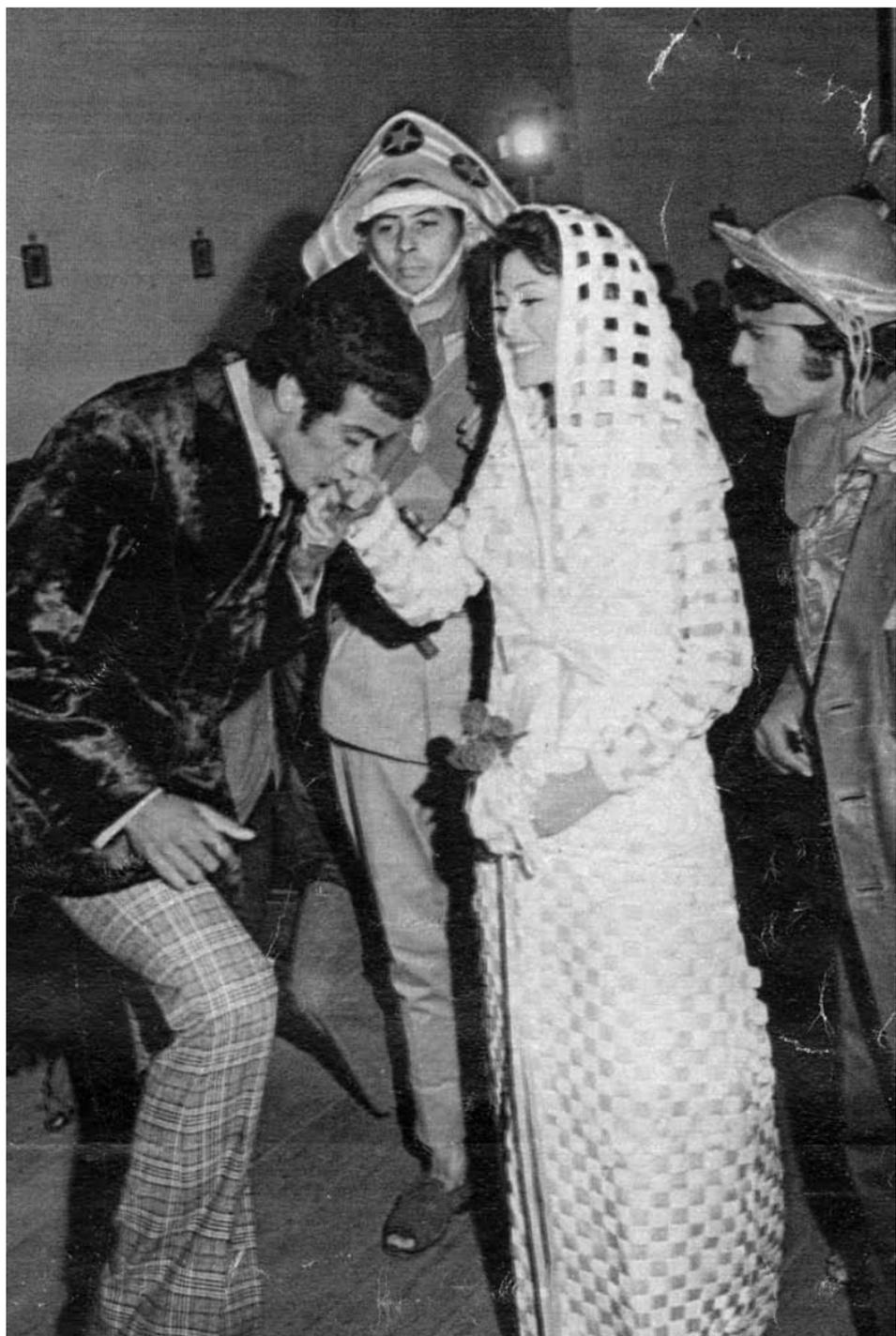
Para o elenco foram convocados Antônio Pitanga e Marina Montini (linda mulata e musa de Di Cavalcanti), o Trio Mocotó, Pepita Rodrigues, Clery Cunha, Irene Kramer, Carlos Alberto Batista, Samuel dos Santos, Manoel Martins, Lírio Bertelli, Mila Zula, Arnaud Rodrigues e Aurora Duarte.

As filmagens eram uma farra. A história permitia que nos divertíssemos muito. Imagine: um casal africano vem conhecer o Brasil por ocasião do Festival Internacional da Canção, no Rio de Janeiro. O cantor e compositor Jorge Ben é o favorito brasileiro da competição. Só que uma quadrilha urde um plano para conquistar o prê-



Cenas de Uma Nega Chamada Tereza, com Jorge Ben

mio máximo. Um sósia de Jorge Ben permitirá aos malfeitores colocar o plano em ação. Ou seja, o sósia substituirá o cantor verdadeiro. Só que o sósia é descoberto, pois sua namorada, Babete, chega de uma cidade do interior em busca dele. E, vejam só, acaba se apaixonando pelo verdadeiro Jorge Ben, enquanto o sósia segue para a Europa, pois o desejo dele era participar de corridas de automóvel, sua grande paixão. Enquanto a quadrilha é desmascarada e seus integrantes são presos, o africano, Dr. Silvanus, regressa a seu país. Mas sua mulher, Makeba (homenagem, claro, à cantora sul-africana, Mirian Makeba, que morreu em 2008), resolve ficar no Brasil, mudando seu nome para Tereza. Jorge Ben prossegue com sua bem-sucedida carreira de cantor e compositor e sua vida reencontra o eixo.



Cenas de Uma Nega Chamada Tereza, com Jorge Ben

Jorge Ben e Marlene França

QUE MARAVILHA DE CASAMENTO !

Reportagem de VALDIR ZWETSCH e BRAULIO IÓRIO



Cenas de Uma Nega Chamada Tereza, com Jorge Ben



Cenas de Uma Nega Chamada Tereza, com Jorge Ben

Capítulo VIII

Uma Atriz na Boca Paulistana

Cinco longas com Fauzi Mansur. Um encontro com Ozualdo Candeias e David Cardoso (*Caçada Sangrenta*). Um Kikito em Gramado por *Crueldade Mortal*.

A melhor década, na minha carreira de atriz, foi a de 1970. Estive no elenco, em papéis de protagonista ou coadjuvante, em mais de 20 filmes. Muitos deles são comédias ou dramas com leves pitadas eróticas e foram produzidos na Boca. Boca do Lixo? Por que Boca do Lixo? Não gosto do rótulo. Ele não serve para abranger e denominar os filmes que fizemos naquele período. Por que lixo? Por que havia prostitutas na região? E prostitutas são seres humanos ou lixo? Para mim, são seres humanos.

Tenho o maior orgulho de ter feito os filmes que fiz na Boca. Lá conheci pessoas de grande talento, por quem tinha, tenho e terei, sempre, o maior respeito. Lá aprendi muito. Só com o Fauzi Mansur (paulistano nascido em 1941) fiz cinco filmes. O primeiro foi *Cio, uma Verdadeira História de Amor* (1971). Depois vieram *Sinal Vermelho, as Fêmeas* (1972), que revelou Vera Fisher, *A Noite do*



Em Cio, Uma Verdadeira História de Amor, com Francisco Di Franco



Ensaio, com o diretor Fauzi Mansur, cena de Noite das Fêmeas

Desejo (1973), *Noite das Fêmeas* (1976) e *O Mulherengo* (1977).

Guardo desses cinco filmes boas lembranças. Não são pornochanchadas. São comédias com algumas pitadas de erotismo. E Mansur, meu grande amigo, foi (e é) um profissional que desempenhou importante papel na minha carreira. Ele estudou na Escola São Luís, foi colega de Carlos Reichenbach, qualificou-se como assistente de direção em muitos filmes. Tornou-se um profissional de múltiplos ofícios. Foi roteirista, montador, produtor e diretor de mais de 30 filmes. Se dependesse da vontade dele, teria continuado fazendo filmes como os cinco que fizemos juntos e como *Sedução – Qualquer Coisa a Respeito do Amor*, que ele realizou em 1974, com Sandra Bréa e Ney Latorraca.

112

Nos créditos dos filmes que Fauzi Mansur realizou nos anos 1970 estão nomes de bons atores (Dionísio Azevedo, Fregolente, Jussara Freire, Kate Hansen, Elizabeth Hartman, Hélio Souto, Betina Viany, Eduardo Tornaghi, Sérgio Hingst, Jofre Soares, Abrahão Farc, Antônio Fagundes, Ewerton de Castro, Maria Isabel de Lizandra, Vera Fisher), roteiristas como o escritor Marcos Rey, montadores como Inácio Araújo e Eder Mazini, participações especiais de críticos como Rubem Biáfora e José Júlio Spiewak, e fotógrafos como Ozualdo Candeias.



Filmagem de Sinal Vermelho



Em A Noite do Desejo



A DESPEDIDA DA NUDEZ

Marlene França, a estrela de "A Noite do Desejo", que estréia dentro de dias em São Paulo, está anunciando que esse é o último filme em que aparece nua. Quem fala dela é GIBA UM em suas páginas de hoje.

Em A Noite do Desejo

Lua de Mel e Amendoim é um dos primeiros títulos do gênero que, em minha opinião, foi injustamente rotulado como pornochanchada. Afinal, de pornô não têm nada. Esta comédia de costumes divide-se em dois episódios: um dirigido pelo respeitado Fernando de Barros (1915-2002), realizador lusitano-brasileiro, homem culto e sofisticado, e outro por Pedro Rovai, hoje um produtor dos mais respeitados.

No elenco desse filme, que teve bom desempenho nas bilheterias, estão nomes como Rossana Ghesa, Newton Prado, Consuelo Leandro, Otelo Zeloni, Jairo Arco e Flexa, Ruthinéa de Moraes, Felipe Carone e eu (no episódio que dá nome ao filme). No outro – *Berenice* – dirigido pelo Rovai, estão Renata Sorrah, Darlene Glória, Carlo Mossy, José Lewgoy e Beatriz Lyra. Os dois episódios podem, hoje em dia, ser exibidos numa Sessão da Tarde, na TV.

Outro filme do período – *Infidelidade ao Alcance de Todos* – que também foi arremessado no balaio da dita pornochanchada, tinha elenco de peso, baseava-se em peça de Lauro César Muniz, dramaturgo respeitado e, mais tarde, autor de novelas importantes como *Escalada*, *O Casarão*, *Os Gigantes* e *Cidadão Brasileiro*. .



Filmagens de A Infidelidade ao Alcance de Todos

Um dos episódios (*A Tuba*) foi dirigido pelo suíço-brasileiro, Olivier Perroy. Nele atuaram Raul Cortez, Marilu Martinelli, Liana Duval, Jairo Arco e Flexa, entre outros. O outro episódio (*Transa*), no qual atuei, foi comandado por Anibal Mas-saini. Trabalhei com Cyll Farney, Wanda Stefania, Clodovil Hernandez e Marina Freire. O filme tinha produção do Anibal, aliás, uma superprodução para a época, grandes cenários, elenco de primeira, me lembro de grandes festas em casas da alta burguesia paulista. Eles nos emprestavam suas mansões, que serviam como locação.

Quero lembrar que foi um luxo ter Clodovil Hernandez no elenco. Além do mais, ele criou meus figurinos. Confeccionou um vestido verde deslumbrante, imenso, daqueles que chamavam a atenção. Além de amiga do estilista, tornei-me sua cliente. Sempre tive por ele uma grande admiração e respeito. Foi um homem de muito talento. Me lembro que morríamos de frio e de rir durante as noites de filmagem. Tudo era uma grande festa! O famoso vestido verde era transparente. A cena em que eu o trajava foi feita num restaurante, no Guarujá. O frio era de rachar. Tínhamos que entrar no mar (Clô e eu) com taças de champanhe. O dia ia amanhecendo. Quando a cena foi concluída, pedi o Clodovil em casamento (na brincadeira). Ele respondeu que



Com seu filho Andrezinho, na Boca do Lixo, comemorando o Ano Novo com seus companheiros

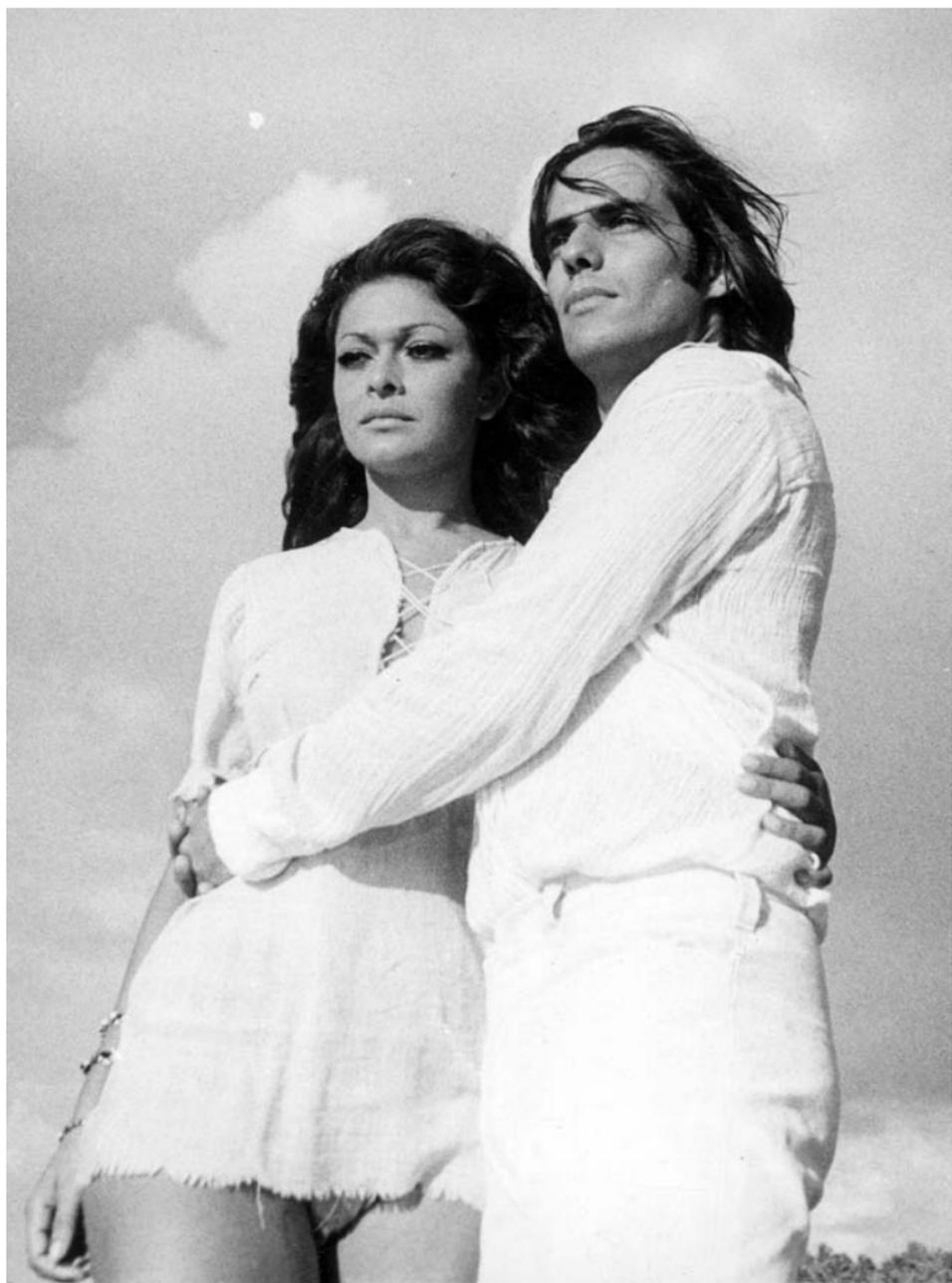
aceitava, que nós dois ficaríamos na cama um de cada lado fazendo tricô. Sonoras gargalhadas fechavam nossas brincadeiras.

Infidelidade ao Alcance de Todos fez tanto sucesso, que, no mesmo ano, Olivier Perroy me convidou para protagonizar um novo longa-metragem. Naquela época, primeira metade dos anos 1970, os cultos afro-brasileiros se disseminavam no seio da classe média. E fertilizavam a cultura brasileira de forma muito rica. Ronnie Von, que era um cantor oriundo da Jovem Guarda, muito bonito e culto, fazia sucesso cantando músicas que dialogavam com pontos de umbanda. Por isso, Perroy convocou a ele e a mim para protagonizarmos *Janaína, a Virgem Proibida*.

119

Tudo foi muito bem preparado para que o filme fosse um sucesso. Raul Cortez e Eduardo Carvalho cuidaram da preparação de elenco. A música trazia a assinatura de Egberto Gismon-ti. Para contracenar com Ronnie Von, além de mim, foram convocados Cyll Farney, Mara Duval, Cynira Arruda, Olívia Salles, Luiz Lopes Correia e o próprio Raul Cortez. Badu, Pai Benedito e o Conjunto Folclórico da Bahia fizeram participações especiais.

Filmamos na Praia do Jauá, na Bahia, um verdadeiro paraíso. O filme conta a história de Ricky



Em Janaína, A Virgem Proibida, com Ronnie Von

Marlene França, a Janaina proibida

Foto de Antonio Pizzoni



Em Janaína, A Virgem Proibida



Em Janaína, A Virgem Proibida

(Ronnie Von), jovem cantor e ídolo de milhares de fãs. Mas ele anda cheio de problemas na vida real. Sua mãe, tudo indica, mantém relações incestuosas com o filho mais velho, Raul. E mãe e irmão vivem à custa do astro pop. Para agravar, Raul corteja a noiva de Ricky, que, furioso, tem vontade de matar o irmão.

Na Bahia, num terreiro de candomblé, um pai de santo diz a Ricky que sua vida sofrerá grandes mudanças. Ele se voltará para a natureza e encontrará um novo amor, Janaína (meu papel). Tudo se torna realidade. Só que Janaína parece ouvir, do mar, uma voz de sereia que a atrai e chama. Um dia, ela é tragada pelas ondas. A família do cantor e seu agente insistem para que Ricky retorne à vida artística. Ele se nega. Ouve uma voz nos rochedos, a voz de sua amada Janaína e a vê personificada em Iemanjá, a rainha das águas.

123

O candomblé ocupou parte importante da minha vida. Na época em que fiz este filme eu já me interessava muito pelos cultos afro-brasileiros. Minha família era católica, fui batizada e batizei meus filhos. Fiz primeira comunhão. Casei-me com André na Igreja do Morumbi (embora fosse desquitada, a Igreja Católica oficiou nosso matrimônio, pois eu me casara com Milton Amaral apenas no civil). Mas nunca fui uma católica praticante.



Yemanjá era sua Deusa!
NAQUELE AMOR LOICO, O FASCINIO DO CORPO NÚ E PALPITANTE DE JANAÍNA ENFEITICAVA O HOMEM QUE A AMAVA!

**JANAÍNA,
A VIRGEM
PROIBIDA**

**RONNIE VON
MARLENE FRANÇA**

RAUL CORTEZ CYLL PARNEY
COLORIDO AMANHA

UM FILME DE OLIVIER PERRROY
PRODUZIDO DE BETO ROCKFELLER
DINO - Fotografia e Cronometragem Ltda.

FILMADO COM REALISMO E BELEZA NAS PRAIAS SELVAGENS DA BAHIA!

Sala INDEPENDENCIA PASANOLI
ART PALACIO (Cine SAO PAULO)
CENTER
VILA RICA ISMERALDA FESTIVAL 18 ANOS



Em Janaína, A Virgem Proibida

Num determinado momento da minha vida, passei por uma depressão significativa. Achava que as coisas não estavam indo bem no campo familiar e artístico. Uma angústia terrível me atormentava. Nada parecia ser importante para mim. Para agravar, eu e Leina Krespi, talentosa atriz de origem judaica e polonesa, fundamos, em companhia de outro sócio, simpático café-concerto na Rua Augusta, ao lado da Cantina e Pizzaria Piolim. Antes, no local, funcionava um barzinho. Desmanchamos tudo e instalamos um teatrinho para pequenas montagens, pequenos recitais, jogos, etc.

Até que resolvemos montar uma peça do Zé Vicente, autor então em grande evidência. Só que nada dava certo no nosso café-concerto. E minha relação com meu marido André vivia momento de crise. Leina, que já praticava cultos afro-brasileiros, dizia que eu estava carregada, que era a *pesada* da turma. Estando carregada, eu necessitava fazer um urgente *descarrego*. Minha depressão só aumentava. Saí de casa com uma grande bolsa, algumas calcinhas e alguns vestidos, escova e pasta de dente e um monte de batons. Fomos morar num apartamento, daqueles meio hippies, com colchão e muitas almofadas no chão.

Leina Krespi me disse que ia me apresentar ao filho de Joãozinho da Gomeia, que era uma

peessoa incrível, que ia me ajudar. Quando o encontrei, ele, de cara, me disse: *Você é uma lansa maravilhosa, você é uma guerreira. Você precisa se entregar aos orixás.* Ele me contou histórias de escravos, me introduziu nos mistérios do candomblé. E me disse que, se o pai dele, Joãozinho da Gomeia, fosse vivo, me levaria até ele. Aquilo foi um alívio.

126 A atriz Ariclê Perez me substituiu na peça do Zé Vicente e, já retomando meu relacionamento com André, fomos para a Bahia. Juntos procuramos Mãe Menininha do Gantois, uma pessoa iluminada. Passamos a alugar casas em Itapoã, em Salvador, para períodos de férias, descanso e purificação. Só comíamos coisas brancas, nos submetíamos a rituais para retirar possessividades. Sou, como boa baiana, uma filha *raspada* e *catulada* (pintada) no candomblé. Guardo dessa época as melhores lembranças. Foi uma experiência muito positiva. Por isso, até hoje, Salvador me fascina, me renova. Lá eu renasço.

Em setembro de 2008, a Jornada de Cinema da Bahia me prestou uma homenagem. A mim e a Antônio Pitanga. Ele, um baiano do litoral, nascido em Salvador. Eu, uma baiana do sertão, nascida em Uauá. Frei Beto e Silvio Tendler, dois amigos queridos, pessoas que me ensinaram muito e que sempre me ajudam nas horas mais



Em palestra com o cineasta Joel de Almeida, que prepara um longa sobre a vida da atriz



Sendo homenageada por Guido Araujo, na Jornada de Cinema da Bahia

difíceis, estiveram comigo para, junto com Guido Araújo, grande companheiro, batalhador incansável do cinema brasileiro, me homenagear com um Troféu Tatu, o símbolo máximo do festival baiano. Fiquei muito feliz e gratificada.

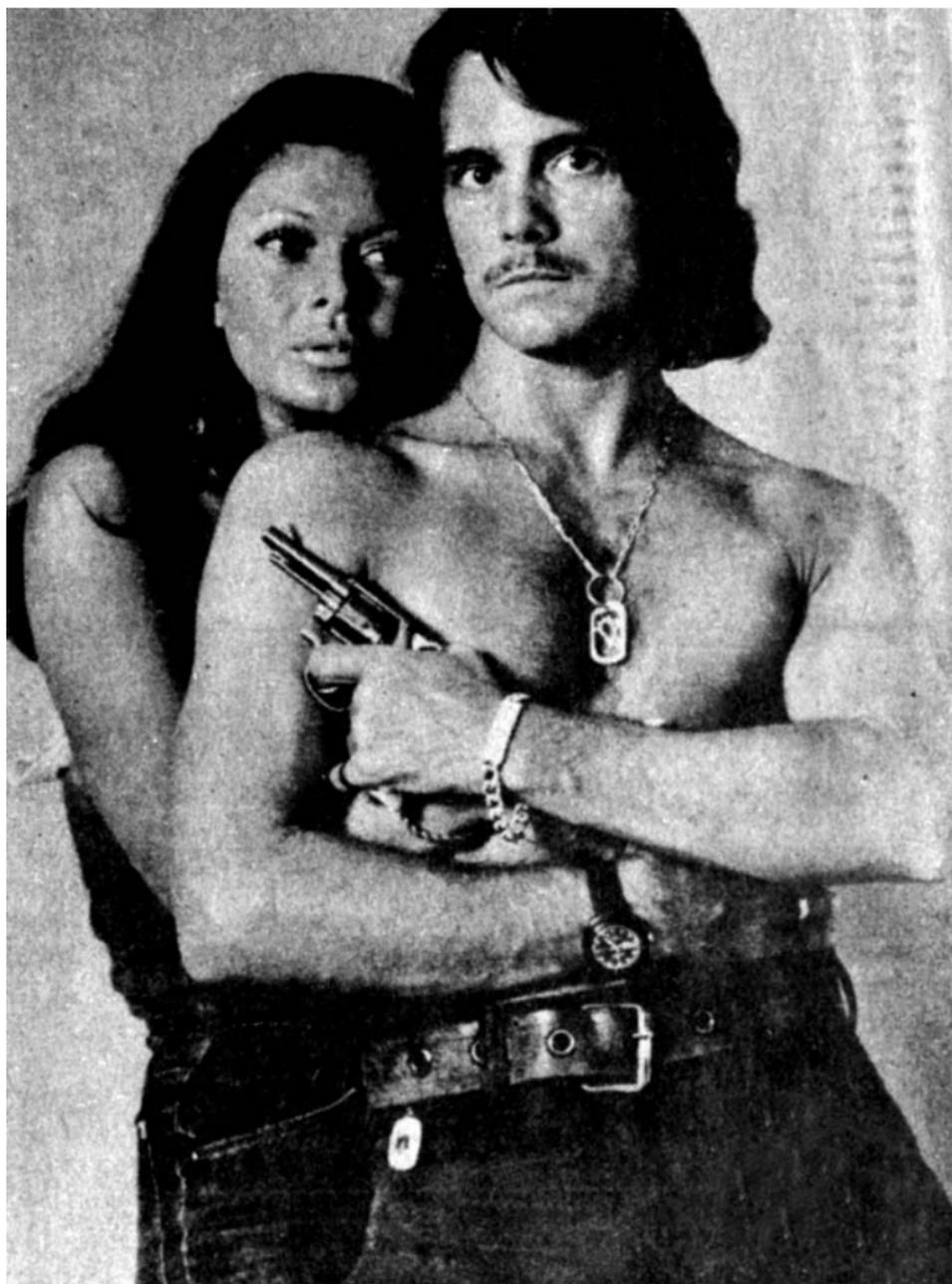
Depois de falar de minha experiência com o candomblé e da homenagem na Jornada da Bahia, voltemos, pois, à Boca e ao seu prolífico e injustiçado cinema.

Pela Boca, situada nos arredores da velha Estação Rodoviária de São Paulo, circulavam diretores e técnicos dos mais diversificados. Lá eram feitas comédias eróticas, comédias satíricas, dramas apimentados e filmes mais autorais. Na Boca conviviam produtores como Oswaldo e Anibal Massaini, Fauzi Mansur, cineastas como Rubem Biáfora, com quem fiz *A Casa das Tentações* (1977), e Carlos Reichenbach, o grande Carlão, com quem eu viria a trabalhar, em 1988, num projeto internacional chamado *City Life*. O episódio dele, *Desordem e Progresso*, foi realizado em São Paulo. Minha participação consistiu em interpretar uma mulher da periferia da grande megalópole brasileira que tomava um trem rumo a Osasco. O filme teve produção de uma fundação holandesa e reuniu diretores como Ken Loach, Jim Jarmush e Kieslovski. Foi concluído e lançado, com seus 12 episódios, em 1990.

Outro nome singular na Boca era Ozualdo Candeias (1918 – 2006). Se arrependimento matasse, eu estaria morta. Na segunda metade dos anos 1960, ele me convidou para protagonizar *A Margem* (1966/1967). Justo no momento em que eu estava em plena lua de mel com André, com Andrezinho ainda bebê, e descobrindo aquele mundo pleno de artistas e intelectuais de origem italiana. Recusei sem ao menos ler o roteiro, pois achei que as locações, o orçamento mínimo, tudo era precário demais. O próprio Candeias me pareceu uma pessoa estranha, com uns papos de cinema à margem. Não aceitei e perdi a chance de fazer um filme maravilhoso, poético, denso. Naquele momento, minha cabeça estava cheia de bobagens. Eu achava que ia filmar com De Sica e outros grandes mestres italianos, que seria convocada para os filmes de Nelson Pereira dos Santos e nomes da linha de frente do Cinema Novo.

129

Em 1973, paguei minha dívida com Candeias. Naquele começo dos anos 1970, David Cardoso era o *Rei da Boca*. Ator de grande beleza, produtor atrevido, ele trabalhara com Candeias em *A Herança* (1971), uma adaptação de Shakespeare para o mundo rural brasileiro. Resolveu, então, produzir *Caçada Sangrenta*, misto de aventura com drama erótico. Candeias me chamou e fiz um papel na primeira parte do filme.



Em Caçada Sangrenta, com David Cardoso

Caçada Sangrenta começa como um drama policial e depois vai para o Mato Grosso, terra do protagonista e produtor do filme, David Cardoso. Meu papel é o de Mecenas, uma mulher rica que protege um escultor, com quem mantém relações íntimas. Ela é assassinada na primeira parte do filme. Então, na parte, digamos, mais erótica do filme, não tenho participação.

Depois de *Caçada Sangrenta*, Candeias e eu nos tornamos grandes amigos e ele me visitava sempre que podia. Quando minha filha caçula, Paloma, nasceu, em 1975, o convoquei para fotografá-la. Ele fez um belo ensaio, pois sempre foi um grande fotógrafo, um grande retratista.

131

Adriano Stuart, diretor e também ator de grande talento, fazia, na Boca, sátiras de filmes de sucesso norte-americanos. Quando *Tubarão*, do Spielberg, estourou nas bilheterias, Adriano fez *O Bacalhau* (1976) e me convocou para o elenco. Foi uma experiência muito divertida.

No elenco de *O Bacalhau*, estão nomes de peso como Maurício do Valle, o Antônio das Mortes de Glauber Rocha, Hélio Souto, Dionísio Azevedo e Neusa Borges. Que se somam às belas atrizes descobertas e reveladas pela Boca: Matilde Mstrangi e Helena Ramos. Era comum me chamarem para papéis de mulheres ricas e sofisticadas.

O Bacalhau se passa numa cidade litorânea (as locações foram feitas em Ilhabela). Aliás, fiz muitos filmes na região de Ilhabela e Guarujá. A trama é muito divertida: os banhistas são surpreendidos por um grande peixe de origem desconhecida. Conhecedores da fauna marítima são convocados ao local e um oceanógrafo português identifica o animal como um *bacalhau-da-guiné*. O espécime é perseguido até ser capturado e servido como banquete à população local. Mesmo assim, o peixe não se dá por vencido e prepara surpresa para os convidados famintos. Além de diretor, Adriano Stuart é autor do argumento, do roteiro e um dos atores do filme. Grande e divertido Adriano. O filme foi visto por mais de 1 milhão de espectadores.

Trabalhei, também, num dos maiores sucessos da Boca: *O Bem-Dotado* (ou *O Homem de Itu*), dirigido pelo José Miziara, com produção de Anibal Massaini. Protagonizado por Nuno Leal Maia, o filme reuniu um elenco enorme: Consuelo Leandro, Maria Luíza e Paulo Castelli, Ana Maria Nascimento e Silva, Esmeralda de Barros, Helena Ramos, Marcos Caruso, Aldine Muller, Fúlvio Stefanini, John Herbert, Paulo Goulart, Glória Cristal, Teobaldo, (um comêico que era garoto propaganda do Guaraná Antarctica), Lola Brah, Suely Aoki e eu.



Em O Bem-dotado - O Homem de Itu, com Maria Luiza Castelli, Lola Brah e Ana Maria Nascimento e Silva



Em O Bem-dotado - O Homem de Itu, com Maria Luiza Castelli, Lola Brah e Ana Maria Nascimento e Silva



O filme, um dos primeiros trabalhos de Nuno Leal Maia, conta a picante história de Lírio, um órfão criado pelo Padre Belmiro, que é preparado para ofícios domésticos. Duas milionárias, Zilá e Nair vão comprar presentes para a líder da liga a que pertencem. Tomam por guia o jovem Lírio. Acidentalmente, Nair percebe que a anatomia sexual do rapaz faz jus à fama de Itu, a cidade dos objetos avantajados.

Zilá leva o rapaz para São Paulo e ele passa a trabalhar na casa dela como mordomo. Dali em diante, ele viverá muitas experiências sexuais, com diversas parceiras, até regressar a Itu e reencontrar Lurdinha, a moça que gozava dele, quando era um bobão desastrado e inexperiente. O filme foi visto por 2,4 milhões de espectadores.

Quem lê os nomes das produções das quais participei, na maioria das vezes, pensa que eu era uma atriz de filmes eróticos. Não era. Os filmes tinham títulos maliciosos, mas não eram pornográficos. Longe disse. Me orgulho, e não me canso de repetir os títulos de todas as produções das quais participei na Boca. Só o resultado de um dos filmes, dirigido pelo Ody Fraga (1927-1987), me magoou muito. Quando fui convidada a fazê-lo li o roteiro e concordei com o projeto. Era uma comédia apimentada, igual a muitas que

se faziam naquele período. Quando fui dublar, porém, vi que o filme tinha virado outra coisa. Tornara-se mais grosseiro e apelativo. O título original era *Hoje Tem Gafieira* (1979). Depois, virou *A Dama da Zona*. A fotografia é de Carlos Reichenbach, cineasta e diretor de fotografia dos mais talentosos e respeitados. Tudo foi feito com empenho. Mas, depois, quando os filmes foram se tornando mais apelativos, *Hoje Tem Gafieira* (*A Dama da Zona*) recebeu *enxertos*. Ou seja, trechos de outros filmes foram encaixados na história que havíamos filmado.

Vejam a sinopse de *Hoje Tem Gafieira* e me digam se não poderia ter dado um bom filme: *Esmeralda, prostituta independente e de forte personalidade, mora num cortiço, em São Paulo, cercada de personagens marcados pela miséria e desesperança: Dodô, golpista barato; um casal nordestino esmagado pela cidade grande; o proprietário do armazém, um português apaixonado por Esmeralda; Calu, um crioulo cheio de picardia, sapateiro de profissão, que incorpora o caboclo Guarani; Papiano e Pinzone, dois italianos que vivem a cantar pelo bairro, e a proprietária do cortiço, que, indiferente ao destino de seus inquilinos, os despeja e, aliada a Dodô, transforma a casa num prostíbulo. Parece até que Ody Fraga buscou inspiração em *O Cortiço*,*

de Aluísio Azevedo! Mas o resultado fugiu muito do projeto original.

Em 1977, tive o prazer de ser dirigida por Rubem Biáfora (1922-1996), no filme *A Casa das Tentações*. O cineasta reuniu um belo elenco, do qual me orgulho de ter feito parte: Flávio Porto, Elizabeth Gasper, Pedro Paulo Hatheyer, Anselmo Duarte, Marilena Ansaldi, Áurea Campos, Selma Egrei, Arassary de Oliveira (mulher de Lima Barreto), Carlos Reichenbach, José Júlio Spiewak, Pola Wartuk, que era crítica de cinema do *Estadão*, Betina Viany, Leina Krespi, Sérgio Hingst e Rubens Ewald Filho (que foi também assistente de direção).

138

Biáfora fora meu professor nos tempos dos Seminários de Cinema. Há um episódio da minha juventude, naquela fase em que eu era muito *-porra-louca*, que vale ser lembrado. O cinema brasileiro (e o paulista em certa medida) era rachado em dois grupos. O *engajado*, com Alex Viany, Nelson Pereira dos Santos, Glauber Rocha, entre outros. Do outro lado, digamos, o dos *alienados*, estavam Flávio Tambellini, que, além de cineasta, era importante administrador de organizações cinematográficas, Walter Hugo Khouri, Rubem Biáfora, etc.

Alex Viany tinha enorme influência sobre mim. Afinal, ele me revelara para o cinema, mantinha

comigo uma relação de pai para filha, de mestre para discípula. E ele era militante do Partidão. Acreditava num cinema crítico, de enfrentamento dos problemas sociais, políticos e econômicos do País, de base neorrealista. Era louco pelo cinema soviético do Eisenstein, Pudovkin, Dovchenko.

Eu repetia, sem ter muita consciência, as ideias que ouvia do Alex, do Ruy Santos, enfim, dos que acreditavam e lutavam pela transformação do País. Uma vez, bati boca com o Khouri, aos berros, em defesa de *Bahia de Todos os Santos* (1959), do Trigueirinho Neto. Khouri, sem perder a calma e sem elevar a voz, fazia restrições ao filme e elogiava o Bergman e o cinema alemão. Eu estava bebendo, peguei a garrafa e a joguei atingindo o vidro da Romiseta azul do Khouri. Foi um surto infantil da minha parte. Quem me defendia, ficando sempre do meu lado, era o Milton Amaral. O Rodolfo Nanni (*O Saci*, 1953) também me defendeu. Meu jeito *porra-louca* de ser, naquela época, me fechou muitas portas. Mas Biáfora – que era detestado pelo Alex, pelo Burza, enfim, pelo pessoal do cinema ligado ao Partidão – me convidaria, anos mais tarde, para fazer *A Casa das Tentações*.

Fiz um filme, em 1978, cujo título original era *O Assassino da Noite*. Depois virou *O Estripador de*

Mulheres (direção do chinês, radicado no Brasil, Juan Bajon). Mas, como na década de 1970 a produção brasileira variava de 80 a cem títulos/ano, eu recebia convites também de realizadores de fora da Boca. Caso de *Crueldade Mortal* (1976), de Luiz Paulino dos Santos. Este filme me rendeu um Kikito de melhor atriz coadjuvante, no Festival de Gramado de 1977. E foi uma experiência única.

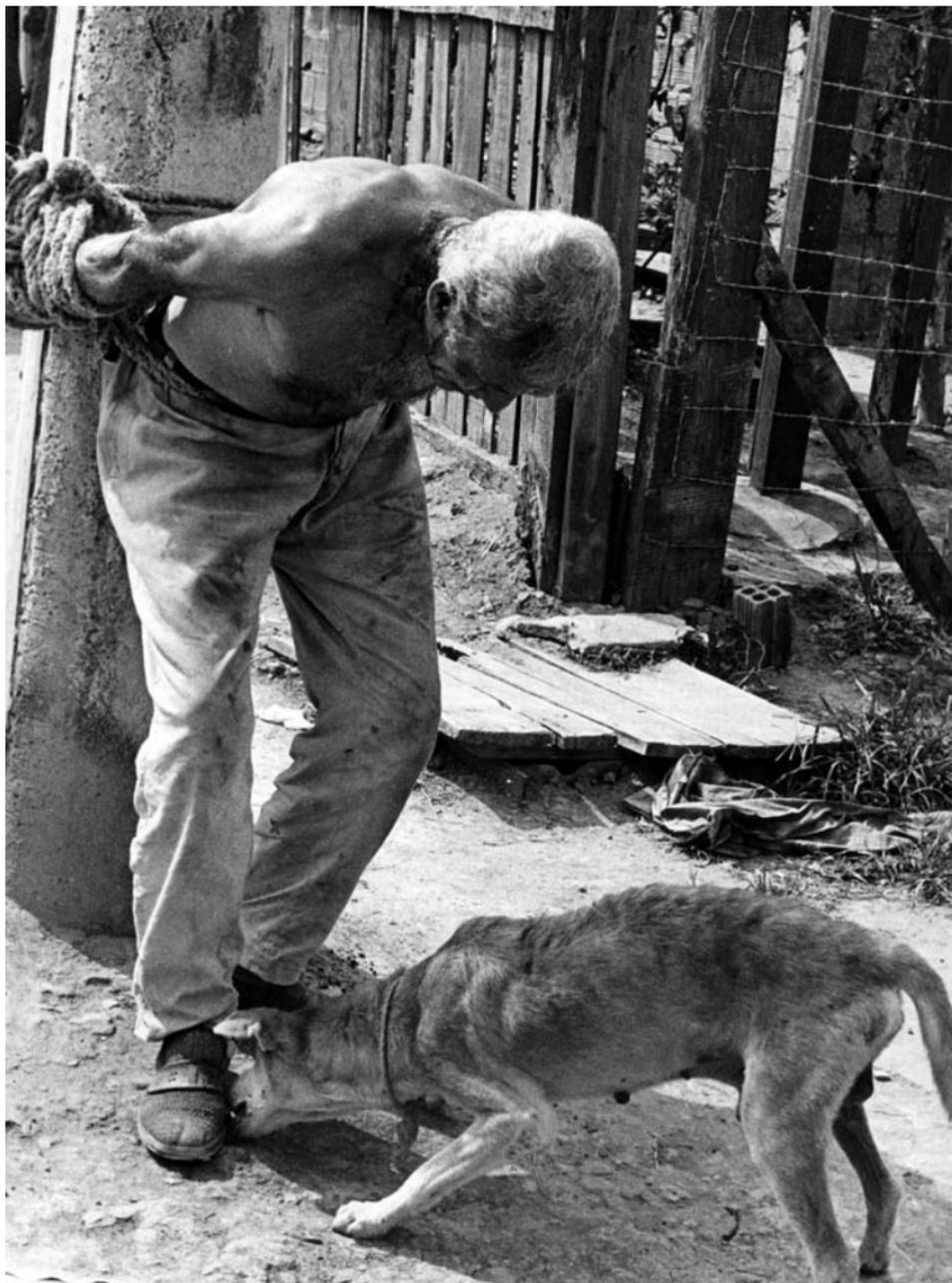
140

Luiz Paulino, baiano como eu, era um diretor comprometido com filmes de temática social. Ele iniciara *Barravento*, no auge do ciclo baiano. Depois, o Glauber Rocha, que era o produtor executivo, assumiu a direção do filme. Paulino sempre lutou com muita dificuldade para fazer seus longas-metragens. Com *Crueldade Mortal* não foi diferente.

O filme teve produção de Pedro Rovai. A fotografia foi feita por dois craques do Cinema Novo: Dib Lutfi e Hélio Silva. Luiz Paulino se inspirara, ao escrever o argumento, num fato real: o linchamento de um velho, num morro carioca. Para o papel principal ele convocou Jofre Soares. Completou o elenco com Marieta Severo, Maurício do Valle, Antônio Pitanga, Ilva Niño, Jaime Barcellos, Rafael de Carvalho, Haroldo de Oliveira, Emmanoel Cavalcanti, Antônio Carnera, Glória Cristal e eu.



Em Crueldade Mortal – Matar o Próximo Como a Si Mesmo, com Tônico Pereira



*Jofre Soares em Crueldade Mortal - Matar o Próximo
Como a Si Mesmo*



*Jofre Soares e Marieta Severo em Crueldade Mortal –
Matar o Próximo Como a Si Mesmo*

A história é um drama social, que registra a tragédia de nossas grandes periferias urbanas. O título (*Crueldade Mortal*) e o subtítulo do filme (*Matar o Próximo Como a Si Mesmo*) não fazem concessão. Nem o roteiro. Veja que barra-pesada: o dia amanhece no subúrbio de Morro Agudo. Num momento de transe, o velho Antônio (Jofre Soares) corre por entre túmulos, em busca de sua casa. Vai parar na casa de uma lavadeira que canta hinos religiosos para afastar o demônio. Perturbado, o velho vai beber num boteco, mas é escorraçado por Tranca-Rua. Sai esbravejando e invade uma casa que diz ser sua, mas o proprietário o expulsa. Sob efeito do ataque, o velho descobre Jurema tomando banho nos fundos da casa. Arrebenta a porta e Jurema pede socorro ao marido, que, por sua vez, apela ao sogro. O velho busca refúgio num templo da Assembleia de Deus, mas o pastor o recebe como uma pessoa endemoniada. A população o apanha e o amarra num poste, espancando-o com requintes de sadismo. Na madrugada, enquanto o velho geme em seus estertores, Jurema trai o marido covarde com Tranca-Rua. Rejeitado, o marido investe sua ira contra o velho Antônio, até matá-lo, numa manhã de carnaval.

Outro filme de que participei neste período e que nada tinha a ver com as comédias eróticas,



Em Crueldade Mortal – Matar o Próximo Como a Si Mesmo

foi *Paula, a História de Uma Subversiva* (1979), de Francisco Ramalho Jr. Jayme Monjardim Matarazzo e Inês Villares foram assistentes de direção. A dramaturga Consuelo de Castro escreveu os diálogos.

Filmamos na Serra de Itatiaia. Um ótimo elenco – com Armando Bógus, Regina Braga, Hugo Della Santa, Helber Rangel e a jovem Carina Cooper – foi mobilizado pelo Ramalho. O filme, um drama político, conta a história de Marco Antônio, arquiteto paulista, que recorda seu passado de militância em organismos de esquerda. E destas lembranças emerge a figura de Paula, líder estudantil que optou pela luta amada. Ele faz, então, um balanço crítico de sua vida e dos ideais de uma geração. Aquela que acreditou em métodos violentos como saída.

146

No final dos anos 1970, com a abertura política do presidente Geisel e o relaxamento da censura, draconiana no período militar (1964-1984), a Boca começou a fazer filmes cada vez mais apelativos. Até chegar ao sexo explícito, em 1982, com *Coisas Eróticas*. Meu último trabalho na Boca foi *Mulher Desejada*, de Alfredo Sternheim, crítico de cinema, diretor meticuloso, muito gentil com seus atores. Faço questão, mais uma vez, de deixar claro que não tenho nenhum preconceito contra a Boca, que lá aprendi muito.

E que trabalhei nos filmes daquele ciclo, tão produtivo, porque quis e porque acreditava nos realizadores e nos roteiros que eles me entregavam. Nos anos 1970, eu não tinha nenhum tipo de problema financeiro.



Em Paula, A História de uma Subversiva



Em Paula, A História de uma Subversiva



Em Mulher Desejada, com Fátima Porto



Em Mulher Desejada, com Fátima Porto, Kate Hansen e Ivete Bonfá

Capítulo IX

O Trabalho com Roberto Santos

Chick Fowle – Faixa Preta de Cinema, Nasce Uma Mulher, Quincas Borba, Antes do Baile Verde (TV) e o Projeto Miguilim.

Roberto Santos (1928-1987) foi, depois de Alex Viany, o meu maior e mais querido mestre.

Minha relação com Alex foi, até a morte dele, profunda, mas tumultuada. É curioso notar que nunca mais voltamos a trabalhar juntos. Ele não me convidou para *Sol Sobre a Lama* (1963), filme feito na Bahia, com elenco imenso. Eu tinha 19 anos, poderia ter feito tranquilamente um dos papéis femininos. Nem me convidou para *A Noiva da Cidade* (1980).

Alex se sentia responsável por mim, me dava conselhos, me mandava livros de cinema para que eu lesse e me aperfeiçoasse, comentava minha carreira em cartas a amigos. Quando decidi me casar com André, um Matarazzo Ippolito, ele recebeu a novidade com muita má vontade. Disse que eu estava deslumbrada, me aburguesando. Numa viagem dele a Berlim, Paris e Roma, nos anos 1960, ele mandou carta a Walter da Silveira e a Glauber Rocha, dizendo que *a Europa era um*

mundo arcaico, podre, que preferia mil vezes o Brasil, país onde tudo estava por fazer. Queria voltar o mais rápido possível. Ele achava, no fundo, que eu estava correndo atrás da Europa e dos valores burgueses, ao me unir a um integrante de tradicional família italiana.

No final dos anos 1970, Alex me telefonou. Queria que eu fosse a Cataguases visitar Humberto Mauro. Iam, com ele, Paulo Emílio, Cosme Alves Netto, entre outros. Há, até, uma foto famosa do encontro dos quatro (Mauro, Cosme, Paulo Emílio e Alex), naquela ocasião. Me disse que iam todos de ônibus. Falei que seria muito cansativo, que era longe. Ele resmungou algo do tipo, *olhe quem fala, uma sertaneja!* e bateu o telefone na minha cara. Ele realizou um média-metragem (45 minutos) sobre o cineasta mineiro: *Humberto Mauro: Eu Coração Dou Bom*.

152

Em seguida, iria iniciar a produção do longa *A Noiva da Cidade*, a partir de roteiro de Mauro. Não me chamou para o elenco. Quando vi que Elke Maravilha seria a protagonista, fiquei brava. Ele também me trocava por uma atriz mais bonita, louríssima, que falava vários idiomas. Brigávamos por vários motivos, por discordâncias momentâneas, mas permanecemos ligadíssimos a vida toda. Quando Alex ficou muito doente, eu ia constantemente ao Rio, ajudei a cuidar dele o

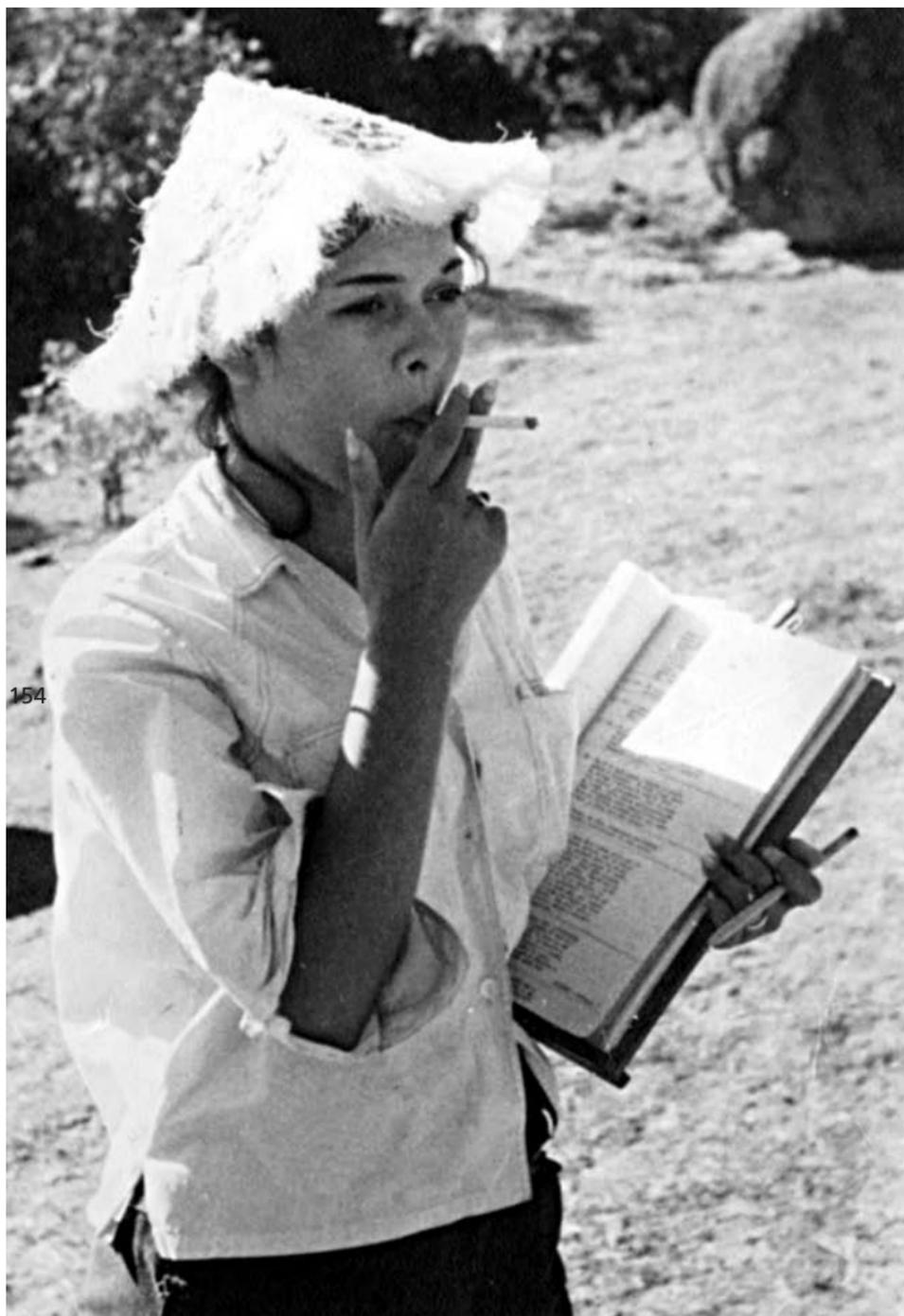
mais que pude. A morte dele, em 1992, foi uma grande perda. Chorei muito.

Já minha relação com Roberto Santos e Marília, sua mulher e companheira de todas as horas, foi mais serena. Conheci Roberto nos tempos dos Seminários de Cinema, na Sete de Abril. Ele tinha feito *O Grande Momento*, filme maravilhoso, protagonizado pelo Gianfrancesco Guarnieri e pela Myrian Pérsia, produzido pelo Nelson Pereira dos Santos. Era uma pessoa de uma alma muito grande, um ser humano especial.

Quando pedi sua ajuda, para me encaminhar no mundo do cinema, ele me disse que minha porta de entrada seria a continuidade. Ou seja, ser *script girl*. Me deu o livro *O Que É Ser Continuista*, me disse que o lesse com toda a atenção do mundo. Foi o que fiz. Fui continuista em muitos filmes.

153

Roberto sempre tentava colocar meus pés no chão. Ou seja, me chamar à realidade. Me dizia que o cinema brasileiro tinha uma produção descontínua, que muitos técnicos passavam longos períodos desempregados. Ele, que fizera sucesso com *O Grande Momento*, filme de 1958, só voltaria a lançar outro longa, o magnífico *A Hora e Vez de Augusto Matraga*, em 1965. Portanto, com um intervalo de sete anos.



No sertão baiano, trabalhando como script girl em filme de Carlos Coimbra

Nos anos 1980, fiz apenas quatro filmes como atriz. Dois deles como Roberto Santos: *Nasce uma Mulher* (1983) e *Quincas Borba* (1987). Os outros dois foram *A Conquista do Paraíso*, do argentino Eliseo Subiela, e *O Último Voo do Condor*, do Emílio Fontana, diretor de *Nenê Bandalho*, filme que causara ótima impressão no começo dos anos 1970.

A Conquista do Paraíso (1980) marcou a estreia na direção de longa-metragem do jovem Eliseo Subiela. Ele era, então, um rapaz muito bonito e talentoso. Depois, alcançaria grande sucesso com *Un Hombre Mirando al Sudeste* (1987). Creio que, ao realizar um filme que unia atores brasileiros e argentinos (Arturo Puig, Raúl Lavié, José Maria Gutierrez, Alicia Bruzzo, Guillermo Battaglia), Subiela planejava atingir os dois mercados. Em vão. *A Conquista do Paraíso* nunca foi lançado no Brasil. Uma pena. Além de mim, o filme trazia no elenco Jofre Soares, Rejane Medeiros e Kátia D'Ângelo. Minhas lembranças das filmagens se prendem a Jofre, ator por quem eu tinha imensa ternura, pois ele me lembrava meu pai, e às loucuras da Kátia D'Ângelo. Esta moça aprontava todas.

O filme do Subiela se passa na fronteira entre a Argentina e o Brasil. Um publicitário herda o



Em La Conquista Del Paraiso, produção argentina



*Com Rejane Medeiros em La Conquista Del Paraiso,
produção argentina*

mapa de tesouro escondido na selva, na região missioneira. Vai buscá-lo na companhia de uma prostituta brasileira e de outros personagens. Me coube interpretar o papel de uma mestiça que trabalhava com barcaças levando mantimentos para o povo ribeirinho.

158 *O Último Voo do Condor* (1983) é um drama policial escrito por Emílio Fontana, em parceria com José Louzeiro e Antônio Carlos Fon. O protagonista é Cláudio Marzo. Ele interpreta um jornalista que, ao ser despedido, resolve assumir dois compromissos: realizar uma grande reportagem sobre tráfico de cocaína e assumir o relacionamento com Lucinha, jovem (e iniciante) colega no jornal. Ao mergulhar nas investigações da reportagem sobre o tráfico de drogas, ele se esquece de Thelma, sua esposa (meu papel) que, desesperada, suicida-se com overdose de cocaína. O repórter, cada vez mais envolvido com suas investigações, desperta a ira dos chefões do negócio ilícito. Quando a situação aperta, ele procura a polícia. Mas não encontra respaldo. Pagará caro por sua investigação. Neste filme, meu filho André Ippolito faz uma participação. Ele tinha 17 ou 18 anos e fez um jovem playboy.

Gosto muito de *Nasce Uma Mulher*, filme muito singular. Roberto Santos desenvolveu argumen-



Em O Último Voo do Condor



Em O Último Voo do Condor, com Cláudio Marzo



Em O Último Voo do Condor

to, de sua autoria, com Amílcar M. Claro. A fotografia coube ao Zetas Malzoni e a montagem a Maria Inês Villares. Pessoas muito próximas ao Roberto, possuidor de intensa experiência como professor na ECA-USP (Escola de Comunicações e Artes).

O filme, de algum modo, dialoga com *O Grande Momento*. Tudo começa na festa de aniversário de Jô (Dani Patarra), que comemora seus 16 anos. Sua rebeldia, própria da adolescência, provoca o deterioramento de suas relações com os pais (David José e eu), muito conservadores. O conflito de gerações ganha corpo a partir da discussão do tabu da virgindade. A mãe se desespera ao descobrir que a filha não é mais virgem. E os desentendimentos se agravam com a passividade do pai, que, de certa forma, dá proteção à filha, enfurecendo a esposa.

161

O filme revelou Dani Patarra (hoje festejada roteirista de cinema). David José, meu grande amigo, e eu tivemos o prazer de contracenar com um elenco maravilhoso, no qual se destacavam Miriam Muniz, Liana Duval, Ruthinéa de Moraes, Denoy de Oliveira, Henrique Lisboa, Luiz Carlos Gomes, Flávio Porto e Juliana Carneiro da Cunha. O filme ganhou o Prêmio Governador do Estado de São Paulo, em 1984.

ROBERTO SANTOS
Produções Cinematográficas apresenta

NASCE UMA MULHER



com
MARLENE FRANÇA
e apresentando
DANI PATARRA
DAVID JOSÉ
ALBERTO BARUQUE

participações especiais
FLÁVIO PORTHO
DENOY de OLIVEIRA
MIRIAM MUNIZ
LIANA DUNAL
RUTHINÉA de MORAES
HENRIQUE LISBOA
LUIZ CARLOS GOMES

um filme de
ROBERTO SANTOS
fotografia
ZETAS MALZONI
produtores associados
EMBRAFILME
EMP. CIN. HAWAY
JOSÉ PINTO PROD. LTDA.



U200

Em Nasce uma Mulher, com Dani Patarra



Em Nasce uma Mulher, com Dani Patarra

ROBERTO SANTOS produções cinematográficas apresenta



com
Marlene França e apresentando:
Dani Patarra
David José · Alberto Baruque em

NASCE UMA
MULHER

UM FILME de ROBERTO
SANTOS

wea

-distribuição Embrafilme



Em Nasce uma Mulher, com Dani Patarra

ROBERTO SANTOS produções cinematográficas apresenta



com
Marlene França e apresentando:
Dani Patarra
David José · Alberto Baruque em

NASCE UMA
MULHER

UM FILME de ROBERTO
SANTOS

wea

-distribuição Embrafilme

Minha amizade com Roberto e Marília Santos tornou-se tão profunda, que éramos inseparáveis. Além dos dois longas, participei do curta *Chick Fowle, Faixa Preta de Cinema*, que Roberto dedicou ao grande fotógrafo britânico-brasileiro (que eu conhecera nas filmagens de *A Rosa dos Ventos*). Atuei em *Depois do Baile Verde*, adaptação de um conto de Lygia Fagundes Telles, que ele fez para a TV Cultura, e participei da pré-produção de *Miguilim*, projeto que marcaria a volta dele ao universo de Guimarães Rosa (1908-1967).

A frustração de Roberto (por não ter conseguido pagar o que herdeiros do escritor mineiro pediam) foi imensa. Ele, que sempre trabalhara com orçamentos muito reduzidos, partiu para obra já de domínio público. No caso, *Quincas Borba*, de Machado de Assis. Problemas de produção e uma protagonista sem carisma acabaram impedindo que Roberto fizesse um filme à altura de seu talento. Ele, já doente, foi ao Festival de Gramado, pois o filme fora selecionado para disputar o Kikito. Recebeu críticas impiedosas, violentas. Quando regressava a São Paulo, sofreu um enfarte e, para nossa profunda tristeza, morreu ainda no aeroporto. Foi uma perda imensa para nós, que éramos seus amigos e discípulos, e para todo o cinema brasileiro. Ele tinha apenas 59 anos.

Motivada por Roberto Santos, ao longo dos anos 1980, iniciei minha carreira de documentarista. E uma pessoa, o grande fotógrafo Aloysio Raulino, se tornaria, dali em diante, meu grande parceiro artístico.

Capítulo X

Nasce uma Diretora

Frei Tito, Mulheres da Terra, Meninos de Rua e O Vale das Mulheres.

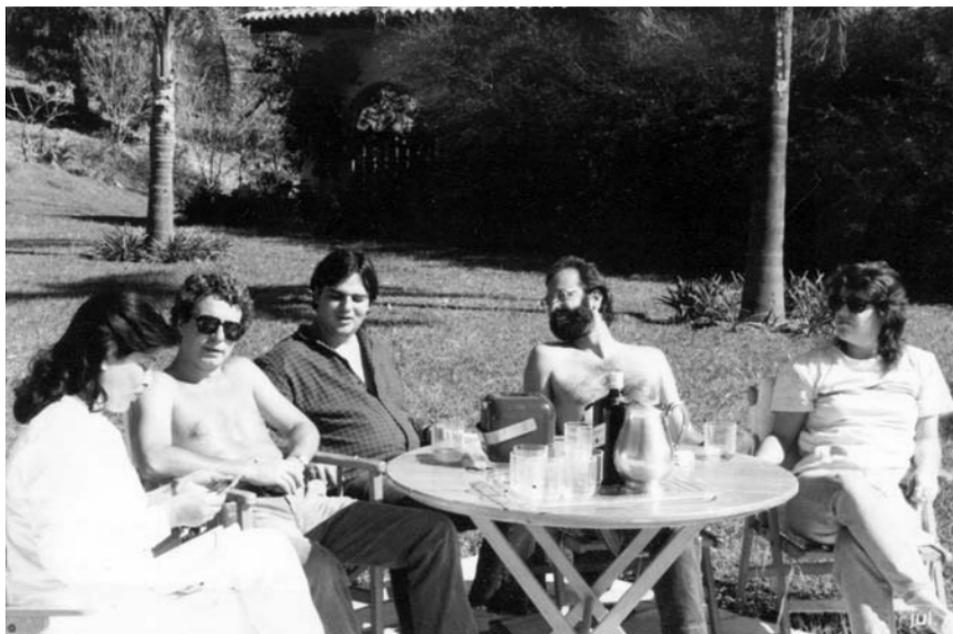
Meu primeiro filme como diretora – *Frei Tito* (1983) – é um documentário de 17 minutos. Ele me deu muitos prêmios e alegrias. Tudo começou com um convite que recebi de Frei Betto, amigo de muitos e muitos anos. Eu o conhecia desde os tempos em que ele era assistente do Zé Celso (José Celso Martinez Corrêa) no Teatro Oficina. Às vezes, eu ia ao teatro acompanhada do mestre Eugênio Kusnet e via aquele rapaziinho ajudando o Zé Celso.

No final dos anos 1960, Frei Betto era um jovem dominicano que fora preso junto com Frei Tito, Frei Ivo e Frei Fernando. Eles haviam ajudado na organização do Congresso da UNE, em Ibiúna. Os dominicanos eram acusados de dar apoio à guerrilha urbana. Betto conta esta história de forma fascinante no livro *Batismo de Sangue*, filmado pelo Helvécio Ratton.

Eu soube da prisão de Frei Betto e seus colegas (eles tinham sido encarcerados no Presídio Tiradentes, em São Paulo) durante um jantar



No batizado de sua primeira neta, Rafaella, a família reunida, inclusive com Frei Betto, que realizou o batizado e faz parte da família



Em seu sítio, com os amigos e irmãos de vida Frei Betto e Tunico, tido por Marlene como seu anjo da guarda

muito chique, em que estavam pessoas da alta sociedade paulistana. Naquela época, eu tinha um Porsche, cultivava um lado fútil, gostava de ir ao Guarujá com uma dúzia de biquínis na mala. Mas, no fundo, vivia aquela sertaneja, que convivera com Alex Vianny, com a esquerda que comandava os Seminários de Cinema, com Ruy Santos, que começara a trabalhar num filme produzido pela Defa (o instituto de cinema da Alemanha Oriental).

Tomei a decisão de, dali em diante, ir visitar os dominicanos presos todas as quintas-feiras. Foi o que fiz, com minha amiga, a atriz Liana Duval. Levávamos revistas, biscoitos e livros para eles. Nasceu ali uma profunda amizade com Frei Betto, que dura até hoje. Quando Guido Araújo perguntou quem eu queria que me entregasse o Tatu Especial que ganhei na Jornada, não pestanejei: Frei Betto.

Quando Frei Betto me falou sobre a chegada dos restos mortais de Frei Tito (1945/1974) ao Brasil, o qual se suicidara no exílio, atormentado por pesadelos originados nas sessões de tortura a que fora submetido, eu enlouqueci. Pensei com meus botões: tenho de filmar a chegada dos restos mortais dele e a missa, custe o que custar. Tenho de contar a história dele, para que as novas gerações possam conhecê-la.

No meu quarto, na nossa casa no Morumbi, eu não conseguia dormir. Só pensava no registro daquele momento histórico. Desci e fui falar com o meu marido: *André, você me dá dinheiro para eu fazer um documentário sobre Frei Tito? – Sobre quem? – Frei Tito, aquele dominicano que foi torturado e morreu num convento francês. Os restos mortais dele chegarão amanhã ao Brasil.*

170 André, meio assustado, concordou em me ajudar. No outro dia, cedinho, liguei para o Roberto Santos e expus minha ideia. Ele me deu as orientações básicas. Me disse que, para se fazer um bom documentário, tinha que pesquisar, em profundidade, o tema escolhido. Mas que eu não teria tempo. Ele me disse: *Vá lá, registre a chegada do avião, o desembarque dos restos mortais do frei dominicano e a missa. Depois você pensa no filme como um todo.*

Procurei o Zetas Malzoni. Ele começou o trabalho, mas não pôde concluí-lo. Aí, Aloysio Raulino, artista de imenso talento, assinou a fotografia. Montamos uma equipe mínima e entregamos uma carta à Infraero, pedindo autorização para filmar a chegada dos restos mortais de Frei Tito. Dali em diante, filmamos o Convento dos Dominicanos, os familiares de Tito, cearense de origem, e partimos para a pesquisa. Só que não havia nada sobre ele nos jornais brasileiros.

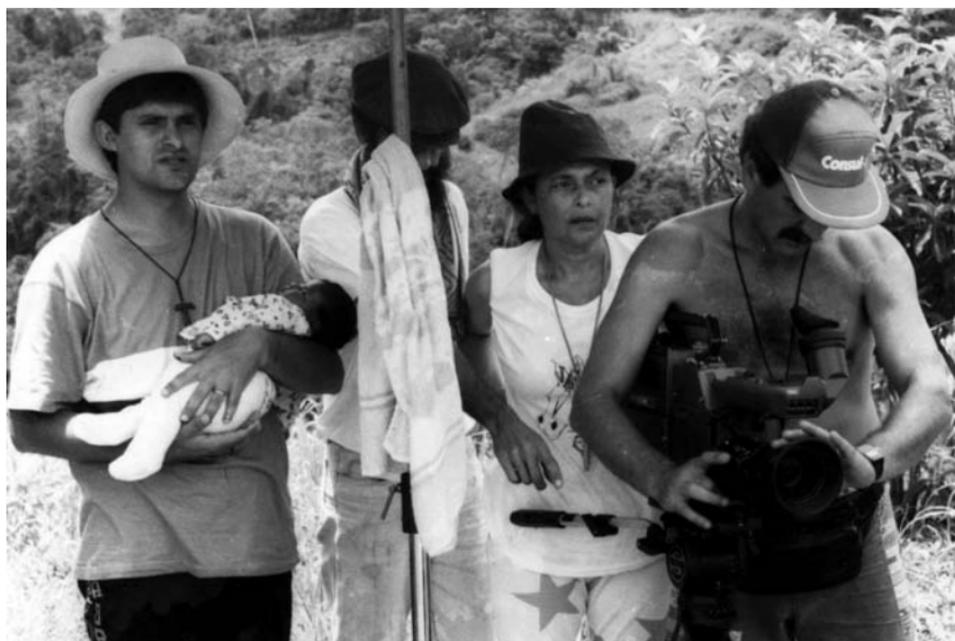
Fui encontrar material num jornal de Milão, na Itália.

Frei Tito conseguiu, de forma pioneira no cinema, reconstituir a vida do frei dominicano que se suicidou em Lyon, na França, em 10 de agosto de 1974. Ele tinha apenas 29 anos. A chegada dos restos mortais de Tito está no filme ao som de *Sentinela*, música de Milton Nascimento e Fernando Brant, de imensa beleza e profunda religiosidade. Concluído, o filme fez ótima carreira em festivais. Foi exibido e ganhou menção honrosa nos festivais de Bilbao, na Espanha; Friedberg, na Alemanha; Aveiro, em Portugal; Gramado, no Rio Grande do Sul. Em Fortaleza, no CineCeará, ganhou o Troféu Samburá, do jornal *O Povo*. No Festival de Brasília, ganhou o Troféu Candango de melhor curta segundo o júri popular. E ganhou a Margarida de Prata da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil). Depois, foi exibido em dezenas de mostras dedicadas ao *Olhar Feminino* (inclusive no FestRio). Dos meus filmes, como diretora, foi o que obteve maior repercussão.

No ano seguinte, 1985, eu lançava meu segundo curta, na verdade um média-metragem de 25 minutos, *Mulheres da Terra*. Mais uma vez, trabalhei com uma canção de Milton Nascimento, *Cio da Terra* (parceria com Chico Buarque). E interpreta-

da, com imensa poesia, pela dupla telúrica Pena Branca e Xavantinho. O filme foi realizado em 16 milímetros e filmado na zona rural de Araquara, interior de São Paulo. Com fotografia de Aloysio Raulino, meu parceiro inseparável, registrei o duro cotidiano de mulheres boias-frias que trabalhavam nos canaviais. Além de falar do trabalho pesado, da boia (almoço) comida fria, pois era trazida de casa para as plantações de cana, elas falavam também de suas vidas afetivas. Quase sempre, vidas frustradas, marcadas por separações, brigas e outros problemas domésticos. As mais destemidas buscavam o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, participando de reuniões e reivindicações. Passei oito meses, sim, oito meses, registrando a dupla jornada de trabalho destas mulheres. Acordar de madrugada, preparar a boia, deixar comida para os filhos e pegar o caminhão para o canavial. Lá, munidas de facão, cortavam o máximo de cana que conseguissem. No retorno às suas casas, tinham de lidar com o trabalho doméstico e os cuidados com os filhos.

O filme, apesar de sua duração mais longa e de sua bitola (16 mm), foi selecionado para um bom número de festivais. Caso da Jornada de Cinema da Bahia (Prêmio Especial do Júri), do Festival Internacional de Curtas de São Paulo, Festival de Brasília (Prêmio Especial do Júri, melhor roteiro, melhor filme pelo júri popular) e pelo Festival



*Dirigindo um de seus documentários, sobre as mulheres
trabalhadoras da terra*

de Gramado (melhor curta em 16 mm e melhor fotografia para Aloysio Raulino).

Meu curta seguinte, *Meninos de Rua* (1988), teve produção do André, meu marido. Ele gostou da repercussão de *Frei Tito* e resolveu cuidar da produção deste documentário de 22 minutos. Conseguimos apoio da Embrafilme e da Secretaria de Cultura de SP e fomos a campo. Filmamos em diversos espaços de São Paulo, em especial no centro da cidade (na Praça da Sé) e nas periferias. Nosso foco recaiu sobre os meninos e meninas apanhados nas ruas e praças de São Paulo. O que notamos na construção do roteiro, que se dava à medida que íamos tomando contato com os jovens, é que estes garotos, em sua luta pela sobrevivência, se agrupam e se unem, criando uma rede de lealdade e solidariedade. Só assim eles conseguem se virar, se alimentar e conviver com a violência. Nos deparamos com jovens mergulhados no vício e na desesperança. Dedicamos espaço especial no filme às torturas e assassinatos de muitos desses jovens, vítimas, na maioria dos casos, de policiais. O filme foi selecionado para os festivais de Gramado, Brasília (Troféu Candango de melhor fotografia para Aloysio Raulino e melhor som para Mario Masetti), Jornada da Bahia (Prêmio Especial do Júri), para a Mostra Goiânia de Curtas e para a Mostra do Cinema Cultural Paulista-MIS.

O final da década de 1980 foi terrível para mim. A perda de Roberto Santos, em 1987, resultou num baque doloroso e inesperado. A saúde de Alex se fragilizava cada vez mais. Meu marido já não tinha mais o dinheiro de outrora. Meu filho, Andrezinho, vivia a rebeldia da juventude e se envolvia com as drogas. Resolvemos nos mudar para uma casa, na verdade um sítio, muito confortável, nas redondezas de Jundiaí.

Com o agravamento da doença do Alex, que por decisão pessoal se internou na Casa Geriátrica Paissandu, passei o começo dos anos 1990 acompanhando – pessoalmente ou em conversas diárias pelo telefone – o quadro cada vez mais grave. Para complicar, os convites para trabalhos como atriz iam rareando. A televisão tornara-se o grande mercado de trabalho do País. David José, que é, além de ator, sociólogo (e professor da PUC Campinas), gostava de me lembrar, em nossas conversas, observação de Roberto Santos. Observação que ele fazia sempre que falávamos de TV: *“Nas redes brasileiras, só as jovens e louras de olhos azuis têm vez. E assim será, cada vez mais.”* Eu, já chegando aos 50 anos, morena, de tpo bem brasileiro, não recebia convites.

Quando em março de 1990, o então presidente Collor acabou com a Embrafilme e com o Concine (Conselho Nacional de Cinema), vi centenas de

profissionais de cinema desempregados. O clima era de desespero. Se a situação já estava difícil, a partir daquele momento tornou-se impraticável.

Meu quarto documentário como diretora – o único que realizei nos anos 1990 – *O Vale das Mulheres*, foi feito (em vídeo) em Miracatu, na beira da rodovia que leva ao Paraná. Com produção de Conrado Berning (Konrad Bernahar Berning), da Verbo Filmes. Conrado é autor do longa-metragem *Ameríndia – Memória Remorso e Compromisso*, que participou do Festival de Brasília, no começo dos anos 1990. Retornei ao tema (mulheres que trabalham no campo) que tanto me apaixona, talvez por evocar parte da trajetória de minha mãe. Ela também trabalhou na lavoura.

176

Tenho muitos projetos de novos filmes guardados. Anos atrás, pesquisei com entusiasmo a vida de Carmen Santos, a grande atriz e diretora dos anos pioneiros do cinema brasileiro. O projeto não se viabilizou. Continuo aguardando convites para novos trabalhos como atriz. E, claro, sintonizada em temas ligados à vida de crianças e de mulheres, em especial as trabalhadoras do campo e da cidade, para novos documentários. Sempre que me vejo atrás das câmaras, me vejo como documentarista. Representar, pois sou atriz, e documentar a realidade brasileira foram e continuam sendo as razões da minha vida.





imagem

ano I . n.º 49

da semana

marlene.

morena,
bonita...

...não pinte esse rosto que eu gosto, que eu gosto..."

Janaina o amor proibido !

Marlene, mulher-menina, menina-mulher, que ama intensamente e não tem medo de dizer, porque amar é vida!

Ah! Quando Dorival Caymi compôs: "Marina, morena, Marina, você se pintou"

se Marlene já existisse, flôr em botão, adolescente e bela e doce, não há duvida de que Marina seria trocada por Marlene.

Mas, para quem ama o belo, trocar o nome em nada afetará o ritmo da musica, porque, até as silabas são iguais.

Marlene-Marina-Janaina recusou filmar no exterior, recusou uma fortuna! - exclamam, por um amor muito grande: um menino de 9 anos, seu filho, o dinheiro nenhum tiraria Marlene desse amor!

Reportagem fotográfica com Marlene













Com a filha Paloma e a grande amiga Iracema Massaini



Em Cuba, com os mestres Birri, Silvio Tandler e Santiago Alvarez



*Com Maria Bethânia, na festa de aniversário da cantora,
em Sto. Amaro da Purificação/BA*



*Em seu sítio, com os amigos inseparáveis Miriam Mehler,
Sívio Tandler e outros*



Em Cuba, com El Comandante Fidel ao fundo



Marlene recebeu por três anos consecutivos o título de Rainha do Cinema Brasileiro



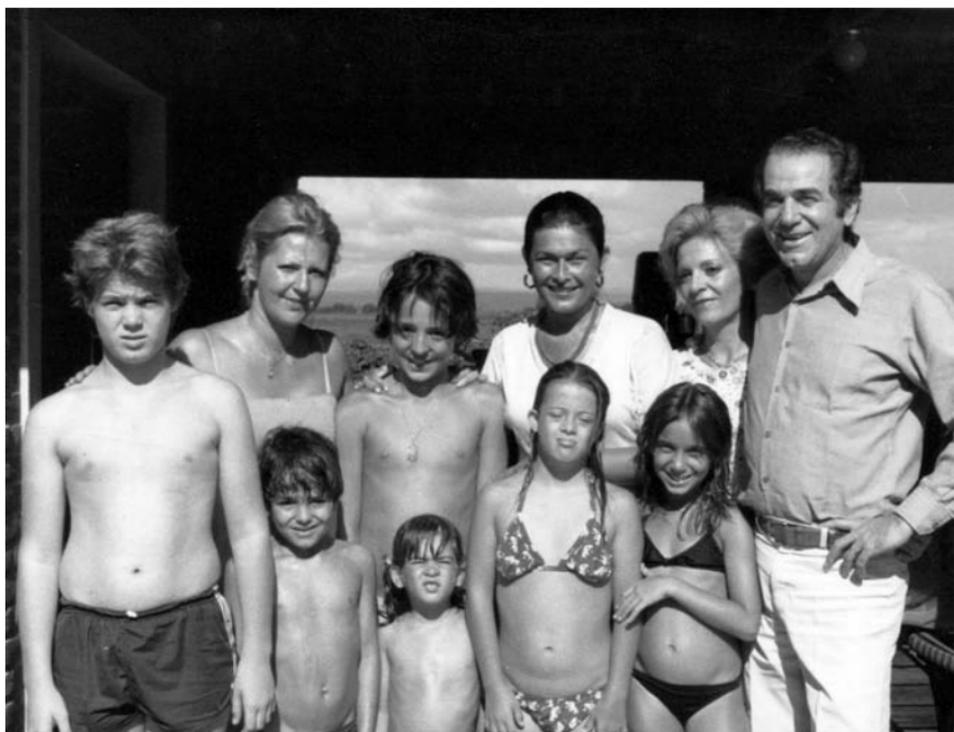
Com a filha Paloma, na posse do governador Franco Montoro, no Palácio dos Bandeirantes, São Paulo



No sul da Itália, Santa Maria de Castellabate, região de onde são oriundos os Matarazzo, família de seu marido



Amigos reunidos: o marido André, uma amiga, Vanja Orico e José Sacreta



*Na fazenda em Ribeirão Preto, com seus amigos,
sobrinhos do pintor Cândido Portinari*



Em Cuba, com o amigo Cosme Alves Netto, provando seu primeiro charuto Cohiba



Com o irmão Mauri, muito amado e que perdeu há alguns anos, e a filha Paloma



Com seu maquiador, Abade



Posando para o livro de Lenita Perroy



No 1º Festival do Cinema Brasileiro de Gramado



Com as filhas Marleninha e Paloma



Com as filhas Marleninha e Paloma





Com o marido Andrea e Mauro Mendonça



Na época das filmagens de Uma Nega Chamada Tereza



Com Betina Vianny, o diretor Luiz Paulino dos Santos e sua filha Marleninha



No hospital com sua amiga Miriam Mehler, após esta sofrer acidente, 1967



Com a amiga Miriam Mehler e Joãozinho, e o bailarino Julio Vilan



Com seu amigo e mestre, Silvio Tendler



Em Roma, na capela particular do cardeal, com André e sua filha Marleninha, em sua primeira comunhão



Com Vanja Orico



Com Francisco Ramalho Jr.



Com seu grande amigo Samuel Wainer, fundador do jornal Última Hora



Com a família de amigos Portinari em Roma, defronte à Igreja de São Pedro





Com Maria Bethânia e amigas, na festa de aniversário da cantora, em Santo Amaro da Purificação / BA

Cronologia

Cinema

Curtas, Médias e Longas-Metragens

(como atriz e/ou continuísta)

1957

• **Ana** – episódio do filme *A Rosa dos Ventos (Die Windrose)*, direção: Alex Viany

Estreia de Marlene França no cinema. Aos 12 anos. *A Rosa dos Ventos* somou esforços, além de Alex Viany, do cineasta italiano Gilo Pontecorvo, do chinês Wu Kuo Kin, do soviético Serguei Gerassimov e do francês Yannick Bellon. Jorge Amado escreveu o argumento, que foi roteirizado por Trigueirinho Neto e Alberto Cavalcanti. Mauro Audrá Jr., da Maristela, foi o coprodutor brasileiro do filme. A atriz Helen Weigel, do Berliner Ensemble, mulher de Bertolt Brecht, narrou os episódios.

209

1959

• **Fronteira do Inferno**, direção: Walter Hugo Khouri.

Com: Hélio Souto, Luigi Picchi, Aurora Duarte, Bárbara Fazzio, Marlene França e Milton Amaral. A história se passa num garimpo.

• **Jeca Tatu**, Direção: Milton Amaral.

Filme escrito, produzido e protagonizado por Amácio Mazzaropi. Baseado no conto *Jeca Tatu-zinho*, de Monteiro Lobato. Com: Geny Prado,

Marlene França, Agnaldo Rayol (cantando *Estrada do Sol*, de Tom Jobim e Dolores Duran).

1960

- ***A Morte Comanda o Cangaço***, direção: Carlos Coimbra.

Produção: Cinedistri. Com: Alberto Ruschel, Aurora Duarte, Milton Ribeiro, Marlene França, Luiz Gonzaga, Volta Seca, Luiz Vieira.

1961

- ***Mulheres e Milhões, de Jorge Iielli***.

Filme policial. Com: Norma Bengell, Glauce Rocha, Odete Lara, Jece Valadão, Luigi Picchi, José Mauro de Vasconcelos, Marlene França.

- ***O Rapto de Juca Chaves***, direção: Ary Fernandes. Episódio de média-metragem para a série *Vigilante Rodoviário*. Com: Carlos Miranda, Marlene França, ETTY Fraser, Dirceu Conte

- ***A Moça do Quarto 13***, direção: Richard Cunha (realizador nascido no Havá).

Coprodução EUA-Brasil. Com elenco norte-americano (Brian Donlevy) e brasileiro (John Herbert, Mário Benvenuti, Pedro Paulo Hatheyer, Marlene França).

1962

- ***O Cabeleira***, direção: Milton Amaral.

Filme do ciclo *nordestern*, baseado no romance

homônimo de Franklin Távora, publicado em 1870.
Com: Hélio Souto, Marlene França, Milton Ribeiro.

- ***Três Cabras de Lampião***, direção: Aurélio Teixeira.

Gênero *nordestern*. Roteiro de Miguel Torres. Com: Miguel Torres, Aurélio Teixeira, Marlene França,

1963

- ***Lampião, o Rei do Cangaço***, direção: Carlos Coimbra.

Produção Cinedistri (Oswaldo Massaini). Com: Leonardo Vilar, Vanja Orico, Milton Ribeiro, Geraldo Del Rey, Antônio Pitanga, Marlene França, Glória Menezes, Sady Cabral, José Policena, David José.

1964

- ***Carta Para Anita (Young Man From Rio)***

Produção americana de Ken Anderson. Com: Marlene França e Fausto Rocha (radialista e apresentador de TV, homônimo de Fausto Rocha, galã de telenovelas).

- ***Mulher Satânica (Der Satan Mit Den Roten Haaren)***, direção: Alfonz Stumman

Coprodução: Alemanha/Brasil, p&b, com elenco alemão (Helga Somerfeld, Helmut Schmidt) e brasileiro (Luigi Picchi, Sérgio Hingst, Marlene França, John Herbert).

1968

- ***O Pequeno Mundo de Marcos***, direção: Geraldo Vietri.

Drama. Com: Tony Ramos, Ana Rosa, Marcos Plonka, Marlene França, Maia Luiza Castelli.

- ***Panca de Valente***, direção: Luiz Sérgio Person. Comédia satírica. Com: Átila Iório, Marlene França, Tony Vieira, Bibi Vogel, Jofre Soares, Enzo Barone, Sílvio de Abreu.

1969

- ***Agente da Lei***, direção: Ary Fernandes.

Cinco episódios reunidos da série *Vigilante Rodoviário (Aventura em Vila Velha, Ladrões de Automóveis, Pagador, Pombo Correio e O Rapto de Juca Chaves)* .

1970

- ***Se Meu Dólar Falasse***, direção: Carlos Coimbra. Comédia. Com: Dercy Gonçalves, Grande Otelo, Marlene França, Milton Ribeiro, Sady Cabral, David Cardoso, Dedé Santana, Conjunto Blow-Up.

1971

- ***A Herdeira Rebelde***, direção: Nelson Teixeira Mendes.

Drama religioso. Roteiro de Rubens Luchetti. Fotografia de Guglielmo Lombardi. Com: Marlene França, Hugo Bologna, Cecília Leme, Míriam



Em A Herdeira Rebelde

Pereira, Padre João Ferreira Santos, Canarinhos Liceanos e crianças da Casa do Miniartista.

• ***Lua de Mel e Amendoim***

Filme em dois episódios, dirigido por Fernando de Barros (*Lua de Mel e Amendoim*) e Pedro Carlos Rovai (*Berenice*). No episódio principal atuam Rossana Ghesa, Newton Prado, Otelo Zeloni, Consuelo Leandro, Marlene França, Ruthinéa de Moraes, Jairo Arco e Flexa, Homem de Mello, Felipe Carone e Clodovil. No segundo, Renata Sorrah, Darlene Glória, Carlo Mossy, José Lewgoy, Beatriz Lyra, Ângelo Antônio (da Turma da Pilantragem).

214

• ***Cio, Uma Verdadeira História de Amor***, direção: Fauzi Mansur (também autor do argumento, roteiro e montagem).

Drama erótico. Com: Francisco di Franco, Marlene França, Sérgio Hingst, Jofre Soares, Sônia Oiticica, Jean Garret, Claudio Portioli, José Júlio Spiewak, Márcia Maria, Robert Bolant, Vera Lúcia.

• ***Até o Último Mercenário***, direção: Penna Filho e Ary Fernandes.

Produzido por Ary Fernandes. Policial. Com: Carlos Miranda (*Vigilante Rodoviário*), Marlene França, Elaine Cristina, Bentinho, Sílvia Maria, Tony Cardi, Luciano Gregory, Genésio Carvalho, Ângelo Noveli, Zé Paió, Reginaldo Vieira.

1972

• ***A Infidelidade ao Alcance de Todos***

Argumento e roteiro de Lauro César Muniz. Fotografia de Olivier Perroy. Montagem de Sylvio Renoldi (assistido por Inácio Araújo). Filme em dois episódios dirigidos por Anibal Massaini (*Transa*) e Olivier Perroy (*A Tuba*). No primeiro episódio estão Cyll Farney, Marlene França, Wanda Stefânia, Clodovil e David Cardoso. No segundo, Raul Cortez, Marilu Martinelli, Liana Duval e Jairo Arco e Flexa.

• ***Janaína, a Virgem Proibida***, direção: Olivier Perroy (também autor do argumento, roteiro, fotografia e montagem).

Preparação de atores: Raul Cortez e Eduardo Carvalho. Música de Egberto Gismonti. Com: Ronnie Von, Marlene França, Cyll Farney, Raul Cortez, Cynira Arruda, Badu, Pai Benedito e Conjunto Folclórico da Bahia.

• ***Sinal Vermelho, as Fêmeas***, direção: Fauzi Mansur (autor também do argumento, roteiro e montagem).

Fotografia de Cláudio Portioli. Com: Vera Fischer, David Cardoso, Sérgio Hingst, Marlene França, Ozualdo Candeias, Claudete Joubert, Jean Garret, Tuca.

1973

- ***Caçada Sangrenta***, direção: Ozualdo Candeias. Produção de David Cardoso. Policial erótico. Com: David Cardoso, Marlene França, Heitor Gaiotti, Walter Portela, Fátima Antunes, Evelise Olivier, Carmen Angélica, Leon Cakoff.

- ***Trindade... É Meu Nome***, direção: Edward Freund. À moda *dos westerns spaghetti*, com pitadas de erotismo. Com: David Cardoso, Jofre Soares, Marlene França, Nadir Fernandes, Carlos Bucka.

- ***Uma Nega Chamada Tereza***, direção: Fernando Coni Campos.

216 Produção de Aurora Duarte. Comédia musical. Com: Jorge Ben, Marlene França, Antônio Pitanga, Marina Montini, Pepita Rodrigues, Aurora Duarte, Arnaud Rodrigues, Trio Mocotó.

- ***A Noite do Desejo (Data Marcada para o Sexo)***, direção: Fauzi Mansur.

Fotografia de Ozualdo Candeias. Montagem de Inácio Araújo e Fauzi Mansur. Com: Marlene França, Selma Egrei, Roberto Bolant, Ney Latorraca, Betina Viany, Gracinda Fernandes, Ewerton de Castro, José Júlio Spiewak.

1975

- ***O Supermanso***, direção: Ary Fernandes.

Roteiro de Marcos Rey e Ary Fernandes. Comédia rodada no Guarujá. Com: Mário Benvenuti,



Em A Noite do Desejo, com Roberto Bolant

Jussara Freire, Francisco Di Franco, Fausto Rocha, Marlene França, Teresa Sodré, Nídia de Paula, Lisa Vieira, Ety Fraser, Irene Ravache, Maria Isabel de Lisandra, Older e Olney Cazarré, Orival Pessin.

1976

• ***O Bacalhau***, direção: Adriano Stuart.
Comédia que satiriza *Tubarão*, de Spielberg. Com: Maurício do Vale, Hélio Souto, Marlene França,

Adriano Stuart, Helena Ramos, Matilde Mastrangi, Dionísio Azevedo, Canarinho.

- **Noite das Fêmeas (Ensaio Geral)**, direção: Fauzi Mansur.

Baseado na peça *Ensaio Geral*, de Marcos Rey. Fotografia de Cláudio Portioli. Montagem de Inácio Araújo e Eder Mazini. Drama policial. Com: Kate Hansen, Maria Isabel de Lizandra, Marlene França, Nádia Lippi, Antônio Fagundes, Hélio Souto, Elizabeth Hartman, Sérgio Hingst, Ewerton de Castro, Dionísio Azevedo, Lolah Brah, Lisa Vieira, Flora Geny, José Júlio Spiewak.

1977

218

- **A Casa das Tentações**, direção: Rubem Biáfora. Com: Flávio Porto, Elizabeth Gasper, Pedro Paulo Hatheyer, Anselmo Duarte, Marilena Ansaldi, Áurea Campos, Selma Egrei, Arassary de Oliveira, Carlos Reichenbach, José Júlio Spiewak, Pola Wartuk, Betina Viany, Leina Krespi, Sérgio Hingst e Rubens Ewald Filho (que foi também assistente de direção).

- **O Mulherengo**, direção: Fauzi Mansur. Comédia musical, com pitadas eróticas, escrita por Fauzi Mansur e Ody Fraga. Música de Fernando Lona. Orquestração de Vital Farias para clássicos da MPB (*Jura, Maringá, No Rancho Fundo, Tico-Tico no Fubá, Touradas em Madri*,

Amélia). Com Edwin Luisi, Nádia Lippi, Fregolente, Marlene França, Lisa Vieira, Helena Ramos, Abraão Farc, Sérgio Hingst, Bentinho.

1978

- ***O Estripador de Mulheres***, direção: Juan Bajon. Com assistência de direção de Bruno de André e Paulo Mendes Lopes. Filmado com o nome provisório de *O Assassino da Noite*. Policial erótico. Com: Ewerton de Castro, Renato Master, Aldine Muller, Ivete Bonfá, Marlene França, Abraão Farc, Lola Brah, José Júlio Spiewak, Bruno de André.

- ***O Bem-Dotado (O Homem de Itu)***, direção: José Miziara.

Comédia erótica. Com: Nuno Leal Maia, Consuelo Leandro, Marlene França, Helena Ramos, Ana Maria Nascimento e Silva, Marcos Caruso, Esmeralda de Barros, Paulo Goulart, Aldine Muller, Fúlvio Stefanini, John Herbert, Teobaldo.

- ***Crueldade Mortal***, direção: Luiz Paulino dos Santos.

Drama social. Com: Jofre Soares, Marieta Severo, Emmanoel Cavalcanti, Marlene França (melhor atriz coadjuvante no Festival de Gramado),

- ***Mulher Desejada***, direção: Alfredo Sternheim. Drama. Com: Kate Hansen, Eduardo Tornaghi, Ivete Bonfá, Marlene França, Hélio Souto, Genésio Carvalho, Fátima Porto, Lu Martan.

1979

- ***A Dama da Zona (Hoje Tem Gafieira)***, direção: Ody Fraga.

Fotografia de Carlos Reichenbach. Com: Marlene Silva, Hélio Porto, Marlene França, David Neto, Canarinho, Cláudio Cunha.

- ***Paula, a História de uma Subversiva***, direção: Francisco Ramalho Jr.

Drama político. Com: Armando Bógus, Regina Braga, Carina Cooper, Marlene França.

1980

- ***A Conquista do Paraíso***, direção: Eliseo Subiela.

Produção argentina. Elenco argentino (Arturo Puig, Raúl Lavié, José Maria Gutierrez, Alicia Bruzzo, Guillermo Battaglia) e brasileiro (Jofre Soares, Rejane Medeiros, Kátia D'Ângelo e Marlene França).

1981

- ***Chick Fowle, o Faixa Preta do Cinema***, direção: Roberto Santos

Curta-metragem, com depoimento de Marlene França, produção de César Mêmolo (Lynxfilm).

1983

- ***Nasce uma Mulher***, direção: Roberto Santos. Com: Dani Patarra, Marlene França, David José,

Com "Paula", Marlene França mostra que não é apenas bonita

**As
porno-chanchadas,
ela tem certeza,
fazem parte do
passado. Não as
renega nem as
descarta, mas
pretende um
trabalho mais sério.
Baiana de Feira de
Santana, Marlene
França quer dar
sequência a uma
nova fase, iniciada
no teatro com
Dorotéia vai à guerra
e Sinal de vida. E
Paula, filme de
Francisco Ramalho
Jr. — estréia
amanhã —, segundo
a atriz, acentua essa
imagem.**



Marlene: sensual, mas com seriedade.

Cinema

Míriam Muniz, Juliana Carneiro da Cunha, Denoy de Oliveira, Ruthinéa de Moraes.

- ***O Último Voo do Condor***, direção: Emílio Fontana.

Roteiro de Emílio Fontana, José Louzeiro e Antônio Carlos Fon. Com: Cláudio Marzo, Marlene França, Denoy de Oliveira, Tânia Lourenço, André França Ippolito e integrantes da Escola de Preparação de Atores de Emílio Fontana.

1987

- ***Quincas Borba***, direção: Roberto Santos.

Adaptação do romance homônimo de Machado de Assis. Com: Helber Rangel, Fúlvio Stefanini, Brigitte Broder, Paulo Villaça, Laura Cardoso, Marlene França, Walter Foster, Luiz Serra.

222

1988/1990

- ***Desordem em Progresso***

Episódio dirigido por Carlos Reichenbach, para o longa-metragem internacional *City Life* (produção holandesa, composta de 11 episódios). Além do realizador brasileiro, o filme contou com episódios de Ken Loach, Krzysztof Kieslowski, Jim Jarmush, entre outros.



Em O Último Voo do Condor

Cinema

Como Diretora

1983

- ***Frei Tito***, direção: Marlene França. Fotografia de Aloysio Raulino. Documentário sobre Tito de Alencar, frei dominicano que se suicidou no exílio (35 mm, 14 minutos).

1985

- ***Mulheres da Terra***, direção: Marlene França. Produção de Ângelo Andrea Matarazzo Ippolito. Fotografia de Aloysio Raulino (16 mm, 25 minutos).

1988

- ***Meninos de Rua***, direção: Marlene França. Documentário sobre menores de rua. Produção de Ângelo Andrea Matarazzo Ippolito. Fotografia de Aloysio Raulino (35 mm, 22 minutos).

1989/1991

- ***O Vale das Mulheres***, direção: Marlene França. Vídeo documental. Produção de Conrado Behring. Produtora: Verbo Filmes. Documentário de média-metragem sobre mulheres que trabalham como lavradoras nas plantações de mandioca ou colhendo frutas (na região de Miracatu).

Teatro

- ***A Idade dos Homens***, direção: Egídio Eccio, ex-ator do TBC.

De Osman Lins. Peça sobre o rumoroso caso *Aída Curi*. Com: Fúlvio Stefanini, Nydia Licia, Jairo Arco e Flexa, Marlene França (no papel de Aída Curi).

- ***Sinal de Vida***, direção: Lauro Cesar Muniz. Com: Antônio Fagundes, Marlene França, Kate Hansen, Cléo Ventura.

- ***A Grande Chantagem***, direção: Antunes Filho. De Clifford Odetts. Com: Raul Cortez, Irina Grecco, Karin Rodrigues, Marlene França (no Teatro Oficina).

- ***Doroteia vai à Guerra***, direção: Míriam Muniz. Produtor Ângelo Andrea Ippolito. Cenografia: Flávio Império. Com: Marlene França e Benedito Corsi (no Teatro de Arena).

- ***A Casa das Ilusões***, direção de Hélio Eidbones. No pequeno Café Concerto, espaço teatral fundado por Leina Krespi, Marlene França e duas sócias espanholas.



Decorando o texto de Sinal de Vida



Na peça Dorotéia Vai à Guerra, com Benedito Corsi

A. Andrea Ippolito apresenta
BENEDITO CORSI
MARLENE FRANÇA
Texto de **CARLOS ALBERTO RATTON**
Direção de **MIRIAM MUNIZ**
Cenografia de **FLÁVIO IMPERIO**

DOROTEIA

vai à guerra

TEATRO DE **arena**



A. Andrea Ippolito apresenta

DOROTEIA

vai à guerra

de **Carlos Alberto Rattton**

com **BENEDITO CORSI**
MARLENE FRANÇA

Direção: **Miriam Muniz**

Iluminação: **Nelson Sorrentino**

Trilha Sonora: **Tonica**

Produção Executiva: **Lilia Costa**

Fotografia: **J. Marreco G. Baraldi**

Camareira: **Rose**

Cenografia: **Flávio Imperio**

Assist. Cenog.: **Luiz Parreiras · Cecília Cerrofi**

Cenotécnico: **Arquimedes Ribeiro**

Diretor de Cena: **Carlos Cabrera**

Assist. de Produção: **Amaury França**

Assist. de Direção: **Carlos D'Andretta**

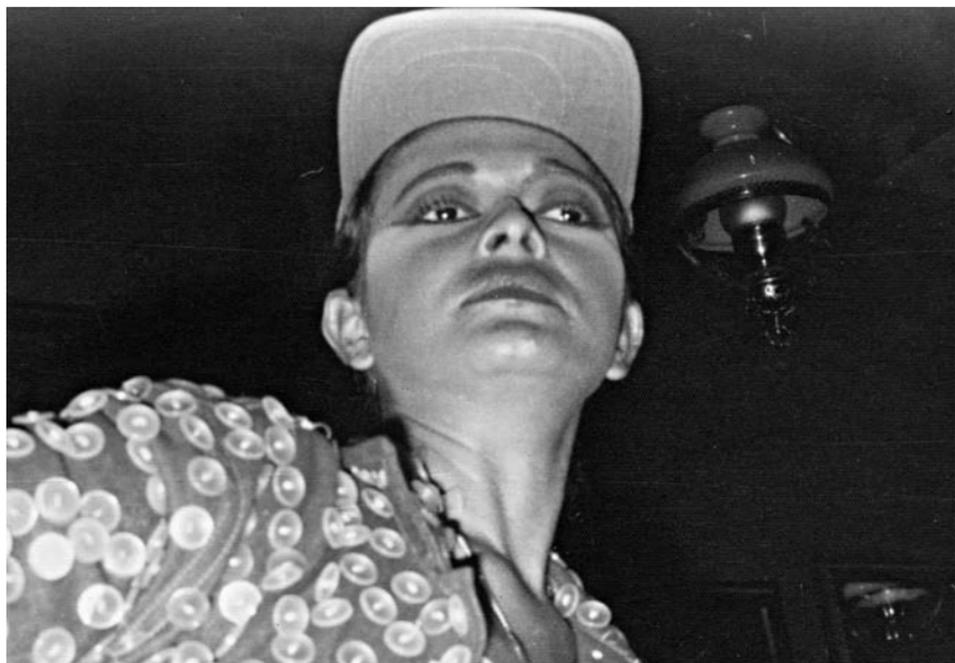
Administração Geral: **A.A. Ippolito**

Assist. de Administração: **...**





Na peça Dorotéia Vai à Guerra



Na peça Ensaio Selvagem, com Edwin Luisi





Na peça Ensaio Selvagem, com Edwin Luisi

Televisão

Inicia como garota-propaganda na extinta TV Excelsior. Lá trabalha durante dois anos como apresentadora.

- ***A Deusa Vencida***, direção: Walter Avancini. Novela de Ivani Ribeiro. Com: Glória Menezes, Edson França, Altair Lima, Regina Duarte, Ruth de Souza, Marlene França.

- ***TV Tupi***

Atua em vários teleteatros da TV Tupi.

- ***Depois do Baile Verde***, direção: Roberto Santos.

Especial baseado em conto homônimo de Lygia Fagundes Telles, TV Cultura. Com Marlene França.

Índice

No Passado Está a História do Futuro – Alberto Goldman	5
Coleção Aplauso – Hubert Alquéres	7
Apresentação – Maria do Rosário Caetano	15
Nasce uma Mulher	25
Nasce uma Atriz	35
A Luta na Cidade Grande	47
Os Primeiros Filmes	57
Uma Beleza Típica nos <i>Nordestern Movies</i>	63
A Entrada no Clã Matarazzo Ippolito	79
Uma Nega Chamada Tereza	97
Uma Atriz na Boca Paulistana	109
O Trabalho com Roberto Santos	151
Nasce uma Diretora	167
Cronologia	209

Crédito das Fotografias

Acervo Alfredo Sternheim 110, 120, 121, 122, 124, 149, 150, 217

Divulgação 34, 40, 44, 75, 76, 77, 78, 104, 106, 107, 108, 116, 130, 141, 142, 143, 145, 147, 148, 213

Marisa Alvarez Lima 206

A despeito dos esforços de pesquisa empreendidos pela Editora para identificar a autoria das fotos expostas nesta obra, parte delas não é de autoria conhecida de seus organizadores.

Agradecemos o envio ou comunicação de toda informação relativa à autoria e/ou a outros dados que porventura estejam incompletos, para que sejam devidamente creditados.

Coleção Aplauso

Série Cinema Brasil

Alain Fresnot – Um Cineasta sem Alma

Alain Fresnot

Agostinho Martins Pereira – Um Idealista

Máximo Barro

Alfredo Sternheim – Um Insólito Destino

Alfredo Sternheim

O Ano em Que Meus Pais Saíram de Férias

Roteiro de Cláudio Galperin, Bráulio Mantovani, Anna Muylaert e Cao Hamburger

Anselmo Duarte – O Homem da Palma de Ouro

Luiz Carlos Merten

Antonio Carlos da Fontoura – Espelho da Alma

Rodrigo Murat

Ary Fernandes – Sua Fascinante História

Antônio Leão da Silva Neto

O Bandido da Luz Vermelha

Roteiro de Rogério Sganzerla

Batismo de Sangue

Roteiro de Dani Patarra e Helvécio Ratton

Bens Confiscados

Roteiro comentado pelos seus autores Daniel Chaia e Carlos Reichenbach

Braz Chediak – Fragmentos de uma Vida

Sérgio Rodrigo Reis

Cabra-Cega

Roteiro de Di Moretti, comentado por Toni Venturi e Ricardo Kauffman

O Caçador de Diamantes

Roteiro de Vittorio Capellaro, comentado por Máximo Barro

Carlos Coimbra – Um Homem Raro

Luiz Carlos Merten

Carlos Reichenbach – O Cinema Como Razão de Viver

Marcelo Lyra

A Cartomante

Roteiro comentado por seu autor Wagner de Assis

Casa de Meninas

Romance original e roteiro de Inácio Araújo

O Caso dos Irmãos Naves

Roteiro de Jean-Claude Bernardet e Luis Sérgio Person

O Céu de Suely

Roteiro de Karim Aïnouz, Felipe Bragança e Maurício Zacharias

Chega de Saudade

Roteiro de Luiz Bolognesi

Cidade dos Homens

Roteiro de Elena Soárez

Como Fazer um Filme de Amor

Roteiro escrito e comentado por Luiz Moura e José Roberto Torero

O Contador de Histórias

Roteiro de Luiz Villaça, Mariana Veríssimo, Maurício Arruda e José Roberto Torero

Críticas de B.J. Duarte – Paixão, Polêmica e Generosidade

Luiz Antonio Souza Lima de Macedo

Críticas de Edmar Pereira – Razão e Sensibilidade

Org. Luiz Carlos Merten

***Críticas de Jairo Ferreira – Críticas de invenção:
Os Anos do São Paulo Shimbun***

Org. Alessandro Gamo

***Críticas de Luiz Geraldo de Miranda Leão –
Analisando Cinema: Críticas de LG***

Org. Aurora Miranda Leão

Críticas de Ruben Biáfara – A Coragem de Ser

Org. Carlos M. Motta e José Júlio Spiewak

De Passagem

Roteiro de Cláudio Yosida e Direção de Ricardo Elias

Desmundo

Roteiro de Alain Fresnot, Anna Muylaert e Sabina Anzuategui

Djalma Limongi Batista – Livre Pensador

Marcel Nadale

Dogma Feijoada: O Cinema Negro Brasileiro

Jeferson De

Dois Córregos

Roteiro de Carlos Reichenbach

A Dona da História

Roteiro de João Falcão, João Emanuel Carneiro e Daniel Filho

Os 12 Trabalhos

Roteiro de Cláudio Yosida e Ricardo Elias

Estômago

Roteiro de Lusa Silvestre, Marcos Jorge e Cláudia da Natividade

Feliz Natal

Roteiro de Selton Mello e Marcelo Vindicatto

Fernando Meirelles – Biografia Prematura

Maria do Rosário Caetano

Fim da Linha

Roteiro de Gustavo Steinberg e Guilherme Werneck; Storyboards de Fábio Moon e Gabriel Bá

Fome de Bola – Cinema e Futebol no Brasil

Luiz Zanin Oricchio

Francisco Ramalho Jr. – Éramos Apenas Paulistas

Celso Sabadin

Geraldo Moraes – O Cineasta do Interior

Klecius Henrique

Guilherme de Almeida Prado – Um Cineasta Cinéfilo

Luiz Zanin Oricchio

Helvécio Ratton – O Cinema Além das Montanhas

Pablo Villaça

O Homem que Virou Suco

Roteiro de João Batista de Andrade, organização de Ariane Abdallah e Newton Cannito

Ivan Cardoso – O Mestre do Terrir

Remier

João Batista de Andrade – Alguma Solidão e Muitas Histórias

Maria do Rosário Caetano

Jorge Bodanzky – O Homem com a Câmera

Carlos Alberto Mattos

José Antonio Garcia – Em Busca da Alma Feminina

Marcel Nadale

José Carlos Burle – Drama na Chanchada

Máximo Barro

Liberdade de Imprensa – O Cinema de Intervenção

Renata Fortes e João Batista de Andrade

Luiz Carlos Lacerda – Prazer & Cinema

Alfredo Sternheim

Maurice Capovilla – A Imagem Crítica

Carlos Alberto Mattos

Mauro Alice – Um Operário do Filme

Sheila Schwarzman

Máximo Barro – Talento e Altruísmo

Alfredo Sternheim

Miguel Borges – Um Lobisomem Sai da Sombra

Antônio Leão da Silva Neto

Não por Acaso

Roteiro de Philippe Barcinski, Fabiana Werneck Barcinski
e Eugênio Puppó

Narradores de Javé

Roteiro de Eliane Caffé e Luís Alberto de Abreu

Olhos Azuis

Argumento de José Joffily e Jorge Duran
Roteiro de Jorge Duran e Melanie Dimantas

Onde Andará Dulce Veiga

Roteiro de Guilherme de Almeida Prado

Orlando Senna – O Homem da Montanha

Hermes Leal

Pedro Jorge de Castro – O Calor da Tela

Rogério Menezes

Quanto Vale ou É por Quilo

Roteiro de Eduardo Benaim, Newton Cannito e Sergio Bianchi

Ricardo Pinto e Silva – Rir ou Chorar

Rodrigo Capella

Rodolfo Nanni – Um Realizador Persistente

Neusa Barbosa

Salve Geral

Roteiro de Sergio Rezende e Patrícia Andrade

O Signo da Cidade

Roteiro de Bruna Lombardi

Ugo Giorgetti – O Sonho Intacto

Rosane Pavam

Viva-Voz

Roteiro de Márcio Alemão

Vladimir Carvalho – Pedras na Lua e Pelejas no Planalto

Carlos Alberto Mattos

Vlado – 30 Anos Depois

Roteiro de João Batista de Andrade

Zuzu Angel

Roteiro de Marcos Bernstein e Sergio Rezende

Série Cinema

Bastidores – Um Outro Lado do Cinema

Elaine Guerini

Série Ciência & Tecnologia

Cinema Digital – Um Novo Começo?

Luiz Gonzaga Assis de Luca

A Hora do Cinema Digital – Democratização e Globalização do Audiovisual

Luiz Gonzaga Assis De Luca

Série Crônicas

Crônicas de Maria Lúcia Dahl – O Quebra-cabeças

Maria Lúcia Dahl

Série Dança

Rodrigo Pederneiras e o Grupo Corpo – Dança Universal
Sérgio Rodrigo Reis

Série Música

Maestro Diogo Pacheco – Um Maestro para Todos
Alfredo Sternheim

Rogério Duprat – Ecletismo Musical
Máximo Barro

Sérgio Ricardo – Canto Vadio
Eliana Pace

Wagner Tiso – Som, Imagem, Ação
Beatriz Coelho Silva

Série Teatro Brasil

Alcides Nogueira – Alma de Cetim
Tuna Dwek

Antenor Pimenta – Circo e Poesia
Danielle Pimenta

Cia de Teatro Os Satyros – Um Palco Visceral
Alberto Guzik

Críticas de Clóvis Garcia – A Crítica Como Ofício
Org. Carmelinda Guimarães

Críticas de Maria Lucia Candeias – Duas Tábuas e Uma Paixão
Org. José Simões de Almeida Júnior

Federico Garcia Lorca – Pequeno Poema Infinito
Antonio Gilberto e José Mauro Brant

Ilo Krugli – Poesia Rasgada
Ieda de Abreu

João Bethencourt – O Locatário da Comédia

Rodrigo Murat

José Renato – Energia Eterna

Hersch Basbaum

Leilah Assumpção – A Consciência da Mulher

Eliana Pace

Luís Alberto de Abreu – Até a Última Sílab

Adélia Nicolete

Maurice Vaneau – Artista Múltiplo

Leila Corrêa

Renata Palottini – Cumprimenta e Pede Passagem

Rita Ribeiro Guimarães

Teatro Brasileiro de Comédia – Eu Vivi o TBC

Nydia Licia

O Teatro de Abílio Pereira de Almeida

Abílio Pereira de Almeida

O Teatro de Aimar Labaki

Aimar Labaki

O Teatro de Alberto Guzik

Alberto Guzik

O Teatro de Antonio Rocco

Antonio Rocco

O Teatro de Cordel de Chico de Assis

Chico de Assis

O Teatro de Emílio Boechat

Emílio Boechat

*O Teatro de Germano Pereira – Reescrevendo
Clássicos*

Germano Pereira

O Teatro de José Saffioti Filho

José Saffioti Filho

***O Teatro de Alcides Nogueira – Trilogia: Ópera
Joyce – Gertrude Stein, Alice Toklas & Pablo Picasso –
Pólvora e Poesia***

Alcides Nogueira

***O Teatro de Ivam Cabral – Quatro textos para um tea-
tro veloz: Faz de Conta que tem Sol lá Fora – Os Cantos
de Maldoror – De Profundis – A Herança do Teatro***

Ivam Cabral

***O Teatro de Noemi Marinho: Fulaninha e Dona
Coisa, Homeless, Cor de Chá, Plantonista Vilma***

Noemi Marinho

Teatro de Revista em São Paulo – De Pernas para o Ar

Neyde Veneziano

***O Teatro de Samir Yazbek: A Entrevista –
O Fingidor – A Terra Prometida***

Samir Yazbek

O Teatro de Sérgio Roveri

Sérgio Roveri

***Teresa Aguiar e o Grupo Rotunda – Quatro Décadas
em Cena***

Ariane Porto

Série Perfil

Analy Alvarez – De Corpo e Alma

Nicolau Radamés Creti

Aracy Balabanian – Nunca Fui Anjo

Tania Carvalho

Arlete Montenegro – Fé, Amor e Emoção

Alfredo Sternheim

Ary Fontoura – Entre Rios e Janeiros

Rogério Menezes

Berta Zemel – A Alma das Pedras

Rodrigo Antunes Corrêa

Bete Mendes – O Cão e a Rosa

Rogério Menezes

Betty Faria – Rebelde por Natureza

Tania Carvalho

Carla Camurati – Luz Natural

Carlos Alberto Mattos

Cecil Thiré – Mestre do seu Ofício

Tania Carvalho

Celso Nunes – Sem Amarras

Eliana Rocha

Cleyde Yaconis – Dama Discreta

Vilmar Ledesma

David Cardoso – Persistência e Paixão

Alfredo Sternheim

Débora Duarte – Filha da Televisão

Laura Malin

Denise Del Vecchio – Memórias da Lua

Tuna Dwek

Elisabeth Hartmann – A Sarah dos Pampas

Reinaldo Braga

Emiliano Queiroz – Na Sobremesa da Vida

Maria Leticia

Emilio Di Biasi – O Tempo e a Vida de um Aprendiz

Erika Riedel

Etty Fraser – Virada Pra Lua

Vilmar Ledesma

***Ewerton de Castro – Minha Vida na Arte:
Memória e Poética***

Reni Cardoso

Fernanda Montenegro – A Defesa do Mistério

Neusa Barbosa

Fernando Peixoto – Em Cena Aberta

Marília Balbi

Geórgia Gomide – Uma Atriz Brasileira

Eliana Pace

Gianfrancesco Guarnieri – Um Grito Solto no Ar

Sérgio Roveri

Glauco Mirko Laurelli – Um Artesão do Cinema

Maria Angela de Jesus

Ilka Soares – A Bela da Tela

Wagner de Assis

Irene Ravache – Caçadora de Emoções

Tania Carvalho

Irene Stefania – Arte e Psicoterapia

Germano Pereira

Isabel Ribeiro – Iluminada

Luis Sergio Lima e Silva

Isolda Cresta – Zozô Vulcão

Luis Sérgio Lima e Silva

Joana Fomm – Momento de Decisão

Vilmar Ledesma

John Herbert – Um Gentleman no Palco e na Vida

Neusa Barbosa

Jonas Bloch – O Ofício de uma Paixão

Nilu Lebert

Jorge Loredo – O Perigote do Brasil

Cláudio Fragata

José Dumont – Do Cordel às Telas

Klecius Henrique

Leonardo Villar – Garra e Paixão

Nydia Licia

Lília Cabral – Descobrimo Lília Cabral

Analu Ribeiro

Lolita Rodrigues – De Carne e Osso

Eliana Castro

Louise Cardoso – A Mulher do Barbosa

Vilmar Ledesma

Marcos Caruso – Um Obstinado

Eliana Rocha

Maria Adelaide Amaral – A Emoção Libertária

Tuna Dwek

Marisa Prado – A Estrela, O Mistério

Luiz Carlos Lisboa

Mauro Mendonça – Em Busca da Perfeição

Renato Sérgio

Miriam Mehler – Sensibilidade e Paixão

Vilmar Ledesma

Naum Alves de Souza: Imagem, Cena, Palavra

Alberto Guzik

Nicette Bruno e Paulo Goulart – Tudo em Família

Elaine Guerrini

Nívea Maria – Uma Atriz Real

Mauro Alencar e Eliana Pace

Niza de Castro Tank – Niza, Apesar das Outras

Sara Lopes

Paulo Betti – Na Carreira de um Sonhador

Teté Ribeiro

Paulo José – Memórias Substantivas

Tania Carvalho

Paulo Hesse – A Vida Fez de Mim um Livro e Eu Não Sei Ler

Eliana Pace

Pedro Paulo Rangel – O Samba e o Fado

Tania Carvalho

Regina Braga – Talento é um Aprendizado

Marta Góes

Reginaldo Faria – O Solo de Um Inquieto

Wagner de Assis

Renata Fronzi – Chorar de Rir

Wagner de Assis

Renato Borghi – Borghi em Revista

Élcio Nogueira Seixas

Renato Consorte – Contestador por Índole

Eliana Pace

Rolando Boldrin – Palco Brasil

Ieda de Abreu

Rosamaria Murtinho – Simples Magia

Tania Carvalho

Rubens de Falco – Um Internacional Ator Brasileiro

Nydia Licia

Ruth de Souza – Estrela Negra

Maria Ângela de Jesus

Sérgio Hingst – Um Ator de Cinema

Máximo Barro

Sérgio Viotti – O Cavaleiro das Artes

Nilu Lebert

Silnei Siqueira – A Palavra em Cena

Ieda de Abreu

Silvio de Abreu – Um Homem de Sorte

Vilmar Ledesma

Sônia Guedes – Chá das Cinco

Adélia Nicolete

Sonia Maria Dorce – A Queridinha do meu Bairro

Sonia Maria Dorce Armonia

Sonia Oiticica – Uma Atriz Rodriguiana?

Maria Thereza Vargas

Stênio Garcia – Força da Natureza

Wagner Assis

Suely Franco – A Alegria de Representar

Alfredo Sternheim

Tatiana Belinky – ... E Quem Quiser Que Conte Outra

Sérgio Roveri

Theresa Amayo – Ficção e Realidade

Theresa Amayo

Tony Ramos – No Tempo da Delicadeza

Tania Carvalho

Umberto Magnani – Um Rio de Memórias

Adélia Nicolete

Vera Holtz – O Gosto da Vera

Analu Ribeiro

Vera Nunes – Raro Talento

Eliana Pace

Walderez de Barros – Voz e Silêncios

Rogério Menezes

Walter George Durst – Doce Guerreiro

Nilu Lebert

Zezé Motta – Muito Prazer

Rodrigo Murat

Especial

Agildo Ribeiro – O Capitão do Riso

Wagner de Assis

Av. Paulista, 900 – a História da TV Gazeta

Elmo Francfort

Beatriz Segall – Além das Aparências

Nilu Lebert

Carlos Zara – Paixão em Quatro Atos

Tania Carvalho

Célia Helena – Uma Atriz Visceral

Nydia Licia

Charles Möeller e Claudio Botelho – Os Reis dos Musicais

Tania Carvalho

Cinema da Boca – Dicionário de Diretores

Alfredo Sternheim

Dina Sfat – Retratos de uma Guerreira

Antonio Gilberto

Eva Todor – O Teatro de Minha Vida

Maria Angela de Jesus

Eva Wilma – Arte e Vida

Edla van Steen

Gloria in Excelsior – Ascensão, Apogeu e Queda do Maior Sucesso da Televisão Brasileira

Álvaro Moya

Lembranças de Hollywood

Dulce Damasceno de Britto, organizado por Alfredo Sternheim

Maria Della Costa – Seu Teatro, Sua Vida

Warde Marx

Mazzaropi – Uma Antologia de Risos

Paulo Duarte

Ney Latorraca – Uma Celebração

Tania Carvalho

***Odorico Paraguaçu: O Bem-amado de Dias
Gomes – História de um Personagem Larapista e
Maquiavelento***

José Dias

Raul Cortez – Sem Medo de se Expor

Nydia Licia

Rede Manchete – Aconteceu, Virou História

Elmo Francfort

Sérgio Cardoso – Imagens de Sua Arte

Nydia Licia

Tônia Carrero – Movidada pela Paixão

Tania Carvalho

TV Tupi – Uma Linda História de Amor

Vida Alves

Victor Berbara – O Homem das Mil Faces

Tania Carvalho

***Walmor Chagas – Ensaio Aberto para Um Homem
Indignado***

Djalma Limongi Batista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**

Caetano, Maria do Rosário

Marlene França: do sertão da Bahia ao clã Matarazzo /
Maria do Rosário Caetano – São Paulo: Imprensa Oficial do
Estado de São Paulo, 2010.

260p. : il. – (Coleção Aplauso. Série Perfil / Coordenador
geral Rubens Ewald Filho)

ISBN 978-85-7060-910-6

1. Atores e atrizes de cinema – Biografia 2. Atores e
atrizes de teatro – Biografia 3. Atores e atrizes de televisão –
Biografia 4. França, Marlene, 1943 I. Ewald Filho, Rubens.
II. Título. III. Série.

CDD 791.092

Índice para catálogo sistemático:

1. Atores e atrizes brasileiros: Biografia: Representações
públicas: Artes 791.092

Proibida reprodução total ou parcial sem autorização
prévia do autor ou dos editores
Lei nº 9.610 de 19/02/1998

Foi feito o depósito legal
Lei nº 10.994, de 14/12/2004

Impresso no Brasil / 2010

Todos os direitos reservados.

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Rua da Mooca, 1921 Mooca
03103-902 São Paulo SP
www.imprensaoficial.com.br/livraria
livros@imprensaoficial.com.br
SAC 0800 01234 01
sac@imprensaoficial.com.br

Coleção Aplauso Série Perfil

Coordenador Geral	Rubens Ewald Filho
Coordenador Operacional e Pesquisa Iconográfica	Marcelo Pestana
Projeto Gráfico	Carlos Cirne
Editor Assistente	Claudio Erlichman
Assistente	Karina Vernizzi
Editoração	Fátima Consales Aline Navarro
Tratamento de Imagens	José Carlos da Silva
Revisão	Dante Pascoal Corradini

Formato: 12 x 18 cm

Tipologia: Frutiger

Papel miolo: Offset LD 90 g/m²

Papel capa: Triplex 250 g/m²

Número de páginas: 260

Editoração, CTP, impressão e acabamento:
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

*Nesta edição, respeitou-se o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*

Coleção *Aplauso* | em todas as livrarias e no site
www.imprensaoficial.com.br/livraria

|imprensaoficial

Esta é uma das mais extraordinárias carreiras do cinema brasileiro. Marlene França foi descoberta pelo crítico e diretor Alex Viany quando era menina pobre, filha de retirantes numa feira em Salvador e ganhou um papel importante no episódio Ana do filme internacional *A Rosa dos Ventos* (1957). Foi o despertar de uma longa carreira construída com muita garra, determinação e talento, que incluem quase 50 trabalhos no cinema e na televisão.



Marlene esteve em filmes memoráveis sob a direção de Walter Hugo Khouri (*Fronteiras do Inferno*), Carlos Coimbra (*A Morte Comanda o Cangaço, Lampião, o rei do Cangaço*), Fauzi Mansur (*Sinal Vermelho-Fêmeas, A Noite do Desejo, A Noite das Fêmeas*), Rubem Biáfora (*A Casa das Tentações*), Ozualdo Candeias (*Caçada Sangrenta*) e Roberto Santos (*Nasce uma Mulher, Quincas Borba*).



Também se tornou diretora de documentários engajados em preocupações sociais (*Frei Tito, Mulheres da Terra, Meninos de Rua*) e na vida particular, casou-se com um herdeiro da lendária família Matarazzo.



Sua história fascinante é contada pela jornalista Maria do Rosário em mais este lançamento da **Coleção Aplauso da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo** no seu trabalho de resgate e preservação da memória cultural do Brasil.

ISBN 978-85-7060-910-6



9 788570 609106